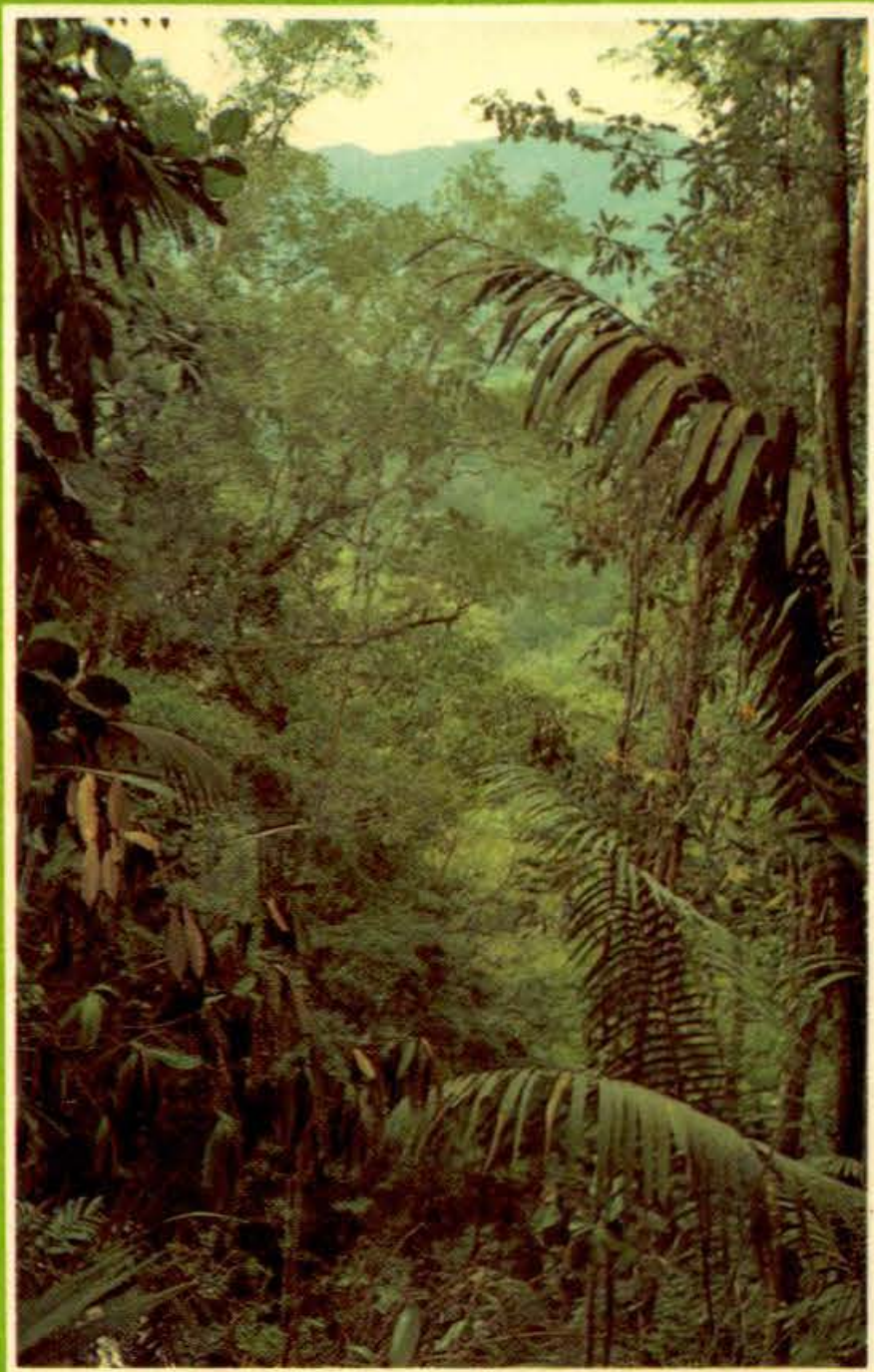


1 de Outubro de 1973. No coração da floresta, os Venezuelanos abriram enorme clareira, onde aterram grandes aviões. Aí se encontra, também, uma base de helicópteros, graças aos quais pude fazer o actual reconhecimento. Todos os dias transportam, nessa região do tamanho de metade da França, equipas de geólogos encarregados de elaborar as cartas do subsolo, que se revela de uma riqueza insuspeitada. Foi aí que pude sentir, mais nítido, o choque dos dois mundos, do qual se diz ser o Índio, inelutavelmente, o único vencido, isto, se conseguir escapar com vida. O pessimismo cheira a humor negro, hipócrita: na verdade, aquele que detém os instrumentos da morte é o primeiro a invocar a desculpa da fatalidade e pretende sempre conhecer os outros. Será que se conhecem os Índios? Outro dia, dois geólogos, procurando amostras de terreno, inopinadamente deram de caras com uma nova tribo. A Terra é mensurável. Mas haverá sempre no homem algo de incomensurável. Se assim não fosse, que sucederia à aventura?

Alain Gheerbrant, jornalista, escritor, cineasta, poeta e explorador, nasceu em Paris a 27 de Dezembro de 1920. Faz a



sua primeira viagem rumo à Amazônia aos seis anos de idade, muni-do dum arco de madeira e duma lona; esta viagem terminará logo ao fim do primeiro dia, em... La Croix-de-Berny! Em Junho de 1940, é admitido na Escola de Saint-Cyr, seguidamente frequenta a Escola de Saumur. A guerra obriga-o a passar à clandestinidade em 1941. Restaurada a paz, publica os primeiros poemas, ensaios e críticas literárias. De 1948-1950, é correspondente do jornal *Combat* na Colômbia. É nesta

altura que organiza a Expedição Orenoco-Amazonas. Seguidamente, torna-se enviado especial no Congo, sendo mandado em missão aos Camarões pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros francês, seguidamente pela UNESCO, realizando numerosas reportagens em África, na América Latina e no Japão.

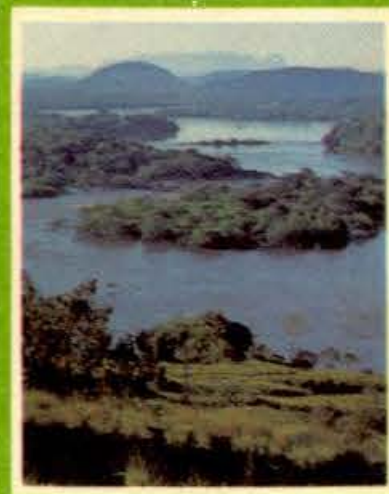
GIGANTES DA AVENTURA



ALAIN GHEERBRANT NOS CONFINS DA AMAZONIA

G
VERBO

A serra Parima não existia nas cartas. Para a descobrir, uma expedição embrenha-se...



NOS CONFINS DA AMAZONIA



«**S**e alguma vez os encontrarem — diziam-nos —, atirem sempre em primeiro lugar, e que Deus os proteja.» Mas nós tínhamos jurado não utilizar armas de fogo contra os homens da floresta. Era nosso desejo vencer, mas pacificamente: esse, o fim essencial da expedição.

GIGANTES DA AVENTURA
VERBO

ALAIN GHEERBRANT

GIGANTES DA AVENTURA

Três séculos antes da nossa era, escreveu Platão: "Há três espécies de homens: os vivos, os mortos e os que andam no mar."

Era com estas palavras que o filósofo grego saudava os navegadores que defrontavam o oceano para fazer recuar as linhas de fronteira do mundo antigo.

Dois mil anos depois, o espírito de aventura não se perdeu e continua presente na escalada do espaço ou à superfície da terra, no mar ou nas suas profundidades. Numa época em que os jornais, a televisão, o cinema, nos permitem, sem sairmos de casa, percorrer o mundo em que vivemos, conhecer o universo, participar nas grandes descobertas científicas, a aventura surge como um valor longínquo. Contudo, é ele que está presente nesses homens do presente e nos permite conhecê-los e reconhecê-los como os novos

GIGANTES DA AVENTURA

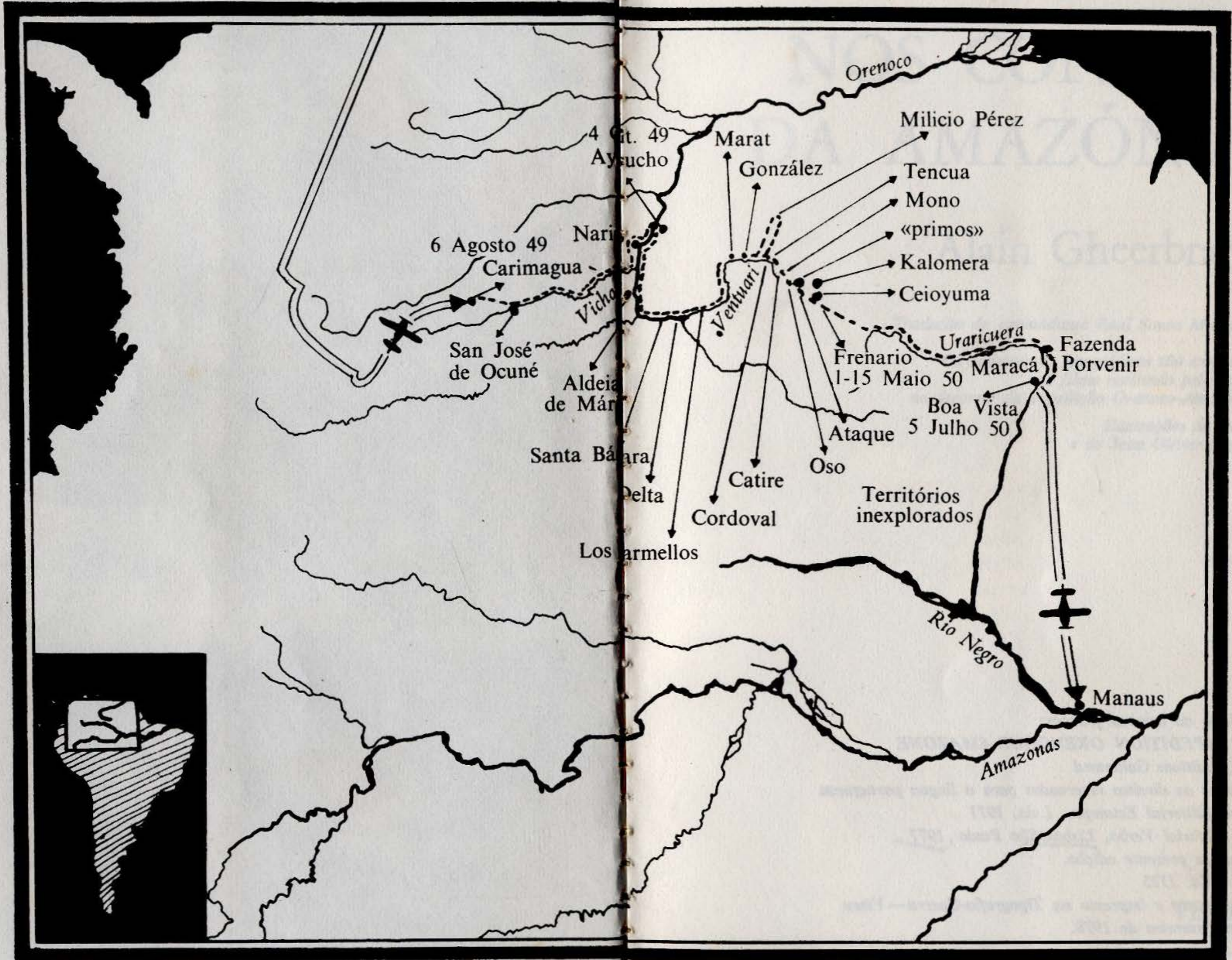
1

COLEÇÃO GIGANTES DA AVENTURA



Mapa do itinerário seguido pela expedição
Orenoco-Amazonas, de 6 de Agosto de 1949,
data da sua chegada a Carimagua,
a 2 de Julho de 1950, dia em que reencontrou
o mundo civilizado.

A situação das aldeias das tribos, assim como dos
locais das dificuldades principais que os
exploradores enfrentaram encontram-se
assinalados neste mapa.





7

*Alain Gheerbrant,
durante a expedição.*

NOS CONFINES DA AMAZÔNIA

Alain Gheerbrant

Tradução do comandante Raul Sousa Machado

com qualidade pré-histórica Os documentos fotográficos são extraídos do filme realizado pelo autor no decorrer da expedição Orenoco-Amazonas

*Ilustrações do autor
e de Jean Olivier Heron*

Renato Nicolai

Titulo do original francês:

L'EXPEDITION ORENOQUE-AMAZONE

© Éditions Gallimard

Todos os direitos reservados para a língua portuguesa

por Editorial Estampa, L da, 1971

e Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo, 1977

para a presente edição.

N.º Ed. 1125

Composto e impresso na Tipografia-Guerra—Viseu

em Fevereiro de 1978.

Lisboa

VERBO

1978

À esquerda: alagem de uma piroga para ultrapassar um rápido.



9

À direita: Mário, «capitão-general» da tribo dos Piaroas.

A caminho do Orenoco

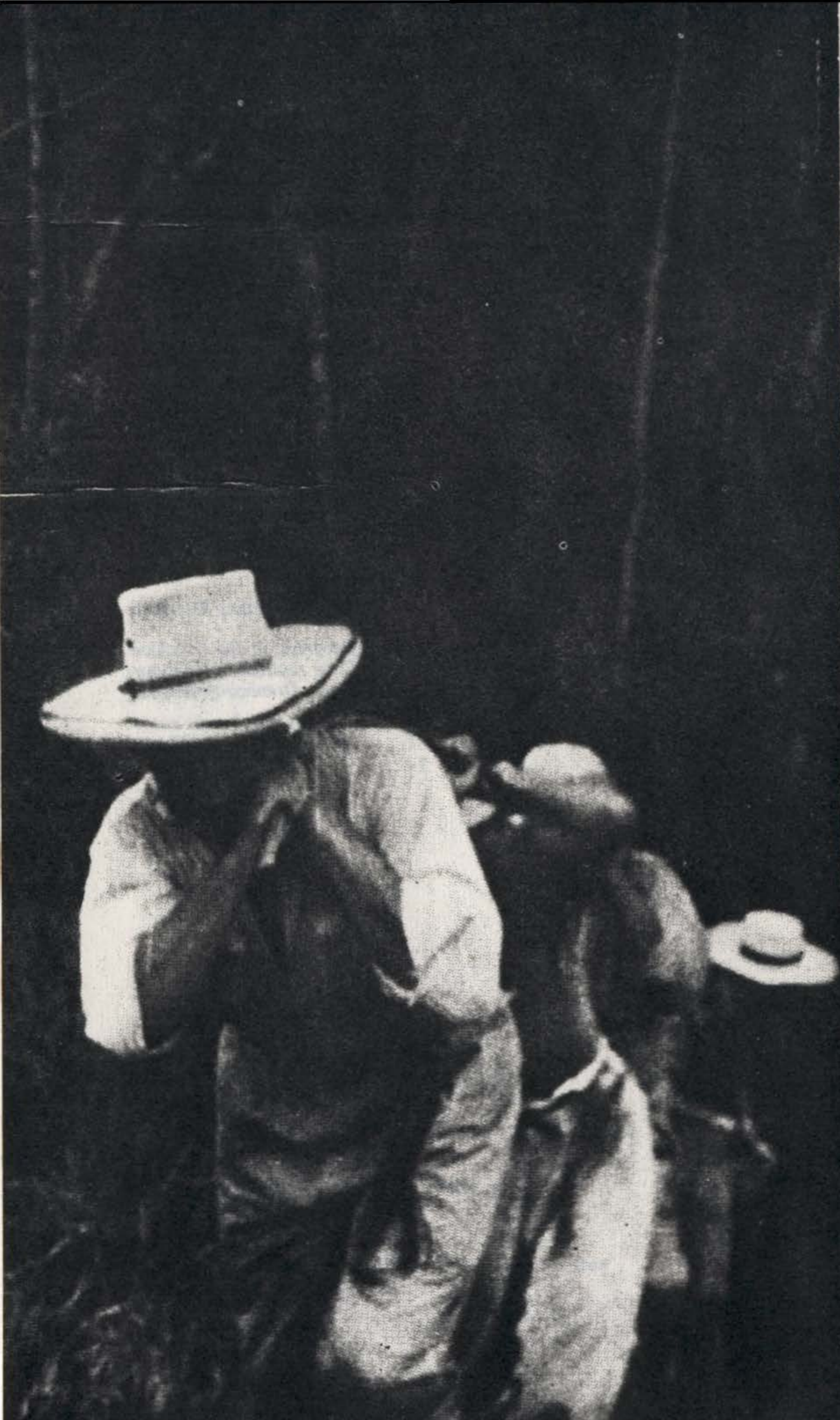
Os últimos brancos e os primeiros índios

A vida secreta dos Piaroas

Durante duas horas o avião ronronou, rumo a nordeste. Sentados nos caixotes que constituíam a nossa bagagem, víamos desfilir lá em baixo o imenso tapete amarelo da planície, que nem o mais pequeno acidente de terreno interrompia. Raramente se distinguia, de longe em longe, o tecto de uma cabana índia, alapada sobre o solo e confundindo-se com ele.

Em dado momento, surge um rio largo, espreado no horizonte. Era o Meta. De carta na mão, inspeccionámos os terrenos da margem sul, procurando a mancha clara de uma lagoa. Esta apareceu por fim, ao mesmo tempo que um rectângulo preto a definir-se, nítido, na imensidão do plano. Vários caminhos lamacentos convergiam para cinco ou seis tectos de colmo alinhados à beira da lagoa: era Carimágua. O avião inclinou-se e descreveu uma curva larga, descendo para a pista de aterragem, que algumas balizas brancas delimitavam, frente às palhotas.

Rolámos no solo, o barulho dos motores cessou, abri-



A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

ram-se as portas. Na nossa frente, de pé sobre um camião que fazia marcha a trás para receber a caixotaria da bagagem, os irmãos Solanos, senhores destes sítios, sorriam, abanando os chapéus.

Meia hora depois, o avião, preocupado com regressar à base antes do anoitecer, levantava voo e desaparecia, rumo a oeste, fazendo roncar forte os motores sobre os cem mil quilómetros quadrados de savana que teria de transpor para voltar à cordilheira dos Andes, a Bogotá, à civilização que deixávamos.

Daí em diante estávamos, pois, sozinhos, face à aventura, sem nos restar qualquer meio de voltar atrás.

A 10 km de nós corria um rio, o Muco, que a 250 km mais adiante desaguava noutra maior, o Vichada, o qual, por sua vez, se ligava, quinhentos quilómetros mais longe, ao Orenoco. Era o percurso somado destas águas que teríamos de seguir para atingirmos o sopé da serra Parima, a desconhecida.

No dia seguinte ao da chegada, os nossos anfitriões convocaram um índio do Muco com o qual estavam de boas relações ...

— Vais descer já até à aldeia de teus pais — disse-lhe o mais velho dos Solanos. — Procuras uma grande canoa e remadores. Estes senhores comprarão a piroga, se ela lhes agradar. Senão, alugá-la-ão até ao Orenoco e pagarão aos homens a jorna a combinar. Podem ter confiança; sou eu que o digo. E agora vai e não te distraias pelo caminho. Esperamos-te de volta dentro de quatro dias.

Como prova de boa vontade, demos ao homem algumas moedas, adiantamento correspondente a uns dias de jorna, e ele desapareceu.

Os quatro dias passaram, aproveitando-os nós para fazermos uma última e minuciosa verificação do material. A película de cinema, toda em caixas metálicas fechadas com engenhosa combinação de soldadura, parafina e alca-

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

trão fundido, tinha resistido perfeitamente à humidade intensa do clima equatorial.

As munições, resguardadas igualmente em papel parafinado, estavam tão secas como à saída do armazém. Os fósforos acendiam como verdadeiros fósforos. Nem sequer havia mais formigas no nosso açúcar do que no de Carimágua. Enfim, tudo corria na perfeição.

Em 13 de Agosto, às sete da manhã, o homem reapareceu. Caminhou apressadamente para a mesa onde terminávamos um substancial pequeno-almoço de carne salgada e bolos de milho. Trazia na mão o arco e as flechas, e um velho chapéu de feltro cinzento descaía-lhe sobre os olhos:

— As pirogas estão no porto — disse. — Não havia nenhuma grande, por isso trouxe duas. Não encontrei remadores. Já não há homens na nossa terra. Partiram. Mas estes senhores podem fazer a viagem. O dono das canoas espera-os no porto, e há pagaias¹ para toda a gente. Ele acompanhá-los-á até San José de Ocuté. Os senhores podem comprar as embarcações ou alugá-las, conforme quiserem.

Um quarto de hora depois, o camião da fundação carregava a nossa caixotaria e nós descíamos para o porto de Muco.

As duas canoas não eram, com efeito, muito grandes. Uma vez carregadas com toda a nossa bagagem, haviam de ficar com a borda a rasar a água. Perigoso. Seguindo o conselho de um dos irmãos Solanos, ligámo-las então com barrotes, bem amarrados por cordas, dando assim maior estabilidade ao conjunto. E, após um último aperto de mão, afastámo-nos da margem, enquanto cada qual empunhava a sua pagaia e experimentava forças, iniciando a navegação. Como cortina que se corre, o renque de floresta ao longo do rio foi escondendo a pequena abertura de savana correspondente ao porto, e a silhueta dos irmãos Solanos desapareceu, para sempre, da nossa vista.

¹ Pagaia é um pequeno remo, de cabo curto e pá bastante larga.



O Oram, embarcação da expedição, é uma piroga enfalcada.

San José de Ocuné, a única povoação do Vichada, agrupa uma vintena de casas, duas curvas do rio antes da sua confluência no Muco, ou seja, a um pouco mais de duzentos e cinquenta quilómetros do nosso ponto de partida. Foram-nos necessários cinco dias para completar esta etapa, tão pouco avançavam as nossas carregadas embarcações. Não era possível continuar de tal forma até ao Orenoco. Nunca mais chegaríamos. Tornava-se necessário, custasse o que custasse, encontrar uma almadia grande e instalar-lhe o motor que possuíamos. Mas o Vichada não corre em meio de floresta, e por isso as grandes pirogas, talhadas de uma só peça em adequado tronco de árvore, eram muito raras por ali, praticamente inexistentes: ninguém, na povoação, possuía uma de arqueação superior à das nossas. Face ao contratempo, alguém se lembrou de propor solução que parecia satisfatória:

Maestro Sinforino, nosso anfitrião em San José de Ocuné, era carpinteiro naval de profissão. Nada lhe seria mais fácil, pois, que «enfalcar» a maior das nossas pirogas, isto é, abrir-lhe um sulco a fogo nas bordas, de proa à popa, pregando depois no entalhe feito fiadas de tábuas sobrepostas, constituindo verdadeira falca, a ampliar espaço de carga, que transformava a diminuta almadia em pequeno navio de duas ou três toneladas, capaz de transportar todo o nosso equipamento.

Aceite a proposta, logo no dia seguinte ao da chegada *maestro* Sinforino atirou-se ao trabalho. Durante seis dias, *maestro* e ajudantes serraram, aparelharam, pregaram, calafetaram, vendo-se a borda subir, aumentar, até que a pequena piroga se transformou em autêntica e sólida chalupinha, que nos haveria de acompanhar por muito tempo na bacia do Orenoco. Ali mesmo a baptizámos logo de *Oram*, nome da nossa expedição.

Para continuar viagem só nos faltava recompletar as falhas do reabastecimento.

Sinforino, homem de múltiplas ideias, propôs-nos o abate

de uma vitela, partilhada a meias com a gente da aldeia, o que permitiu à *Oram*, já baloiçando-se na água, protegida com o toldo comprido, e estivada com a bagagem, exhibir o ornamento, à vante e a ré, de dupla fiada de tiras de carne vermelha, flutuando ao vento como empavesado de bandeiras.

E assim, a 23 de Agosto à noite, ficávamos prontos para a partida, arrancando a 24 de manhã, com o motor em marcha, direitos ao meio do grande rio prateado, sob as aclamações da população de San José de Ocuné, aglomerada na margem.

Os quinhentos quilómetros de rio que nos separavam do Orenoco atravessavam extensa «terra de ninguém», percorrida somente por alguns grupos de índios nómadas, pouco conhecidos do homem branco. A era das grandes fundações, do tipo de Carimágua, ainda não tinha chegado a este longínquo território da Colômbia.

Assim, durante alguns dias, a nossa embarcação percorreu extensões e extensões de savana absolutamente desértica de vida humana. Não se distinguia sobre as margens o mais pequeno vestígio de alma pensante, nem sequer de qualquer outra espécie de vida animal...

De noite abicávamos à margem, encostávamos à savana e dormíamos na embarcação, deitados ao lado dos caixotes, para partirmos, de pronto, à alvorada.

Pouco a pouco, contudo, o rio alargava, e um ventinho vinha ao nosso encontro, como quando nos aproximamos da beira-mar.

A paisagem animava-se, ao mesmo tempo, de forma quase insensível. Bandos de pernaltas, de patos, de periquitos, riscavam os céus, ao longe, anunciando que o mundo não acabara. Nas horas mais quentes do dia, vislumbrávamos longas e sombrias formas, imóveis à tona de água, como troncos de árvore à deriva: eram os grandes caimões, verdes ou negros, dessa portentosa variedade que atinge os seis metros de comprimento.

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

Desencaixotámos a máquina de filmar de trinta e cinco milímetros para captarmos algumas cenas da navegação nesta paisagem de um plaino monótono e infindável, que daí a pouco deixaríamos para sempre. Uma noite, a máquina encravou. Jean desmontou-a e reparou-a. Funcionou dois dias, mas encravou novamente. Durante horas, agachado sob a cobertura da embarcação, tentou em vão repô-la em condições. A avaria, porém, era demasiado grave para se resolver a contento com os meios de que dispúnhamos. Tornava-se necessário enviá-la para Bogotá, talvez mesmo para os Estados Unidos. Discutimos até altas horas da noite as medidas a tomar. Luís propunha-se voltar a Bogotá a partir do Orenoco, enquanto nós dedicaríamos o tempo a qualquer coisa interessante na região. Assim que a máquina estivesse reparada, juntar-se-nos-ia de avião, para a projectada travessia da serra Parima.

A Colômbia possui, na foz do Vichada, um pequeno estabelecimento oficial, meio entreposto comercial, meio posto militar e alfandegário, a que obriga a circunstância de o Orenoco fazer, nesta parte do seu percurso, fronteira com a Venezuela. Chegámos ali já noite fechada, cinco dias depois da partida de San José de Ocuné.

No dia seguinte, Luís partia, de canoa, acompanhado de um guia nativo, com destino a Puerto Ayacucho, capital venezuelana da região, de onde contava poder voar até Bogotá.

Ficara combinado o reencontro em Puerto Narino — tal era o nome deste posto colombiano — para daí a três semanas, tempo julgado minimamente necessário para ele efectuar a viagem de ida e volta. E nós, entretanto, que faríamos durante esses vinte e um dias de espera? Conhecíamos de nome os índios Piaroas, ribeirinhos nesta parte do Orenoco, os quais, tendo embora frequentes contactos com venezuelanos e colombianos, nunca haviam sido estudados no seu *habitat*. Pensámos que fosse viável efectuar um reconhecimento em qualquer das suas povoações, e expusemos o

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

projecto ao nosso anfitrião, o chefe de posto de Puerto Narino.

— A coisa é possível — disse-nos ele. — Será necessário encontrar um intérprete, e para isso não vejo ninguém mais indicado que Mário, o «capitão-general» da tribo, que fala razoavelmente o espanhol. Conheço-o muito bem. Vem de tempos a tempos vender-me *chicle* ou mandioca. Vive ao pé de um pequeno rio, a um dia de canoa daqui. Vou mandá-lo chamar por um criado.

Meu dito, meu feito. Cinco minutos depois, um rapazito, ele próprio da tribo dos Piaroas, punha a sua camisa domingueira, de fralda de fora, e descia lesto para o porto, pagaia ao ombro, feliz por esta oportunidade de um passeio até junto dos seus.

Regressou no dia seguinte com um recado lacónico e desanimador: Mário tinha saído de casa por um mês.

— Mas para onde diabo terá ido? — interrogava o nosso anfitrião.

— Quem é que sabe? — retorquia o índio, sorrindo, enquanto despedia para a cozinha, a desembaraçar-se já da sua bonita camisa.

Dali não se conseguiria mais nada.

— Aguardemos — aconselhou o dono da casa. — Já sabem, com certeza, aqui é preciso ser-se muito paciente!...

Começávamos, com efeito, a apercebermo-nos disso.

Entrávamos no mês de Setembro. Era o começo da estação seca. Extensa barra negra elevava-se nas margens do Orenoco, acima do nível das águas: o rio baixava.

Curtas trovoadas estalavam, uma ou duas vezes por dia, como se fossem tiros de canhão. Durante um quarto de hora, a chuva caía com tal violência que nada se via para além de uma distância de três metros; depois o sol brilhava de novo, dardejando impiedosamente. O Orenoco, com a largura, nesse local, de vários quilómetros, era imenso espelho de laca branca, que nenhuma brisa arrepiava.

Uma piroga dos índios piaroas.
É talhada num tronco de árvore.

Em nove de Setembro, três homenzinhos morenos, vestidos com roupas desbotadas e de rosto ornado com brilhantes pinturas de vermelho-vivo, apareceram à nossa porta. Eram índios meio assimilados à cultura ocidental, que vinham comerciar. Pertenciam à tribo dos Guahibos, e um deles trazia ao ombro um macaquinho de cor ruça, do tamanho de um gato jovem. O animal, ao encarar-nos, arregalou uns olhos enormes e espantados, coçando a cabeça com ar tão cómico que logo ali decidimos adoptá-lo como quinto membro da nossa expedição. O negócio foi rápido, e acabou por se fechar sem discussão graças a um pequeno frasco de contas de vidro que rebuscámos de dentro dum saco de viagem. Desta forma, o Óscar formou ao nosso lado, baptizado com este nome em honra do fabuloso prémio do cinema.

— Conhecem o Mário Piaroa? — perguntou então o nosso anfitrião.

— Com certeza que conhecemos — responderam —, mas ele não está em casa neste momento. Partiu para Mataveni, para a festa.

— Qual Mataveni? Qual festa? — avancei eu, novamente interessado.

Olharam-me com a comiseração que se dedica aos incultos: — O Mataveni fica lá em cima, dá para o Orenoco, acima do Vichada. — E, para mais pormenores, juntaram: — O rio divide-se em dois: de um lado, o verdadeiro Mataveni, que não é piaroa, mas sim puinave; e do outro, o *caño* Fruta, que é piaroa «puro». É aí que eles fazem a festa, pois dizem que quando o rio desce é ano novo, e então bebem, comem e tocam música. É festa grande, e eles ficam lá a beber, a comer e a dançar durante uma lua. É o mesmo que vós fazeis quando dizeis que é Natal e Ano Novo. Simplesmente aqui dura mais tempo.

Tinham verdadeiramente o ar de quem se interroga sobre o motivo por que era necessário explicarem-nos coisas tão evidentes.

— Podem levar-nos até lá? — perguntou Gaisseau.
Fizeram má cara.

— É difícil... Os Piaroas não gostam de receber estrangeiros, sobretudo na altura das festas.

O dono da casa intercedeu: «que éramos sábios, muito úteis aos índios, Piaroas ou Guahibos, que teriam todo o interesse em nos levar lá, e que melhor prova de interesse poderiam ter do que os pares de camisas e de calças que estaríamos prontos a oferecer-lhes?...». Este último argumento foi sem dúvida o mais convincente de todos, e a partida para o *caño* Fruta aprazou-se para o dia seguinte, 10 de Setembro.

De acordo com as suas explicações, e confiados no nosso motor, deveríamos ter jornada para umas dez horas a navegar.

No dia seguinte, pela alvorada, estávamos a caminho. Até ao meio dia subimos o Orenoco, e em certo ponto o guia acenou-nos para obliquarmos à direita. Descobrimos a entrada de um pequeno rio, pelo qual enveredámos: devia ser o *caño* Mataveni. Durante algumas horas singrámos contra a corrente, vencendo uma teia cerrada de ervas, arbustos e lianas, nada indicando que ali tivesse passado alguma vez um ser humano. Por fim, o guia fez novo movimento com a mão, e virámos para um afluente, ainda mais pequeno, da margem esquerda, o *caño* Fruta, que sozinhos nunca teríamos descoberto.

As ramadas obstruíam cada vez mais o estreito curso de água, e a breve trecho tornou-se necessário desligar o motor e prosseguir à força de pagaia. Algumas horas se passaram, penetrando o disfarçado rio a desvanecer-se no meio de juncos de uma paisagem inundada, de onde despontavam, aqui e além, algumas árvores isoladas. Finalmente, os juncos desapareceram, e encontrámo-nos diante de uma lagoa limpa, desimpedida, rodeada pela floresta. Um fumo estratificado, fumo de fogueiras coado por tectos de colmo, pairava à nossa frente, no meio das árvores.



A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

— É ali — disse o guia.

Pouco tempo depois, e enquanto as pagaias continuavam a fender as águas com esforço, chegou-nos, vindo do horizonte, o eco esbatido de uma espécie de música, confusamente estranha, semelhando-se a rugidos em surdina, repetidos com ritmo monótono.

Os dois índios guahibos, recolhendo calmamente as pagaias, levantaram-se e, com as mãos em porta-voz, lançaram um grito de chamamento.

A tal sinal, a música cessou.

— Aí vêm eles — disseram os guahibos.

Quinze minutos depois, uma canoa conduzida por três homens aparecia de entre as árvores. Estabeleceu-se diálogo da tripulação recém-chegada com a nossa, nada revelando nos modos que nos incluíssem nas suas preocupações. Abordaram-nos, continuaram a falar sem sequer olhar para nós, saltaram para a nossa canoa e, de pagaias fendendo firmes as águas, assumiram o comando, conduzindo-nos com perícia através do labirinto de vegetação até à margem da aldeia piaroa.

Abicámos num terrapleno deserto, entre uma dezena de pequenas pirogas semelhantes à que tinha vindo ao nosso encontro. Do improvisado portinho subia, frente a nós, pequeno caminho, muito limpo, entre três ou quatro palhotas de colmo. Em segundo plano, e ao que parecia no alto do caminho, destacava-se acima dos outros o tecto de uma grande palhota rectangular. Rostos receosos espreitavam pelas frestas das portas de esteira das cabanas. Outros mais ousados assomavam à frente das casas. Aos poucos, crianças, mulheres e homens iam saindo a mirar-nos. Toda a população da aldeia acabou, enfim, por se reunir à nossa frente, examinando-nos com olhares que pareciam perguntar:

— Que virão estes fulanos fazer aqui?

Eu perscrutava a multidão, procurando um capacete colonial. O nosso anfitrião em Puerto Narino tinha-nos dito:

— Vocês reconhecerão facilmente Mário, graças ao seu

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

capacete colonial pintalgado de azul. Tem tanto orgulho nele que jamais o tira.

Por fim descobrimo-lo: era um homenzito simiesco e irrequieto, de olhinhos estreitos cheios de malícia, que obviamente gozava, entre os seus, de posição social elevada, notória não só pelo chapéu como pela camisa e as calças, infinitamente mais brancas que as dos vizinhos.

Chamei um dos nossos guias e pedi-lhe para ir dizer ao «capitão-general» Mário que eu lhe queria apertar a mão e que trazia comigo uma carta que lhe era destinada. Ao dar o recado, exhibi ostensivamente o papel que segurava cuidadosamente desde que tínhamos posto o pé em terra: era, na verdade, uma carta do Governo Colombiano, representado pelo nosso hospedeiro de Puerto Narino, para o «capitão-general dos índios Piaroas, Don Mário».

Este, por fim, aproximou-se com ar indolente, mas visivelmente lisonjeado por eu já ter demonstrado conhecê-lo, e foi com ar satisfeito que ouviu a leitura que fiz dessa carta em papel timbrado, amplamente provida de assinaturas e de carimbos violetas.

A recordação da cena perdurou em mim como a mais estranha paródia a formal recepção em município da província, onde o melhor incidente acabou por ser, sem dúvida, a brusca interrupção do meu discurso por um enorme «pluf» atrás de mim, com estrondosa sequência da hilaridade geral: o meu camarada Fichter, fotógrafo da expedição, ao querer fixar para a posteridade tão importante momento, dera dois passos à retaguarda, descontraído, e... caíra na lagoa! Eis o texto da mensagem:

Puerto Narino, 9 de Setembro de 1949

Ao Senhor Don Mário,

Capitão-general da tribo dos Piaroas, no rio Orenoco,

ou no rio Mataveni,

ou no rio Fruta.

*Estas trompas de casca são utilizadas
na música sagrada dos Piaroas.
A vista destes instrumentos rituais é interdita
às mulheres, sob pena de morte.*

Muito estimado Mário:

Receba com a presente carta as minhas saudações mais calorosas, juntamente com os meus desejos de boa saúde, tanto para si como para sua esposa, para Mariano e seus outros filhos.

Estes senhores vão em missão especial do nosso Governo, com o fim de vos conhecer, a si e ao seu povo, e para tirar fotografias e ver quais os vossos problemas, para os remediar.

O Governo da Venezuela tem igualmente interesse na missão que empreendem. Faça-nos pois o favor de os receber o melhor que possa, de lhes dar as facilidades de que necessitem, de os acompanhar nas suas explorações e, se não o puder fazer pessoalmente, de lhes arranjar um piaroa que fale desembaraçado o espanhol e que conheça muito bem toda a região.

Tive grande vontade de ir com eles para vos saudar, mas tenho muitos assuntos a tratar e de momento não é possível deslocar-me até aí.

Queira Deus que em breve venha até cá às bocas do Vichada, pois já sabe que esta casa é sua.

Esperando ter o prazer de o ver, permita-me lembrar-lhe que sou

seu servidor e amigo

Álvaro B. de C.

Representante do Governo da República

Terminado o discurso, estendo a Mário três cortes de fazenda de algodão colorido, dizendo-lhe:

— Aqui tens uma pequena lembrança para tua mulher e teus filhos.

Depois, enquanto Elie e os nossos guahibos descarregavam a embarcação, começámos a conversa com o «capitão-general».

— Tudo isto é muito simpático — disse-nos ele, encurtando razões —, mas o que é que vocês vêm aqui fazer?

Explicámos-lhe que tínhamos ouvido falar da festa dos



**A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas**

Piaroas, que ela nos interessava muito e que não queríamos por nada perder a ocasião de a apreciar.

— A festa! — gritou ele —, mas qual festa?!

— Então, Mário — volvi-lhe com ar sereno —, há aqui uma festa em que vocês tocam música, em que dançam e cantam!

Abanava a cabeça, negando, com o ar mais inocente deste mundo. Insisti:

— Ainda há bocado ouvimos a vossa música. Acabou quando entrámos na lagoa e os guahibos gritaram para vos chamar!

Afirmei-lhe que, de qualquer maneira, ficaríamos alguns dias na aldeia. Não teve coragem de recusar, e diligenciou mesmo para que fosse posta à nossa disposição uma palhota devoluta. Nela arrumámos o material e instalámos as macas. Mário não nos largava. Olhava com curiosidade os pesados caixotes, pintados com as cores francesas e colombianas. Vários homens, um por um, vieram ter com ele, e em breve a nossa palhota continha uma pequena multidão. Não parávamos de interrogar Mário sobre a festa dos Piaroas, e sobre aquela estranha música que tínhamos ouvido ao longe, da lagoa. E começámos a notar que, quanto mais o pressionávamos, mais ele arranjava modos de contornar as perguntas; de vez em quando trocava com os outros homens algumas palavras na sua língua, cremos que traduzindo as nossas interrogações; então todos riam em coro, examinando-nos, todavia, com curiosidade crescente.

Abrimos as caixas do material de som e, sem dizer palavra, desenrolando os fios, levantando tampas, colocando equipamentos sobre caixotes, instalámos o altifalante, o amplificador, o gira-discos. Por fim, Pierre abriu um álbum de discos.

— Vocês não nos querem falar da vossa música — disse eu, descontraído. — Pois seja! Vamos nós fazer-vos ouvir a nossa!

E, no máximo de potência, Pierre lançou os acordes de uma



Índia piaroa: usa os cabelos embebidos em óleo vegetal e as faces pintadas.

sinfonia de Mozart. Os índios calaram-se, espantados. Espantados, parecia, do volume de som e dos acordes. O estupor paralisava-os, e ouviram-se ruídos de passos lá fora, aproximando-se. A esteira que servia de porta levantou-se e mais homens se vieram juntar silenciosamente, apertando-se junto dos outros, cara estendida para o aparelho de som. Toda a população masculina da aldeia devia estar agora na nossa palhota.

Concluimos, todavia, que não era a aparelhagem de som que os atemorizava: era Mozart. Vários dentre eles, como Mário, por exemplo, haviam ido já a Puerto Ayacucho, onde tinham ouvido e contemplado à vontade a *juke-box*, máquina de discos americana que, em todos os cafés dos trópicos, não pára nunca de atroar os ares com roufenhas músicas de *jazz*. Mas daí até Mozart...

Quando o disco parou, retomámos a conversação. A audiência mostrava-se agora extraordinariamente atenta. Expliquei a Mário que em todo o mundo havia muitas espécies de homens brancos de que nunca ouvira falar nem tinha visto, e que todos eles possuíam músicas de características diferentes umas das outras, cujo som ele nunca ouvira também. Dissertei um pouco sobre composições musicais, sobre instrumentos de fabricação complexa e até sobre instrumentos simples, de osso ou de madeira, fabricados pelos homens das mais recônditas florestas, em todas as florestas do Mundo. Dava a impressão que as minhas palavras, se as ouvia, lhe entravam por um ouvido e saíam pelo outro. Mas não. Eu sentia que, à medida que a minha prelecção prosseguia, nem ele nem nenhum dos outros homens ali presentes perdia uma única palavra do meu discurso.

Mário foi ter com um velho que seguia a cena, parado e recolhido, agachado a um canto da cubata, e saíram ambos. Passados momentos, todos os outros, um por um, lhes seguiram as pisadas. Ficámos sós.

Os únicos sons que agora nos envolviam eram as zumbi-

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

delas dos mosquitos, misturadas com as estridências dos élitros dos grandes insectos que pululavam nas margens da lagoa. Estendemo-nos nas macas, um tanto inquietos com este evoluir da situação sem atinar no significado da partida súbita dos índios. Olhávamo-nos calados. Escorria o tempo. Decorreu um grande bocado.

De súbito, o mesmo mugido de trompa que tínhamos ouvido ao longe, quando nos aproximávamos da aldeia, explodiu ali mesmo, junto de nós, com uma violência inaudita. Sobrepondo-se aos baixos arquejantes e tão profundos que abalavam os intestinos, como os roncões dum órgão, soava uma melodia fina e clara, doce, harmoniosa ao ponto de emocionar a mais insensível das almas.

Dez, doze, quinze índios surgiram da noite e entraram de rópia na nossa cabana. Quem poderia reconhecer neles os visitantes de ainda há pouco? Tinham tirado as camisas, e os troncos reluzentes de suor chispavam brilhos, como os olhos vivos, radiantes de alegria. Segurava cada qual ou uma trompa ou uma flauta em que iam soprando com quanta força requeria o volume do instrumento, enquanto andavam. E assim rodearam pelo interior das paredes de palmas da palhota, uns atrás dos outros, tocando, e outros acompanhando a cantar. Mário vinha em último. E, ao ver a mistura de estupefacção e de abalo que dos nossos olhos se derramava, ainda parecia mais feliz que os seus felizes companheiros: chegara, com efeito, a nossa vez de ficarmos mudos e quedos, a nossa vez de admirar uma música desconhecida.

Os últimos a entrar tinham fechado cuidadosamente a esteira que fazia de porta. Os músicos volteavam sem cessar. A música crescia, enchia o ambiente, tornava-se espessa como fumo, deixando a atmosfera com a impressão de irrespirável. Mas, finalmente, éramos testemunhas de algo desconhecido e inesquecível. O primeiro milagre tinha acontecido. À nossa frente desdobrava-se uma colecção de instrumentos primitivos que, sem sombra de dúvida, nenhum

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

homem branco experimentara o prazer de contemplar, ao mesmo tempo que de ouvir a estranha sinfonia do seu conjunto, espantosamente certo e harmonioso.

Precipitámo-nos, Jean e eu, para os microfones, enquanto Pierre se desembaraçava, rápido, a pôr em funcionamento os aparelhos de captação de som. E foi desta forma, inesperada, mas emocionante, que logo no primeiro dia da nossa chegada ao *caño* Fruta pudemos gravar os primeiros discos da música piaroa, ventura que ficávamos a dever, sem dúvida, a Mozart, propiciador, aliás, de outros relevantes serviços durante todo o resto da expedição.

Terminado o concerto, fizemos ouvir aos índios as gravações, ali realizadas, das suas próprias músicas. Gostaram. Depois retiraram-se, e ficámos a sós com Mário. Toda esta confraternização agradável de troca de surpresas o tornara mais confiante, e, impressionado, mostrou-se mais falador, mais aberto. Reconheceu, com efeito, estarem em festa os Piaroas, e revelou-nos um número do programa além da música, que consistia numa dança de mascarados — a que chamavam «tigres-panteras» — a realizar no cimo da aldeia, entre a palhota grande e a pequena, frente a frente, delimitando o terreiro central.

Por fim retirou-se, delicadamente, para nos deixar dormir. No dia seguinte, logo à alvorada, Mário irrompeu palhota dentro, cumprimentando. Ofereci-lhe uma chávena de café, que bebeu de um trago.

— Vem comigo — disse ele.

Subimos a rua da aldeia e dirigimo-nos para a pequena cubata sagrada, à ilharga do terreiro central, face à grande palhota colectiva. Era pequena e não tinha portas nem janelas. O acesso constava de pouco mais que um buraco, que um feixe de folhas de palmeira soltas, penduradas da parede, disfarçava. Mário afastou-as com a mão e indicou-me a forma de entrarmos, de gatas, um após outro. Os meus olhos demoraram alguns instantes a adaptarem-se ao interior, praticamente em escuridão completa. Aos poucos, porém,

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

fui distinguindo vários homens silenciosos acorados à minha volta, o rosto fechado em misteriosa concentração. Profusão enorme de objectos ocupavam o chão e as paredes desta pequena cripta circular, que não media mais de três metros e meio de diâmetro. Estamos na sacristia, no santo dos santos. É por isso que chamam a este local a «cabana sagrada». Nela se guardavam, de facto, todos os objectos de culto e das tradições dos Piaroas, os índios mais profundamente imbuídos de religião que nós conhecemos. Integra a sua vida em tal grau que não se encontrará certamente povo que se lhe compare. Os segredos da tradição, entre os Piaroas, foram connados pelo próprio Deus aos homens, e só a estes, excluindo portanto as mulheres, que estão proibidas de entrar sequer no recinto sagrado, sob pena de morte.

Junto do local em que me postaram, um pequeno molho de ervas, pendente do tecto por uma liana, arde lentamente como incenso. Para trás dos pontos incandescentes que insensivelmente avançam, vai-se formando uma cinza branca e fina, de princípio guardando o formato da palha, depois, caindo como fios calcinados sobre uma pedra longa, achatada e lisa, colocada no chão. É o *niopo*, base do estupefaciente que o chefe religioso, ou xamã da tribo, vai tomando, e graças ao qual pode adquirir o dom da ubiquidade e transportar-se até ao país dos espíritos.

Um homem guarda permanentemente a pedra e vai recolhendo a cinza, imediatamente tratada com água, fogo e múltiplos ingredientes, de que resulta um aglomerado de cor castanho-escuro, que o xamã esmaga num almofariz especial, antes de o aspirar pelo nariz.

Em frente da porta, cinco estranhos fatos de palha, plumas e vimes recobertos de barro colorido estão pendurados na parede: são as máscaras rituais dos *uani-mesa* ou *ye-ui-uini-kusa*, os «homens de palmas» ou «tigres-panteras». Vestidos por cinco actores anónimos, irão dentro em breve ser os oficiantes na cabana tribal.

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

Mário está agachado ao pé de mim e vai-me explicando estes pormenores com toda a calma, numa voz monocórdica como se recitasse uma ladainha. Cinco olhares brilham atrás dele, na penumbra, dirigidos para mim. Aberto o meu caderno de apontamentos, vou desenhando laboriosamente as máscaras.

— Os tigres-panteras saem duas vezes por dia — prossegue Mário —, e de cada vez eles dançam e cantam duas ou três horas no centro da cubata grande.

Ao meu lado, há mãos a remexer num monte de palmas verdes; os índios vão mostrar-me mais uma coisa: aparece uma série de tubos e cones de madeira, uns feitos de grande espiral de casca, outros aparentemente simples tubos de bambu oco. São os instrumentos da música sagrada, tocada ontem na nossa cubata. Todas as noites desse mês de festa, quando o sol caminha para o ocaso, as mulheres, fechadas na cubata tribal, ouvem-nos, através das paredes, tocar e cantar, enquanto eles volteiam em redor da cubata grande, tal como tinham feito na noite anterior para nós.

Enquanto os instrumentos tocam, é proibido às mulheres saírem, sob pena de morte. Elas não sabem que esse concerto é feito com instrumentos fabricados pelos homens da tribo e crêem ouvir, através das paredes de palma, as vozes dos espíritos, descidos à terra para falar com os homens. Mostram-me, por fim, um instrumento único, o mais estranho de todos. É composto por um pote de barro e dois pequenos tubos de madeira, de que dois executantes introduzem, alternadamente, uma das extremidades no gargalo do pote, enquanto sopram na outra; o pote serve de caixa de ressonância. Pergunto a Mário o nome do instrumento. — É a mulher do diabo! — diz ele.

— Mas porquê «mulher do diabo»? — pergunto.

— Tu sabes bem o que é o diabo, não? É o espírito mau, aquele que quer sempre fazer mal aos homens. Ele tem uma mulher, como toda a gente, e é a voz dela que sai desse instrumento.



Armação de cubata piaroa.
Será posteriormente coberta
com folhas de palmeira.

Depois dos fatos, desenho no caderno os diferentes instrumentos musicais. Mário deixa-me acabar, e continua:

— Agora, vou contar-te uma história. Um dia, quando havia uma aldeia piaroa mais abaixo, no *caño* Mataveni, muito perto do Orenoco, um homem branco veio ter conosco numa data como a de hoje, quando começava a festa do ano novo. Era noite, os mascarados haviam acabado de dançar na cabana grande, e a música preparava-se para começar. O homem tinha necessidade de remadores para ir colher borracha na floresta. Trazia uma grande *falca*, parecida com a vossa. Disse ao chefe piaroa: «Dá-me homens para o meu barco!» O chefe nada respondeu. Então o branco virou-se para dois *muchachos* e disse-lhes: «Desmontem as vossas macas!» E fê-los embarcar na *falca*. Mas os *muchachos* não tinham vontade nenhuma de ir trabalhar para ele. Preferiam continuar na festa, e assim que puderam escapuliram-se, voltaram à cubata grande e montaram as macas. O branco ia partir, quando se apercebeu do facto. Grande cólera do branco. Percorreu a aldeia, vasculhou todos os cantos. Não os encontrou — como não, tinham-se escondido na floresta! Entra então na pequena cabana, igual a esta, onde estavam escondidos os instrumentos de música e as máscaras, e atirou tudo para fora, para o chão, começando a espezinhar a torto e a direito, a partir, a desfazer. Tirando os dois *muchachos*, que se tinham posto a salvo, todas as pessoas da aldeia assistiram à fúria do branco, homens, mulheres e crianças. «Matem esse homem», disse o chefe. Os índios pegaram nas lanças, nos arcos, nas zarabatanas, e atiraram-se a ele, que caiu à água, esbracejando. Arremessaram lanças, dispararam as flechas. Pif! Paf! O homem conseguiu sair da água, ainda vivo, e gritou já noutra tom: «Não me matem, não me matem!» «Abatam esse homem», repetiu o chefe. E eles, de facto, matarem-no. O barco estava repleto de mercadorias; havia panelas, lona, facas, contas de vidro, enfim, tudo o que os brancos vendem. Mas os índios não



29

Os elementos constituintes da armação
são rigidamente ligados entre si por
meio de lianas.

quiseram nada. Era um homem mau e transportava mercadoria má. Afundaram o barco no rio e deram tudo aos peixes. Foi por isso — concluiu Mário — que eu ontem não te queria falar da grande festa, nem da música e dos *uani-mesa*. Nós não sabíamos o motivo da vossa vinda aqui, pois não andavam à procura de goma, de borracha ou de mandioca. Que quereriam vocês? Nós não compreendíamos, e tínhamos medo que viesseis destruir as máscaras e a música, ou comprá-las e levá-las. Sabes o que nos aconteceria se vocês levassem a música? Os espíritos matar-nos-iam, porque a música é a sua voz, e ela não deve sair daqui. Seríamos então obrigados a matar-vos para não morrermos, e presentemente é perigoso matar brancos, pois são muitos e voltam muito depressa. Eis as razões por que ontem à noite estávamos retraídos.

Mário olha-me, agora, sorrindo. Levanta-se, e saímos do local. Enquanto desço a caminho do atracadouro, cruzo-me com duas raparigas vindas de ir à água, com uma bilha de barro à cabeça. Sorriem-me gentilmente, com ar circunspecto e tímido.

Os longos cabelos, lustrosos de óleo vegetal, estão entrançados em complicadas formas, seguras por bocadinhos de lã vermelha e verde, e as faces estão pintadas de fresco com desenhos de cores vivas.

Volto à minha palhota e instalo-me na maca, para tomar nota de quanto tinha acabado de saber. Parece-me ser preciso conquistar a confiança dos índios usando os seus próprios costumes, paciência e passividade, nunca entrando em choque com a natural desconfiança e com as suas crenças, nem agir de forma diferente, se quiser penetrar no seu universo espiritual, que não está morto mas simplesmente escondido.

Estamos em pleno meio-dia, e toda a aldeia parece dormir, esmagada pelo sol. Mário reaparece, e convido-o a deitar-se em maca armada ao lado da minha; ofereço-lhe um cigarro.

Página ao lado: penachos de penas de arara foram colocados no topo dos bonés das máscaras.

Foto de baixo: as máscaras vestidas pelos padres representam tigres, criados por Guahari, filho do Sol.



Durante um longo momento, fumamos em silêncio, o olhar perdido no desenho regular das palmas do tecto. Depois, interrogo-o. Pergunto-lhe onde nasceu, como era a sua família, como travou conhecimento com os brancos. Começa a falar, e não pára durante uma hora, guardando-me eu de o interromper.

Explica-me como foram os seus primeiros contactos com a civilização, quando era ainda criança. Seu pai e sua mãe viviam todos nus, com contas nos tornozelos, nos punhos e ao pescoço. Um dia um branco passara pela aldeia e tinha-o levado, em troca de duas facas de ferro dadas ao pai. Durante um ano, o branco pô-lo a cuidar de héveas na floresta, para colocar a borracha em potes com que ia carregando o barco; ensinou-lhe o espanhol e ofereceu-lhe várias camisas e calças...

Mas o que eu pretendo é que Mário me explique o sentido deste mês de festa. Quero saber por que razão, em todas as noites deste período, ele toca a música sagrada, porque é que há cinco máscaras e lhes dão o nome de tigres, e porque é que cantam, duas vezes por dia, na cabana tribal.

Como penetrar neste universo? Pelas origens. Peço-lhe então para me explicar de onde vêm os Piaroas, de acordo com a sua própria tradição, e qual o significado das suas cerimónias religiosas

— É muito importante — digo-lhe eu — saber-se de onde vimos e quem somos. Quando, aparentemente, já toda a gente se esqueceu, aparece sempre aqui ou ali *um velho que sabe*. Se ninguém soubesse quem nós somos, ou donde vimos, não haveria já homens sobre a terra; as chuvas e as feras teriam acabado connosco. É muito importante esse tal velho ensinar aos mais novos tudo o que sabe, antes de morrer. Os brancos disseram-me seres tu o chefe de todos os Piaroas ...

Ele reage, interrompendo-me bruscamente:

— Sim, sim! Sou o chefe dos Piaroas, sou o Grande Capitão!

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

— Pois bem, Mário, se não sabes responder às minhas perguntas, é preciso que procures um velho que saiba, para ele te ensinar, sem o que nunca serás realmente o chefe dos Piaroas. Não tens mais que procurar o velho curandeiro, o velho que cura, soprando sobre os doentes e agitando a maracá; com certeza que há aqui um, e ele sabe certamente estas coisas. E poderás dizer-lhe que também eu sei tratar doenças a meu modo, e que sei muitas outras coisas; quero aprender o que ele sabe, e em troca dizer-lhe o que eu sei, procurando tratar daqueles a quem ele não souber curar.

Outra hora correu, longa, e por fim ele levantou-se e foi-se embora. Ao chegar à soleira da porta hesita, e volta-se, fitando-me:

— Lembra-te daquele velho — diz por fim — com quem estive a falar ontem à noite antes de te mostrarmos a música e que estava sentado hoje de manhã ao lado do *niopo* na pequena palhota? É como tu dizes, *ele sabe*. Sabe soprar sobre os doentes para afastar os males, e sabe agitar a maracá. É ele quem manda aqui, não sou eu. Mas ele não diz isso aos brancos, porque os brancos não acreditam nessas coisas e riem-se delas. Dizem que são tolices de índio. Contigo, por saberes a verdade dessas coisas, é diferente. Por isso vou falar com ele.

Acrescentou ainda:

— Olha, esta manhã, quando saíste da cabana pequena, todos eles me perguntaram: «Então, que disse ele? Será que ele quer comprar as máscaras? Irá ele levar a música?» Tinham muito medo, e pensavam ser obrigados a matar-te. Quando lhes disse que não, pois só pretendias ver, escrever, fotografar, e ouvir novamente a música, ficaram radiantes. Isto tudo porque, sabes, nós não gostamos de mostrar essas coisas aos brancos. Estes não as compreendem. É como se um deles passasse em casa dos meus pais e, ao ver que estávamos praticamente nus e com coroas de plumas, das duas uma, ou se encolerizava e partia tudo,



Máscara do Diabo.

ou então gostava e levava tudo. Os brancos que conhecemos querem sempre destruir ou comprar. E foi-se embora.

É noite. Apaguei o candeeiro; uma nuvem deve ter encoberto a lua, qual mão a tapar a boca. O silêncio é negro, opaco. O nervosismo, mais forte que a fadiga, mantém-me acordado, e vou pensando que, seguramente, ainda me escondem muitas coisas. Um longo momento decorre assim, antes de me aperceber dum ruído: um zumbido, regular, discreto, aparecendo e desaparecendo a intervalos de quatro ou cinco segundos, como um farol. São as vespas, penso eu, ou os moscardos, a voltear do outro lado da parede. Mas o tempo passa, e o ruído aumenta, lento como a maré que sobe, e sinto perfeitamente que é um barulho humano, um estranho murmúrio a revestir pouco a pouco as proporções de um coro. Os Índios, algures, cantam na noite. Distingo as estrofes de prolongada litania, entoadas uma a uma por solista com voz de baixo, dolorosa, entrecortada, em contraponto com maracá de tom alto. Durante horas e horas, este canto obstinado expande-se na noite, como sob a abóbada fria de imensa igreja.

Dir-se-ia ofício nocturno de monges, estendidos em cruz no solo, com a boca ao nível do chão.

Tinha vontade de me levantar, e chegar sem ruído às cercanias da cabana grande ... Mas Mário tinha-me dito: «Precisas de dormir.» É óbvio que os índios não me julgavam ainda digno de assistir a tal cerimónia.

Esperarei. Não incomodarei. Não tentarei surpreendê-los. Longe de mim forçar qualquer segredo pela manhã, antes de conquistar a sua confiança. Uma esperança nascente anima-me: «Outra noite qualquer, eles convidar-me-ão, tal como já fizeram para mostrar as máscaras e os instrumentos musicais.» E, reconfortado, adormeço.

Ao despertar, deparo com Mário, sorridente, a puxar pelas cordas da minha maca.

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

— Então, então — diz ele —, dormes demais, já vai alto o sol, despacha-te, os *uani-mesa* vão começar!

Chegamos à grande cabana tribal no preciso instante em que as cinco máscaras vão a entrar, e seguimo-las. Um grupo de mulheres raspa cadenciadamente raízes de mandioca, no centro da cubata. As máscaras postaram-se à sua frente, em fila, de rosto voltado para uma série de tarimbas amarradas às vigas, umas vazias, outras ocupadas por vultos indolentes. Mário leva-me lá, para o que parecia serem dois lugares de honra, e instalamo-nos. À minha direita, o enigmático «velho que sabe» dormita na sua tarimba.

Homens agitam-se em redor das máscaras, colocando-lhes grandes penachos de arara nos chapéus. Depois, verificam os fatos, com gestos precisos de camareiras de teatro, corrigindo a disposição das capas e das saiotas de palma.

Os cinco homens mascarados, padres e actores deste teatro sagrado, balanceiam-se ora num pé ora noutro, murmurando os primeiros versos da sua canção. A grande cubata tribal, com talvez uns quinze metros de comprimento e sete de altura na cumeeira do seu tecto de duplo declive, não tem uma única janela; mas, em quatro ou cinco sítios das empenas, folhas de palma afastadas no remate dos longos molhos deixam passar finos raios de sol que, através do ar fumarento, vêm banhar de faixas luminosas e coloridas as vestimentas dos celebrantes. Todo o resto da cubata está mergulhado na penumbra.

Devem ser oito horas da manhã, e o sol já vai alto; a espessa cobertura de palmas escuda tão bem o seu ardor que reina aqui uma atmosfera ligeira, quase fresca, condimentada pelo odor um tanto acre da mandioca.

À nossa volta, e em toda a penumbra envolvendo o centro da cubata, distingo mais tarimbas, cheias de formas que se balançam descuidadamente. A meu lado, com os olhos levantados para o tecto e olhar absorto no intrincado das palmas, o velho não move um dedo. Parece indiferente à

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

minha presença e à de Mário, às mulheres que ralam mandioca, aos celebrantes e ao seu canto.

Está algures longe dali, e só desce à realidade quando um qualquer rapazito nu e ranhoso trepa para a maca e escorrega, rindo-se, pelas suas pernas ou peito. Subitamente, o enigmático velho com cara de feiticeiro transforma-se no avô indulgente e terno. Sorri, acaricia o bebé e brinca com ele, enquanto o canto das máscaras prossegue, com a regularidade de uma ladainha passada em manivela de realejo.

Pergunto a Mário qual é a letra da canção.

— É muito complicada! — responde-me ele. — Mas, enfim, é o que tu me perguntavas ontem. Fala da montanha de onde desceram os primeiros homens e os primeiros animais, que eram pessoas também nessa altura.

Uma mulher levantou-se e foi encher uma caneca, mergulhando-a em grande cabaça repleta de líquido espesso e granuloso, cor de café com leite. É suco de mandioca fermentado, o vinho dos Índios.

Traz o recipiente a Mário, que bebe primeiro, para me passar depois a caneca. Provo pela primeira vez a *chicha* de mandioca, e mal inclino o rosto por cima do recipiente invade-me um cheiro onde reconheço de súbito o odor tépido e agridoce que se estendia sobre a lagoa, no dia da chegada aos Piaroas.

O velho a meu lado estende o braço e, sem sequer me olhar, vasculha num cesto de vime posto no chão. Tira aquilo que precisa para o *niopo*. Esmaga a pasta escura sobre uma placa de madeira de bordos elevados e, recolhendo rapidamente o pó com a extremidade de um pequeno tubo de osso em forma de V cujos braços se aplicam às narinas, aspira-o.

Mário nada diz, mergulhado também no sonho estranho que emana desta grande cubata, deste odor, desta penumbra, do canto e do silêncio, igualmente monótono. Depois, por sua vez, toma um pouco de *niopo*, como se quisesse

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

alcançar mais depressa o universo irreal para o qual nos sentimos lenta e seguramente escorregar.

Por fim, os cantores imobilizam-se. O ritmo das maracás precipita-se e suspende-se. A litania cessa de súbito, e os homens soltam bruscamente uma espécie de arquejo de besta selvagem, três vezes seguidas, três trinados de pássaro e, três vezes ainda, um arrulho. A celebração terminou. Levanto-me, volto à minha cubata e tiro a camisa, as calças e as botas. Corro para a lagoa e mergulho.

Mal saio da água, todo o corpo traz um odor desvanecido e morno, agridoce.

Algumas horas mais tarde, a cabeça de Mário espreita à porta da cubata:

— Vem — diz-me ele —, as máscaras vão sair.

Passaram-se dias assim. Mário deixava-se ficar por tempos cada vez mais longos na minha cubata, o olhar sempre vivo, o eterno sorriso no canto dos lábios. Gracejava, olhava-me furtivamente e, contudo, abria-me a pouco e pouco o grande livro da tradição piaroa.

Soube que o Sol, pai de todos os deuses, enviara dois dos seus filhos à Terra, dois irmãos chamados Guahari e Muhoka, que, deambulando, tinham ouvido remexer e cantar no interior de uma rocha no cimo de alta montanha; por curiosidade, abriram a rocha, dela saindo animais informes de quem fizeram os primeiros Piaroas, que orientaram então para o Orenoco.

Soube que o mesmo Guahari tinha criado os cinco tigres representados pelas máscaras, e que um dos instrumentos sagrados tinha mesmo a sua voz, enquanto um outro possuía a voz do irmão Muhoka.

Após o segundo ofício das máscaras, havia uma pausa na vida religiosa da aldeia, entre as quatro e as seis horas da tarde. As mulheres deixavam os trabalhos caseiros e vinham sentar-se em pequenos grupos no largo. Aí tagarelavam, catavam-se e recompunham as pinturas faciais, tal como as senhoras brancas reporiam o *rouge* ou o *rimmel*.

*Entrançado de vime levando as «vinte-e-quatro»,
formigas negras de quatro centímetros de
comprimento, que vão «participar» na cerimónia
de iniciação.*



Os caçadores e pescadores, saídos ao romper d'alva, subiam o caminho do atracadouro, trazendo às costas, além dos arcos, flechas e zarabatanas, um confuso molho de peixes, macacos ruços, tartarugas, agutis e, por vezes, antílopes, quando a caçada acontecia ser particularmente bem sucedida. O espólio era deposto aos pés do chefe da aldeia, sendo repartido equitativamente pelas diversas famílias. Pouco antes de o Sol atingir o horizonte, uma longa e lace-rante melodia de flauta subia por entre as árvores recortadas na borda da lagoa. As mulheres pegavam então nos filhos ao colo e desapareciam no interior da cubata grande, enquanto a orquestra de música sagrada fazia a sua aparição. Os flautistas subiam a rua do porto, como se saíssem da própria lagoa, e encontravam no local os tocadores de trompa, levantando à força de braços os seus enormes instrumentos. Um a um, os outros músicos saíam da cubata sagrada: havia a «mulher do diabo», *Guahari u'ufte'u*, a flauta nasalada representando a voz do deus Guahari, e *Me'otsa*, um pequeno instrumento esganiçado que figurava a voz do seu irmão Muhoka; por fim, uma lâmina vibrante, que um adolescente fazia zunir, com grandes voltas, na ponta de uma liana.

Mais longe, um grupo de crianças dos seus doze anos formava em fila e tamborilava no solo com os calcanhares nus, enquanto um homem sacudia com toda a força as ramagens de uma árvore. Assim, era como se o vento sibilasse e a terra tremesse, ao mesmo tempo que as flautas e as trompas soavam fortes, sopradas pelos que as levavam, correndo, em redor da cubata grande. Para as mulhetes refugiadas atrás das paredes, isto representava a mais extraordinária encenação sonora adequada a acompanhar a descida dos espíritos à Terra, no seu encontro com os homens.

Quando a noite espalhava todo o seu manto negro, o misterioso canto da véspera recomeçava no interior da casa tribal, continuando até horas d'alva. Era a altura de os

**A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas**

homens tomarem em conjunto o pé escuro do *niopo*, para, em luta com o sono, e abandonando os corpos, subirem ao céu superior onde habitam os génios, cuja clemência é indispensável ao feliz desenrolar desse mês litúrgico.

Todos os dias interrogávamos Mário, mas ele sempre se esquivava a qualquer revelação completa.

— Mário — dizia eu —, porque é que cantam assim à noite? O que é que cantam?

A minha impaciência e curiosidade divertiam-no. Mas fugia às perguntas. Um dia, decidi atacar mais incisivamente.

— Esta noite, se vocês cantarem, nós iremos à cubata grande. Queremos que nos traduzas esse canto, e pretendemos pô-lo nas nossas máquinas, como fizemos à música e ao canto das máscaras. Sem isso, não valeria a pena termos vindo aqui: tudo o que poderíamos ensinar aos nossos sobre os índios Piaroas seria incompleto.

Tínhamos acabado de almoçar. Era a hora mais quente do dia. Mário escutou-me atentamente, e saiu sem dizer palavra.

Pouco depois, começou o segundo ofício das máscaras, e fui para a cubata grande, instalando-me na minha tarimba habitual, entre ele e o velho. Ao fim de um longo silêncio, inclinou-se para mim e puxou-me pela manga:

— Sabes — disse —, falei ao velho naquilo que me pediste há bocado. Ele não quer. Diz que vocês não têm o direito de vir aqui à noite, porque isso desagradaria aos deuses. Vocês não sabem o suficiente para isso, não são índios, compreendes? Mesmo se nós vos quiséssemos deixar entrar, os homens não o queriam. Eles tomam todos o *niopo*, à noite. Zangar-se-iam. Há homens a quem o *niopo* põe doidos, compreendes? Não é nada grave, só ficam doidos um bocado, é passageiro. Mas não vos podem ver. É o velho que canta, agitando a sua maracá especial, a que lhe serve também para curar. Todos os homens o repetem, a seguir. Ele diz, no princípio: «Os primeiros índios vieram para

**A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas**

a Terra, e tudo o que havia sobre a terra foi comido por eles, e tudo o que há na floresta foi criado para os Índios.» Depois, já nem sei, ele enumera uma data de coisas, todos os animais e todas as plantas do Mundo, e fala dos deuses, e diz que são os deuses a falar. Mas quem sabe as palavras ditas então por ele? Ninguém se recorda. Mal o Sol se levanta e nós vamos tomar banho, tudo é esquecido. Ele disse também que, se quiserem meter os cantos nas vossas máquinas, só precisam de vir à noite com os aparelhos, instalar os microfones na cubata e levar os fios para fora. Assim, enquanto cantamos, podereis fazer o vosso trabalho. Às cinco horas, nessa mesma tarde, prestou-se com a melhor das vontades a fazer uma repetição do canto nocturno. Instalou-se na tarimba e cantou uma estrofe, enquanto púnhamos os microfones à sua volta e subíamos ao tecto a passar os fios eléctricos para o exterior; em seguida, montámos os aparelhos no largo, encostados à parede da cubata, e Mário mandou construir um pequeno abrigo para os proteger. Estávamos prontos.

Às duas horas da manhã, ligámos os aparelhos, e o sussurrar misterioso do coro dos índios drogados começou a passar para a cera dos discos. Durante toda a noite, o feiticeiro em transe cantou indiferente ao microfone que havíamos instalado mesmo à cabeceira da tarimba, de modo que as nossas gravações foram perfeitamente fiéis e naturais.

Mas uma nova surpresa nos aguardava: os Piaroas cantam à noite numa língua diferente da que usam de dia, uma língua da qual ainda hoje não conseguimos compreender uma só palavra: os Índios também têm o seu latim.

Coisa estranha: depois de termos filmado a vida na aldeia sob todos os aspectos, ainda não sabíamos aonde a aventura nos levaria. Todo esse tempo passado com os Piaroas se revelava agora como o prólogo de qualquer coisa importante, que faltava descobrir. Sentíamo-lo bem: éramos como cristãos que, depois de submetidos a todos os ritos do crisma, ignorassem o que lhes reservaria a semana da Páscoa.

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

Foi então que a Lua entrou no seu último quarto. Faltava apenas uma semana para esse mês de festa se completar. A actividade das mulheres redobrou, e nós começámos a entrever o verdadeiro sentido das estranhas cerimónias.

Elas trabalhavam infatigáveis dia e noite. Partiam, logo à alvorada, para a plantação de mandioca, voltavam algumas horas mais tarde à cubata tribal, curvadas sob o peso de enormes molhos de raízes. Dava a impressão de estarem a preparar o abastecimento de um exército. Não entrávamos na grande cubata sem que as encontrássemos a descascar, ralar, lavar e cozer a mandioca.

Duas pirogas foram retiradas da lagoa e aladas até ao centro da cabana tribal. As mulheres lavaram-nas e esfregaram-nas cuidadosamente, para de seguida as encherem de água, na qual esfarelaram centenas de bolos de farinha de mandioca, até tudo ficar com o aspecto de umas papas amareladas.

— Elas preparam a bebida — disse Mário com ar alegre —, e já não falta muito; vamos cobrir as canoas e esperar que isso espume e fermente; depois beberemos tudo!

As duas almadias comportavam pelo menos um metro cúbico, isto é, mil litros, e não havia mais de cinquenta pessoas na aldeia, incluindo as crianças ...

Algumas horas depois, ao fim da tarde, estávamos sentados num tronco de árvore, na orla do largo, e três jovenzitos brincavam ali ao pé. Mário deitou-lhes um olhar de esguelha, quando as palmas que fechavam a pequena palhota sagrada se entreabriram:

— É para eles — disse, piscando o olho.

Dois homens saíram, aproximando-se indolentemente de nós. Um era o enigmático *velho que sabe*, o outro, um velho da mesma idade e com aspecto idêntico, que até aí não tínhamos ainda visto.

— Acabou de chegar de uma aldeia vizinha para ajudar o velho — disse Mário.

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

O par acocorou-se a nosso lado, debruçando-se sobre uma pequena marmitta.

Água morna dentro do recipiente desprendia suaves vapores, e grandes insectos nadavam à superfície.

— As vinte-e-quatro — murmurei.

Eram formigas, não daquelas muito comuns nas margens do Orenoco, mas sim formigas negras com quatro centímetros de comprimento, da maior e mais perigosa espécie existente na selva amazónica. Numa das extremidades, terminam por enorme par de pinças, duras e fortes como grafos cirúrgicos, e na outra, por um ferrão semelhante ao de uma abelha. Podem despedaçar a presa a modos de um caranguejo, depois de a terem paralisado com a ferroadada do seu agulhão caudal.

Uma picada desta formiga dá vinte e quatro horas de febre — dizem os mestiços do Orenoco — e daí o nome de «formiga-vinte-e-quatro» com que a apelidam.

Com precisão de relojoeiro, feiticeiro e ajudante tiravam da água, um por um, os perigosos insectos, segurando-os entre o polegar e o indicador pelo meio do corpo. Quando calhava, um par de pinças cerrava-se qual tenaz na ponta dum dedo, mas os velhos nem sequer pestanejavam, continuando o trabalho após remoção da atacante arrancando o insecto da mão: as garras fechavam-se com tal força que a cabeça separava-se e ficava agarrada à carne. As formigas eram introduzidas, uma após outra, nos interstícios de um entrançado de vime, quadriculado, do tamanho da palma da mão. Puxando pelas pontas, as hastes de vime eram apertadas e os insectos ficavam presos pelo meio do corpo, agitando de um lado e outro o agulhão e as pinças. Mário elevou a voz, em linguagem piaroa, interpelando as três crianças, fascinadas pela estranha tarefa do feiticeiro. Duas delas são os seus próprios filhos, de idades a rondar os nove ou dez anos. A terceira devia ter doze ou treze. Fez-lhes um longo discurso, com ar zombeteiro.

— O que lhes estás a dizer? — perguntei a Mário.



*Um dos jovens piaroas
a ser submetido à prova
das formigas.*

— Explico-lhes que as formigas são para os pôr à prova, e lhes farão doer. Eles afirmam ser já homens, não tendo mais necessidade de viver à sombra das mulheres. Podem entrar na palhota pequena, e ver quem são os que vestem as máscaras. Podem tocar trompas e flautas e conhecer todos os instrumentos musicais. Então, não achas que devem sofrer pelo menos uma vez, sofrer muito, perante toda a gente, e aguentar a provação? Sem isto nunca serão homens a sério, e nada nos garante que não vão repetir às mulheres tudo quanto tiverem visto! *Assim, vamos picá-los com as formigas. Teremos então a certeza de que saberão guardar os segredos.*

— E quando é isso?

— Quando a Lua morrer: depois de amanhã, no dia da festa grande, quando bebermos tudo o que as mulheres prepararam. Tu verás. O acontecimento será na cubata maior, quando o Sol estiver ali — e indica-me com o dedo o meio do céu.

A noite acercava-se. Feiticeiro e ajudante desapareceram em direcção à cabana tribal, os homens dispersaram. Um pouco mais tarde, surgiu o prelúdio das flautas na borda da lagoa, subindo a melodia docemente para a aldeia enquanto apareciam as estrelas. A Lua rompeu, bordejando a longa silhueta de uma árvore de recortes desiguais. Não passava de estreito crescente horizontal, amarelo como a *chicha* de mandioca fermentando nas pirogas, à espera da hora da grande cerimónia. Do outro lado da aldeia soaram as trompas, em resposta às flautas, marcando a sua melodia.

Tínhamos voltado à nossa cubata, e estávamos estendidos nos burros¹, discutindo o trabalho que nos esperava no dia seguinte e no outro ainda, pois não queríamos perder pitada do que se iria passar. Por fim, havíamos compreendido. Esta festa da colheita era, na realidade, uma cerimó-

¹ Burro: nome dado às macas, ou camas de campanha. (N. do T.)

nia de iniciação dos jovens. Tudo aquilo que presenciáramos durante quase um mês, todos os filmes e gravações feitas não passavam de preliminares do grande dia em que as crianças deveriam vencer a difícil e dolorosa prova, para ganharem pleno direito de maioridade. Filmar a cerimónia no interior da cabana grande ia colocar-nos perante sérios problemas. Era necessário agir rapidamente, movimentando a máquina de filmar, a bateria de acumuladores e o farol de automóvel — este, o nosso único material de iluminação —, e tudo isto com o maior rigor e rapidez. Seria também preciso que o feiticeiro nos deixasse aproximar os aparelhos o mais perto possível da cena.

Congeminávamos sobre o assunto, quando um emissário nos veio comunicar que Mário e o velho nos esperavam. Um pouco surpreendidos, satisfizemos, pressurosos, o convite. Mário, o velho e o ajudante estavam acorados no centro da cubata tribal, no mesmo sítio onde havíamos colocado o microfone para o canto nocturno. À luz da pequena lamparina de óleo, terminavam a preparação da placa das formigas.

— O velho chama-vos — disse-nos Mário —, para que façam imagens da placa das formigas. Assim, poderás mostrar aos teus, no outro lado da Grande Lagoa, como os índios se fazem homens.

Grande Lagoa era o que ele chamava ao mar, pois já lhe explicara o facto de este separar o seu continente do nosso.

Os dois homens acorados olhavam-me, sorrindo. Voltámos ao nosso alojamento, para ir buscar o farol, a bateria e a máquina. Estávamos um tanto ou quanto espantados: eram os índios que nos ditavam, agora, as cenas do filme. Quando regressámos, várias pessoas os rodeavam; instalámos o equipamento. O farol foi apontado para o meio da acção, e começámos a filmar. Imperturbáveis, os dois feiticeiros prosseguiram aplicadamente na tarefa de incrustar formigas: pareciam bordadores ou joalheiros. Lá para o



A grade de formigas é aplicada no rosto do rapaz. Passada esta prova, será um homem aos olhos da tribo.

45

fundo, a nossa fraca luz ampliava as silhuetas contra as paredes e tecto, formando enormes e fantásticas sombras.

Às cinco e meia, Mário acordava-nos:

— Muito dormem vocês — disse-me —, vão mas é tomar banho. As máscaras estão quase a sair, e têm de lá estar com as máquinas!

Atirei-me às águas da lagoa. O odor da mandioca fermentada envolveu-me. Dava a impressão de estar a tomar banho num pântano de *chicha*. Enquanto nadava preguiçosamente, afastando-me da margem, ouvi assoprar com violência junto de mim. O sol ainda não tinha nascido e via-se muito mal. Pareceu-me distinguir duas ou três formas sombrias. Eram lamantins, esses enormes cetáceos dos rios amazónicos. Brincavam, resfolegavam e giravam ao meu redor. Contei uma dezena.

Quando voltei para a margem, já o dia tinha nascido. Apercebi-me então de que toda a água estava juncada de cascas de mandioca. No regresso à cubata, onde Mário me esperava, falei-lhe dos lamantins:

— Ah, sim! — disse ele, sorrindo —, as avós!

— ? ...

— As avós, as nossas avós, pois então! Não sabias isso, tu que conheces tantas coisas? Os lamantins são as nossas avós. É por isso que aqui as pessoas não os matam. Eu estou-me nas tintas. Já vivi com os brancos. Não se importam de matar as suas avós. Em minha casa, no Orenoco, mato-as e como-as. Têm muita gordura na carne. Mas aqui, os velhos zangar-se-iam se alguém tocasse nas avós. É muito natural que elas estejam na lagoa, esta manhã. Vêm para a festa. Foi por isso que as mulheres deitaram na água todas essas cascas de mandioca. Amanhã, todos beberemos *chicha*, e as avós devem acompanhar-nos!

Disse a Mário:

— Preciso que fiques connosco amanhã, para nos explicares de antemão tudo o que se irá passar, e assim termos tempo de instalar as máquinas.

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

Como habitualmente, foi-se embora sem responder. Já sabia bem o que essa atitude significava: ia consultar o velho.

Com efeito, duas ou três horas depois, Mário voltava:

— Ouve — disse-me ele —, o velho quer que te explique tudo, e disse para instalarem os aparelhos na cabana, quando picarmos os rapazes com as formigas. Mas põe duas condições: primeira, não se servirem da vossa máquina de fazer relâmpagos (*flashes*), porque é muito perigoso, afasta os génios bons e chama os maus. Segunda, terão de dar-nos quinze pesos (cerca de quinze francos) ou, se preferires, umas calças e uma camisola ao velho e ao seu ajudante. Vocês vão ganhar muito dinheiro, mais do que o suficiente para comprar montes de camisas e calças, quando mostrarem isso na vossa terra, e então o velho disse que a aldeia também deve beneficiar desse provento.

Aceitei o negócio, e Mário voltou todo contente a informar os seus.

Entretanto, as máscaras tinham saído, e subimos para a cabana grande com a máquina de filmar. Os cinco já não estavam a dançar em fila. A altura dessa encenação tinha passado. Durante este último dia de preparativos, iriam ocupar-se exclusivamente das pirogas com bebida: a mandioca fermentada estava agora sob a sua protecção. Na cubata sagrada, os homens tinham manufacturado duas grandes esteiras. Os mascarados pegaram nelas e correram a tapar as almadias.

— Amanhã — disse-me Mário —, quando eles as retirarem, começaremos a beber.

Pouco depois, as máscaras saíram novamente da palhota sagrada. No lugar da maracá, cada um trazia agora na mão uma pequena esteira quadrada, do tamanho de um lenço, que conservava fechada pegando em duas extremidades opostas. As placas de formigas vinham dentro. Os mascarados voltaram à cabana tribal e colocaram os pequenos mas perigosos embrulhos sobre as esteiras que cobriam as pirogas de bebida. Ouvia-se o ranger dos corpos das for-

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

migas, enervadas: eram elas que guardariam a bebida até ao dia seguinte.

O tempo passou como um relâmpago, a filmarmos todas estas idas e vindas.

Fez-se noite. O cântico sagrado começou. Era, sem dúvida, a última vez que o escutávamos. Pierre e eu saímos alta madrugada, para fazermos ainda algumas gravações. Esperámos uma, duas horas, em silêncio, sentados no meio do largo. O coro masculino subia e descia como vagas. Gravámos um disco, depois outro, e finalmente um terceiro. Antes de voltarmos às macas, quisemos ouvir aquilo que tínhamos acabado de gravar, e Pierre colocou o braço de leitura no gira-discos, montou o altifalante e ligou a corrente. Vieram cães rebolar-se em frente da aparelhagem, mordendo os fios eléctricos e uivando. Foi preciso enxotá-los a pontapé. A cubata, assim que o disco começou a tocar, ficou silenciosa. A porta abriu-se e surgiu Mário, o torso nu e, caso raro, sem o chapéu. Dirigiu-se para nós, seguido de outros homens. Quedaram-se em frente do altifalante, escutando a reprodução do canto. Reconheciam a tosse dum, o brado doutro, o guizalhar das maracás dos dois feiticeiros. Rebentaram a rir, ficaram sérios, tremeram. Alguns voltavam num instante à cubata, para regressarem trazendo o *niopo* na mão. Tomavam-no; a excitação de possesso refugiava-se nos olhos brilhantes de pupilas dilatadas, as mãos tremendo. Mas continuavam calmos. No fim do disco, desapareceram sem dizer água vai. Pouco depois, soaram as maracás, e a voz do velho surgiu novamente. Desmontámos os aparelhos. A atmosfera agitava-se já; lufadas de ar fresco percorriam o ambiente. O dia não tardava, os primeiros mosquitos zumbiam na borda da lagoa. Voltámos às macas. A fadiga arrasava-nos.

Antes porém de o Sol emergir completamente do horizonte, já tínhamos de estar outra vez a pé.

Às sete da manhã, as máscaras vão destapar as duas almadias, e o feiticeiro dá ordem para se começar a beber.

**A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas**

Ao lado das embarcações, na cabana tribal, fora desem-pachado um largo espaço, e no centro erguia-se um pequeno tamborete talhado em peça única de madeira escura: era o trono do que iria presidir à cerimónia. É o velho que se senta nele. Mulher igualmente idosa enche uma cabaça com *chicha* de uma das pirogas e estende-lha. Entretanto, um homem vai acocorar-se na frente dele. O velho eleva a taça, fá-la descrever três círculos em redor do peito, três outros em torno do homem e entrega-a a este, que a bebe dum trago. Depois, o homem acorado levanta-se para dar lugar ao seguinte. Já uma mulher tomou nas mãos a cabaça vazia, apresentando outra cheia. Todos os homens, mulheres e crianças da aldeia se vão sucedendo assim diante do xamã para receberem a primeira taça de bebida sagrada. Só este último não bebe. É ele quem guarda e conduz o seu povo durante a cerimónia, tal como o guia todas as noites, nas suas orações e invocações dos espíritos.

A libação vai decorrendo discretamente, como se acompanhasse o movimento regular do Sol. As cabaças a transbordar sucedem-se em todas as mãos, substituídas logo, graças aos cuidados e vigilância das mulheres. Uns bebem de pé, outros sentados ou deitados por terra. A breve trecho os estômagos estão de tal forma dilatados que os homens se vêm obrigados a vomitar entre duas goladas. Nós fil-mamos. Mário não nos larga.

A enorme quantidade de bebida ingerida e regorgitada actua sobre o sistema nervoso dos índios: prepara-os, fisicamente, para a dura experiência que virá a seguir ou, por outras palavras, remata a preparação alcançada desde o começo deste mês litúrgico.

Nessa noite, todos os homens da tribo, sem excepção, toma-ram *niopo*. Pela alvorada, os seus espíritos ainda não tinham regressado completamente aos corpos. É preciso que se mantenham em espécie de nirvana, algures, num mundo irreal, diferente.

Com o olhar procuro os futuros iniciados. Estão deitados,

**A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas**

aniquilados, no solo, não conseguem já beber sozinhos. Os pais rodeiam-nos e, com extremos cuidados, continuam a deitar-lhes pela boca abaixo cabaças e cabaças de bebida. Devem beber mais que todos os outros. O líquido entra e sai, aos borbotões, pelas bocas abertas, pelas gargantas indi-ferentes.

Tudo se acalma depois. Um após outro, os assistentes regres-sam às cubatas. O feiticeiro acaba de dar ordem para se parar de beber.

Não se vê nenhuma sombra no chão. É meio-dia em ponto, Então, da cabana sagrada sobe o som das maracás, e os cinco mascarados aparecem no terreiro. As três crianças são amarradas umas às outras pelos braços. Atravessam lentamente o largo e entram na cubata tribal. Homens pressurosos desamarram-nos. Trazem atravessada no dorso uma espécie de mochila, fechada por uma liana. É a maca, que todo o índio de viagem assim transporta. As tarimbas são retiradas das costas das crianças e amarradas aos pila-res mais próximos da palhota tribal. As máscaras levantam os miúdos nos braços, deitam-nos e voltam a sair. O velho retorna ao trono, à direita das pirogas já vazias. A seu lado jazem no chão objectos diversos, duas placas de vime, lon-gos cigarros de tabaco verde enrolado, folhas de bananeira e uma cabaça de bebida. Os cinco trajos rituais reaparecem. Nas frentes, cintilam os rectângulos sussurrantes dos entran-çados, aprisionando duzentas formigas.

Saltitam ora num pé ora noutra, frente ao feiticeiro, enquanto os ajudantes desamarram as placas de insectos dos chapéus e as colocam aos pés do xamã, ao lado dos cigarros. Os tigres recuam dois passos e urram cada vez mais alto. É o canto original da tribo, o dos tigres que, desde o começo dos tempos, trouxeram para a Terra entre as garras os primeiros Piaroas.

Uma criança desce da maca. Caminha com passo seguro na direcção do feiticeiro e senta-se em frente dele. Estende os

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

braços e coloca as mãos nos joelhos do velho. A cerimónia principal vai começar. Os mascarados calam-se. O *homem que sabe tudo* segura uma das placas de formigas. Em meio de silêncio sepulcral, ouve-se o remexer das patas e das pinças dos insectos. Molha-a na *chicha*, aproxima-a do seu cigarro e sopra lentamente uma espessa nuvem de fumo azulado. As formigas, exasperadas, crepitam como labaredas em madeira seca. A placa descreve três voltas rituais em roda do corpo do xamã e seguidamente mais três em redor do iniciado. O feiticeiro vai virando a placa de tal forma que as formigas apresentam as pinças voltadas para o corpo do rapaz. Vários homens abeiram-se e seguram o jovem pelos punhos e pela cabeça. A placa é pousada no peito do iniciado e ele contorce-se bruscamente, recuando: os duzentos agulhões penetraram-no e injectaram o veneno no sangue. Vai gritar, mas a mão de um ajudante cola-se-lhe à boca, fazendo de mordaza. A placa prossegue lentamente um circuito ritual: sob os braços, no pescoço, subindo para o rosto. O velho opera com minúcia escrupulosa.

A cena dura dois, três, quatro intermináveis minutos. Por fim, as formigas passam, num último e lento beijo, sobre as maçãs do rosto e as frentes do miúdo. Os homens abrandam a prisão. Aos olhos de todos eis que se tornou um homem. As mãos, sobre os joelhos do velho, nem mexeram. As pálpebras abrem-se lentamente, um olhar de sonâmbulo perpassa entre os cílios. Uma mulher refresca-lhe o peito, os braços, as costas, com um pouco de bebida na concha da mão. O velho volta a pegar no cigarro e sopra sobre o corpo do supliciado.

Os olhos da criança abrem-se completamente. Olha lentamente à volta, espantado. Parece regressar de outro mundo, ou acabar de chegar a um mundo inteiramente novo para ela. Levanta-se, caminha sem ajuda para a maca e deita-se. De todos os lados, na cabana enfumarada, rebenta um grito agudíssimo: a comunidade saúda o homem em que ela se tornou. Uma segunda criança senta-se, por sua vez, diante

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

do feiticeiro. Atrás, os tigres dançam e urram, o velho toma nas mãos uma nova placa de formigas...

Duro para os rapazes, o ritual índio não o é menos para os adultos. Todo aquele que *vê* deve também *submeter-se*: tal é a lei. É por isto que, após a última criança, todos os homens, seguidos de todas as mulheres presentes, vêm sentar-se frente ao feiticeiro, sofrendo por seu turno o suplício das formigas.

As mulheres são arrogantes, desconfiadas. Não colocam as mãos nos joelhos do xamã, cruzando-as sobre a cabeça, os cotovelos levantados, aparentando indiferença. Nem um só músculo do rosto estremece. Sentam-se cavaqueando com a vizinha, não interrompendo a conversa durante toda a provação, em tom alto, sem que a sua voz se altere um segundo sequer. Deixam entender que não sentem nada. Voltam para a tarimba com passo firme. Depois, caem em perfeito estado de coma.

Levanto-me, coberto de suor e poeira. Passei toda a cerimónia de ventre colado ao chão, levantando sobre mim a bateria de acumuladores. Enquanto Pierre iluminava a cena com o farol de automóvel, Jean ia rodando bobina após bobina. Os poucos homens ainda válidos rodeiam agora o feiticeiro, que não abandonou nunca o pequeno tamborete. Discutem animadamente, olhando-nos uma vez por outra.

Sem dúvida, parece que chegou a nossa vez. Assistimos ao suplício, conseqüentemente devemos sofrê-lo. Terei necessidade de acrescentar que a perspectiva de sermos mordidos no dorso, na garganta, sob os braços e até na cara por esses duzentos insectos não nos alegrava nada? Nem mesmo sabíamos se existiria em nós qualquer vislumbre de imunidade para poder escapar. Mas que fazer, se assim fosse decidido pelo feiticeiro e os índios? Jogaram limpo conosco, devemos pagar-lhes na mesma moeda. Somos os primeiros brancos a quem se permitiu assistir a tal cerimónia, e eles tinham exigido a nossa promessa de respeitarmos a sua lei... Começamos a tirar as camisas, quando

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

um homem se destaca do grupo e vem dizer-nos para regressarmos à nossa palhota. O velho compreendeu o nosso gesto e disse «não» com a cabeça, sorrindo.

Assim escapámos. Um silêncio de morte sucedeu aos cânticos, aos gritos, à agitação deste dia excepcional. Temos a certeza de que os homens nos queriam submeter ao suplício mas que o feiticeiro, e só ele, a isso se opôs. Porquê?

A noite cai. A vida parece ter desaparecido da aldeia. Os índios devem estar a dormir, esgotados pelo sofrimento e pela bebida.

Também nós estamos mortos de fadiga. Só nos resta ir para a cama, mas não conseguimos pregar olho. As imagens deste dia perseguem-nos como um pesadelo. Levantamo-nos, procurando qualquer coisa que fazer. Pomos em funcionamento o pequeno grupo electrogéneo, para recarregar a bateria, esgotada pelo farol. Às nove da noite, a bateria está de novo com boa carga, e paramos o motor. É então que um ruído, que já devia durar há bastante tempo mas se abafara com o do motor, chega até nós.

Alguém, que não o velho feiticeiro, canta na cabana grande, agitando a maracá sagrada. A voz é anelante, imperativa, e um coro acompanha-a. Saltamos dos burros, subimos até à porta da palhota tribal. A Lua não desapareceu completamente, um fino crescente no céu clareia ainda a mata e o terreiro. Quatro cães rosnam, sentados nos traseiros. Distinguimos perfeitamente os olhos amarelos, fitando-nos sem pestanejar. A porta da cabana está fechada, mas o canto agudo passa através das paredes. Corre pela noite, tal como um comboio lançado a todo o vapor. Sentamo-nos num tronco de árvore e esperamos, silenciosos. Algo que não podemos definir retém-nos ali. Passa uma hora, e subitamente um grito infundável salta na noite. Repete-se dez, vinte vezes, sem que oíamos mover-se a mínima coisa, sem uma única luz se filtrar por entre as paredes da palhota. A fadiga cerra-nos os olhos, só nos resta regressar às macas. Por que razão cantariam os homens, quando a festa já ter-

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

minara? Qual a razão daqueles gritos, que nos vão perseguir mesmo durante o sono? Há um novo mistério nos Piaroas.

Na manhã seguinte, a vida dos Piaroas voltava à normalidade. Mulheres banhavam-se desde a aurora na lagoa, outras subiam para a grande cabana, de bilha à cabeça. Crianças brincavam no largo, com os seus pequenos arcos de madeira verde e bolas de folhas de bananeira. Homens embarcavam nas almadias, a caminho da caça e da pesca. O feiticeiro voltara a ser um bondoso avô, contemplando as brincadeiras infantis, sentado no mesmo local onde, a meio da noite, nos víamos perante tantas interrogações. O dono da palhota onde habitávamos veio perguntar em que altura tencionávamos partir. Se *realmente* tudo estava terminado, pouco ou nenhuma coisa nos restava que fazer junto dos Piaroas.

Mas onde estaria Mário? Por fim, demos conta dele. Explicou-nos que o velho não tinha querido aplicar-nos as placas de formigas por não termos tomado o *niopo*, de noite, como todos os outros, e que além disso não tínhamos bebido o suficiente:

— Comprendes — acrescentou a rir-se —, se viésseis a morrer, teríamos grandes problemas com os brancos!

Acrescentou que os gritos por nós ouvidos durante a noite tinham sido de uma jovem a sonhar com o seu suplício.

Despendemos o resto do dia a captar imagens para futuras montagens que completariam o nosso filme e, na manhã seguinte, foi altura de partir. Estivámos toda a bagagem a bordo, pegámos nas pagaias.

Os indígenas tinham-se agrupado à beira da lagoa para nos dizer adeus. Em primeiro plano, sorridente, o velho xamã, já com a camisa e as calças novas que lhe havíamos dado, conforme o combinado. Tinha um ar feliz e calmo, a mão caída acariciando a face de uma criança agarrada à perna. Mário acompanhava-nos. Algumas horas depois, ao avistar

A caminho do Orenoco
Os últimos brancos
e os primeiros índios
A vida secreta dos Piaroas

a casa dele, na margem esquerda do rio, rebuscou um cesto e aproximou-se de mim com algo na mão:

— Ora vamos — disse-me —, quero que faças um negócio comigo. Dá-me o teu cachimbo de porcelana, pois de nada te serve, e eu dou-te isto.

Estendeu-me a sua caixa de *niopo*.

Tinha, antes de partir, trocado com o velho feiticeiro a maracá sagrada, com a qual tantas noites me impedira de dormir, por um belo sabonete perfumado com violeta. Estendi a Mário o cachimbo que me pedia. A embarcação encostou à margem. Mário, a mulher, o irmão, a cunhada e respectivas crianças desembarcaram. Quando o motor voltou a soar, guardei preciosamente o pequeno almofariz de madeira e o aspirador de *niopo* ao lado da maracá, na mesma caixa onde iam a película impressionada e os cadernos de apontamentos em que, dia a dia, tinha registado, com a estranha história daquela festa, o nosso primeiro contacto com o mundo dos índios.

A caixa seguiu alguns dias depois por via aérea de Puerto Ayacucho para Bogotá, só a voltando a abrir cerca de um ano depois, em Paris. Quando peguei novamente no estojo de *niopo*, um estranho odor invadiu a sala: um cheiro agri-doce, insólito e bafiento. Fechei então esses objectos e nunca mais lhes toquei.



Luis Saenz.

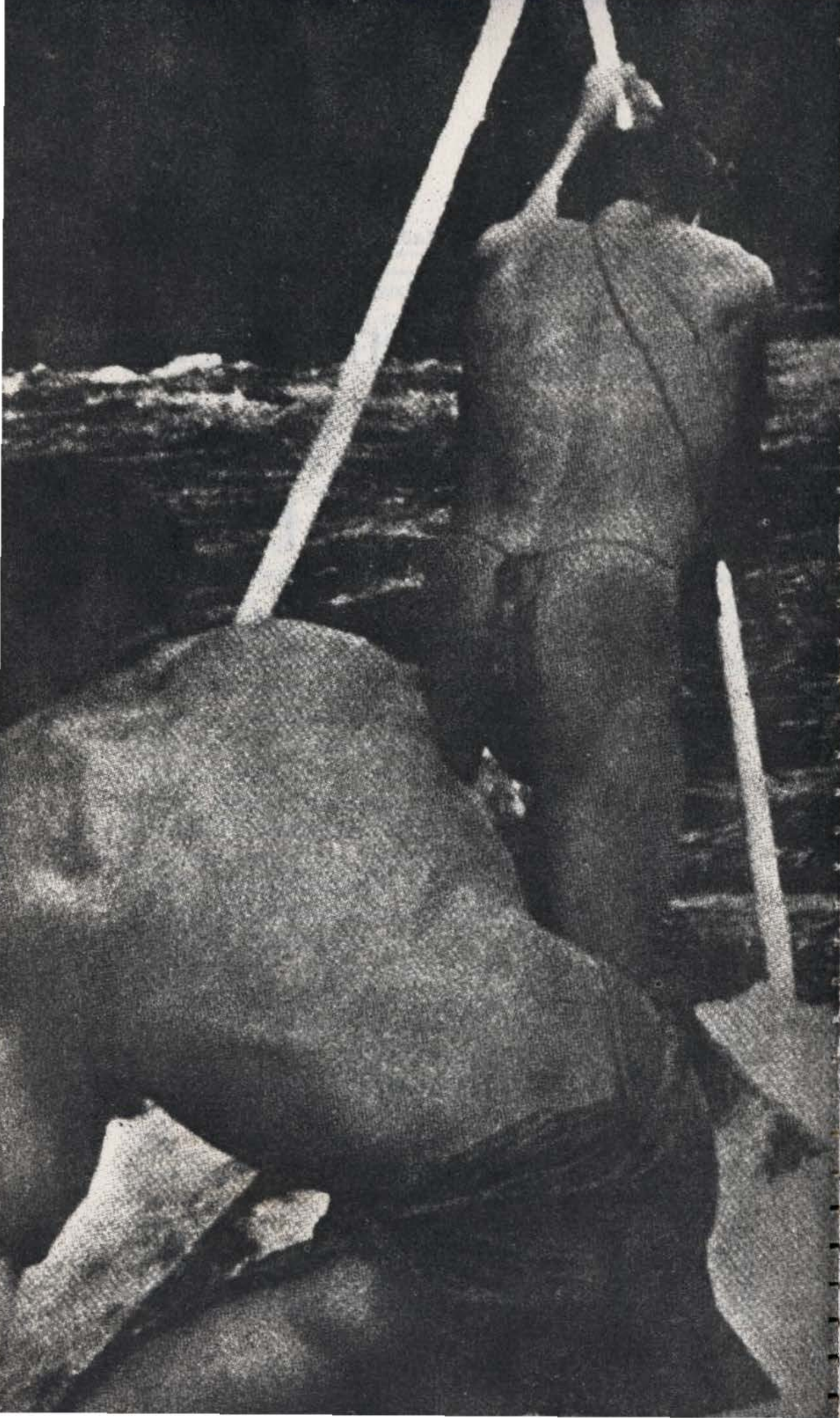
Primeira penetração na serra Parima

Fome Regresso

Reencontramos em Puerto Ayacucho o quarto membro da expedição, Luis Saenz.

A máquina de filmar de trinta e cinco milímetros estava reparada e funcionava tão bem como dantes. Estávamos já em meados de Outubro, as águas do Orenoco continuavam a baixar de nível. Era tempo de subir o rio até à serra Parima, justificando finalmente o nome da expedição: realizar a primeira ligação da bacia do Orenoco à do Amazonas, através dessa terra desconhecida.

Antes, contudo, de soar a hora de tão importante largada, foi preciso demorarmo-nos alguns dias em Puerto Ayacucho, a dar versão definitiva ao nosso plano de acção. Tínhamos consciência da gravidade da aventura que queríamos empreender, onde o menor passo em falso poderia ter consequências desastrosas quer para a expedição quer para as nossas próprias vidas. São numerosas, de facto, as lendas que circulam acerca da serra Parima, último troço ocidental da cadeia montanhosa das Guianas.



57

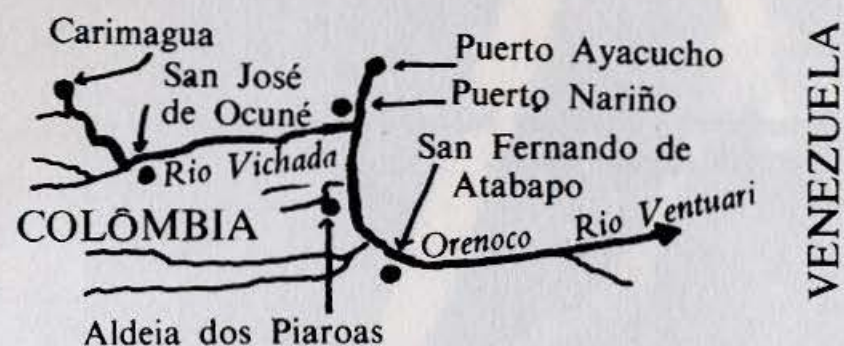
*Teria sido impossível galgar os rápidos
sem a ajuda dos Maquiritares.*

Nas primeiras cartas da América do Sul, traçadas por espanhóis e portugueses, nos séculos XVI e XVII, a serra Parima aparece representada como um lago enorme, maior que o mar Cáspio, à borda do qual figura grande cidade em construções de pedra, local encantado e misterioso onde vivia o «El Dorado», ou Homem Dourado, venerável chefe índio, mais rico que todos os incas do Peru, que em cada ano se lança nas águas do lago sagrado, com o corpo recoberto de ouro em pó, em oferenda ao deus Sol, enquanto o seu povo imita o gesto com milhares de outras prendas, salvas, pratos ou estátuas de metal precioso, guarnecidas com rubis, diamantes e esmeraldas gordas como ovos de galinha. Esta lenda resistiu aos tempos, vindo somente a desaparecer em meados do século XIX. Sabe-se hoje não poder existir nenhum «El Dorado» nem lago gigante na serra Parima, mas os diamantes e ouro recolhidos nos rios nascidos nessa montanha, tanto na Venezuela como no Brasil, bastam para a reputação dessa serra desconhecida conservar algo de lendário e de sagrado. Ninguém, no entanto, se atreve a arriscar ali uma incursão, de tal modo os acessos são difíceis e mau o clima.

«A serra Parima é um inferno impenetrável», tinham-nos dito em Paris, em Caracas, em Bogotá.

«A serra Parima é um inferno absolutamente impenetrável», repetiam-nos funcionários, colonos, colectores de borracha, de *chicle*, de ouro e diamantes, ou os madeireiros de Puerto Ayacucho. Os que não tinham medo dos rápidos que é preciso subir para atingir a montanha, nem das terríveis chuvas equatoriais que caem durante quase todo o ano, aqueles que, enfim, não temiam animais selvagens nem mosquitos, qual guarda avançada formando em cerradas fileiras, recuavam perante a perspectiva de enfrentar os homens da montanha. Pois era justamente por a serra Parima ser habitada que nós queríamos desvender o seu mistério.

Maquiritares e Guaharibos são os dois povos índios que



sabíamos existirem no meio desse «inferno». Só a simples palavra Guaharibo parecia aterrorizar os mais duros aventureiros nossos conhecidos. Pronunciavam-na em voz baixa, pousando o copo na mesa, e acenando negativa e silenciosamente com a cabeça. Os Maquiritares, pelo contrário, pareciam gozar de estima generalizada.

Eram, diziam-nos, homens vigorosos, trabalhadores, dotados de grande coragem e de igual sentido artístico. Certos grupos de Maquiritares, estabelecidos nos mais altos afluentes do Orenoco, mantinham contactos regulares com colonos e colectores de borracha da floresta, prestando-lhes serviços de quando em vez; toda a gente estava de acordo em louvá-los. Os outros, constituindo a maioria da tribo, continuavam a viver nas nascentes dos rios vindos da Parima, levando a mesma vida de sempre, nus, pintados e ornamentados com plumas, recusando a civilização, sem contudo a hostilizarem.

«Os índios que conhecem são uns pobres atrasados — assim nos diziam — mas os Maquiritares, isso, sim, são outra loiça. Sabem tecer bonitas macas, fabricar esteiras e pratos de vime, recobertos de ornamentos e desenhos, símbolos, figuras de animais, homens, arabescos; sabem dançar e enfeitar-se com maravilhosas coroas de plumas. Os homens têm arcos, zarabatanas e bastões magníficos. As mulheres fazem pequenos aventais com missangas de todas as cores. Constroem grandes cubatas com paredes de adobe, são muito bons caçadores, nada lhes falta, e cozinham o melhor *casabe* que se pode provar, tão bom como o pão de trigo!» Tudo o que íamos ouvindo sobre os Maquiritares nada era, em comparação com as histórias dos seus vizinhos Guaharibos.

Classificavam-nos correntemente de assassinos, antropófagos ou animais selvagens. «Vivem completamente nus no centro da floresta — disseram-nos —, não possuem utensílios de ferro, nem mesmo de pedra, não sabem construir cabanas nem talhar pirogas. Têm apenas grandes arcos e

flechas de ponta de osso ou madeira. Atacam todos os homens que encontrem, índios ou brancos. Muitas pessoas que, algum dia, desapareceram na floresta, nunca mais se ouvindo falar delas, foram de certeza trucidadas pelos Guaharibos ou transformadas em escravos.» Confirmando tais declarações, citavam-nos mil aventuras passadas com pessoas bem conhecidas, de que nos diziam os nomes, para o realismo ser convincente.

Quanto às relações entre Maquiritares e Guaharibos, pareciam ser um permanente estado de guerra, latente ou mesmo activa.

Em resumo, a possibilidade de falar com os Guaharibos só conhecia uma via: a força das espingardas.

«Se alguma vez os encontrarem — diziam-nos — atirem em primeiro lugar, e que Deus esteja convosco.»

Mas não tínhamos espingardas de longo alcance e havíamos jurado, no início da expedição, jamais utilizar uma arma contra os habitantes da floresta. Queríamos vencer, mas pacificamente: era este, aliás, o fim da nossa visita.

Decidimos começar por subir o Ventuari, afluente da margem direita do Orenoco, e o grande rio dos Maquiritares, que contorna a norte o território suposto dos Guaharibos. Nas nascentes do Ventuari vivem Maquiritares que nunca viram homens brancos. Instalar-nos-íamos entre eles o tempo necessário para aprendermos a sua língua e costumes. Depois, graças à ajuda que nos dessem, em troca de toda a persuasão possível, poderíamos estabelecer o contacto pacífico com os seus terríveis vizinhos, sendo nós próprios já autênticos homens da floresta.

Muita gente nos tinha falado num grande chefe maquiritare, de nome Kalomera ou Kalorinia, que habitaria algures na floresta desconhecida, perto das nascentes do Ventuari. Lenda passada de boca em boca dizia ser este homem misterioso o único a conhecer o segredo das picadas próprias para atravessar a montanha, da vertente venezuelana para a vertente brasileira. Parecia ser, em suma, o rei

Os índios guaharibos eram considerados os mais perigosos no trajecto da expedição. Em primeiro plano, um deles masca uma porção de tabaco verde.

dessa zona inóspita. Só nos faltava encontrá-lo e aliciá-lo para a nossa causa.

Despendemos alguns dias nos preparativos materiais da viagem. Iríamos passar, pelo menos, três ou quatro meses em plena floresta, longe de qualquer contacto com a civilização. Era preciso que a bagagem fosse suficientemente leve e repartida para ser transportada com facilidade tanto às costas como em piroga. Limitámos pois os víveres a uma caixa de leite condensado, poucos quilos de chocolate e café. Para o resto seria necessário fazer como os índios, isto é, viver da caça e da pesca. Completámos a bagagem com alguns cortes de tecido de algodão encarnado (tinham-nos afirmado ser o único utilizado pelos Maquiritares na confecção dos seus *guayucos*), com ampla provisão de pólvora negra e de chumbo para caça e, finalmente, com uma montanha de cigarros, pois sabíamos do enorme vício dos índios em fumar, talvez ainda maior que o nosso.

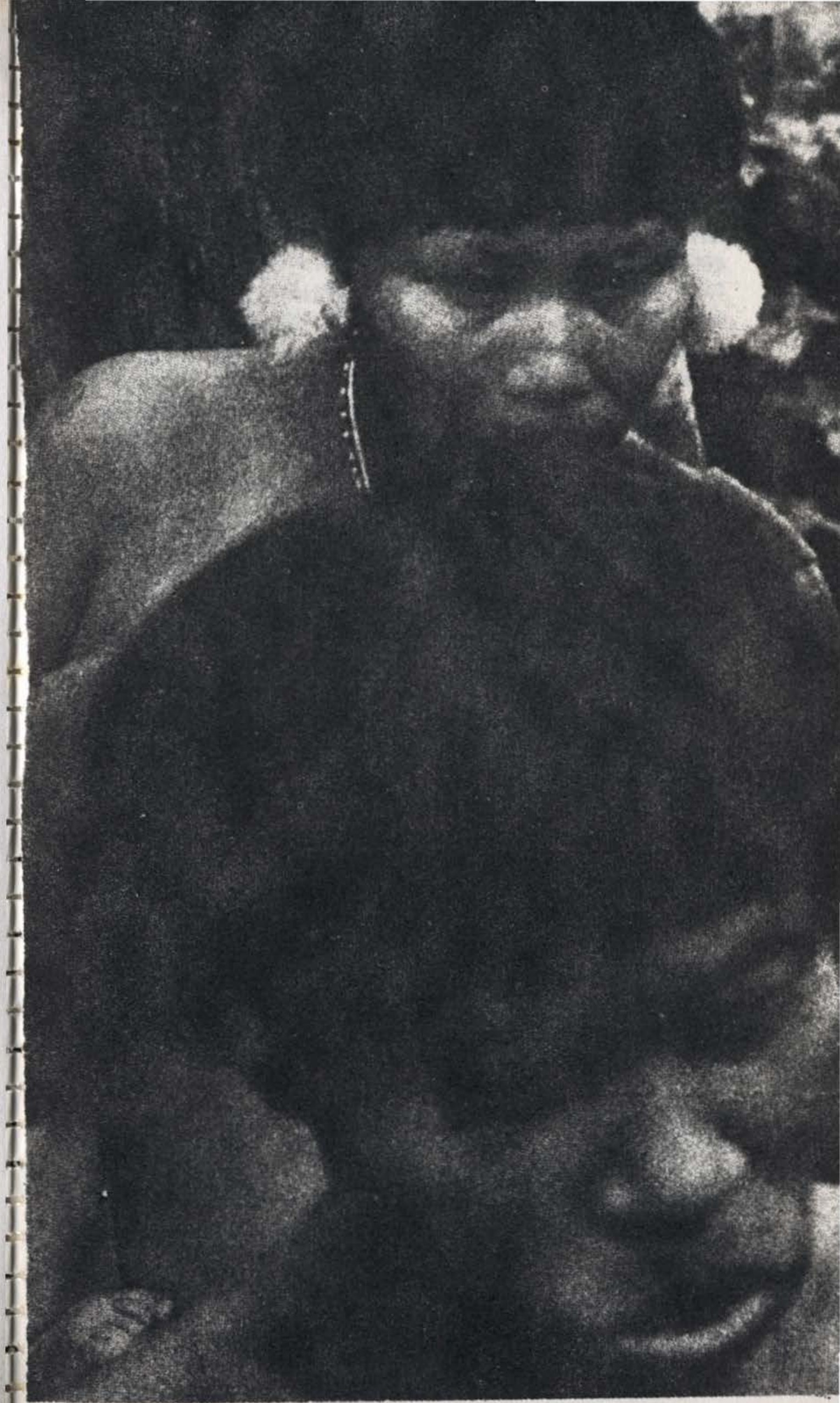
Quinze dias mais tarde, após trezentos ou quatrocentos quilómetros de navegação sem história, chegávamos ao último posto civilizado do alto Ventuari, chamado Marieta.

Alexandre Marat e Hélios Amazonas, brasileiros, velhos caminheiros da floresta virgem, dirigiam essa pequena estância de lenhadores num dos locais mais isolados do Mundo. — Somos quase conterrâneos — disse Marat, estendendo a mão com largo sorriso —, parece que uso o nome de um célebre general francês, não é verdade?

Era jovem, grande, ossudo, de pele amarelada como das sesões. Amazonas, pelo contrário, era gordo e rosado, o rosto ornado por um bigodito retorcido. Era doce e sentimental, apesar da enorme e pesada machada que lhe pendia do cinto. Também este tinha orgulho no apelido, e explicou-nos discretamente que o seu primeiro nome significava Sol:

— Estão mesmo a ver; hem? O «Sol do Amazonas», isto é que é um nome!

Após a explicação do que pretendíamos atingir, não só



terra de Maquiritares, mas também de Guaharibos, o rosto dele carregou-se:

— Tomem cuidado com esses bandidos — murmurou —, vocês ainda não sabem o que são os Guaharibos! Aliás, como é que o poderiam saber? Toda a gente fala neles em Ayacucho, mas ninguém os conhece como nós, os brasileiros do rio Negro. Pois fiquem a saber que é por causa deles que estou aqui! Arruinaram o meu pai, pilharam-lhe a fazenda, no outro lado da Parima: numa só noite, destruíram todas as culturas que ele conseguira estabelecer na floresta durante vinte anos. Eu era criança, tinha apenas doze anos, e no entanto recordo-me como se fosse ontem. O meu irmão mais velho reuniu alguns homens e embrenhou-se na mata, para nos vingar. Tinha uma carabina automática e dois revólveres, era forte como um touro. Mas os Guaharibos atacaram-no de surpresa, pela noite, e esmigalharam-lhe o crânio a golpes de cajado, depois de lhe trespassarem o coração com uma flecha. Acreditem-me, mais vale enfrentar dez jaguares esfomeados que dois Guaharibos!

Passámos vinte e quatro horas em Marieta, durante as quais os tagarelas brasileiros nos contaram a sua vida aventurosa, passada metade na mata, a derrubarem árvores, metade no rio, levando jangadas de madeira com destino à civilização. Ainda me lembro que tinham acabado de matar dois tapires, estando a sua cubata atascada de grandes bacias de carne vermelho-escura, cintilando do sal que lhe haviam impregnado. Era assim que preparavam as conservas, secas, em seguida, ao sol, como faziam os antigos bucaneiros.

A partir do quartel-general em Marieta, Marat e os seus homens fazem frequentes reconhecimentos até à queda-d'água de Tencua, a dois dias de caminho, espécie de fronteira entre o seu território e o dos Índios. Aí estabelecem contacto com José Catire, chefe do grupo maquiritare da

região, a quem vão dando utensílios de ferro, panos de algodão e munições para as «escopetas» maquiritares, fuzis de pederneira franceses, belgas ou ingleses, datando pelo menos da época de Fenimore Cooper e vindos, dizia-se, das Guianas, por algumas das picadas secretas que pretendíamos descobrir. Em troca, José Catire abastece-os de mandioca e abate-lhes troncos de cedro, a montante da queda.

Eram portanto os intermediários indicados para o nosso contacto com José Catire. Propusemos a Marat a troca da *Oram* e do motor, que de nada nos serviriam para o lado de lá das quedas, por bugigangas. No dia seguinte, um índio seminu, com elegante *sombrero* cinzento-pérola, veio postar-se frente às nossas macas:

— Aqui está o Luís XV — disse-nos Marat. — É um amigo de José Catire. Vai acompanhar-vos, com a embarcação, até junto da queda. Depois subirá à aldeia para explicar as vossas intenções ao Catire. Se nada ficar combinado, o melhor é regressarem. Se tudo correr bem, Luís XV já é suficientemente crescido para voltar sozinho com o barco. Não é assim, Luís XV?

O encantador príncipe resmunga: «*Si, señor!*», e a combinação dá-se por encerrada.

Retomámos a navegação. Dormimos pela última vez na *Oram*, e então, na tarde de 10 de Novembro, a água brilhante e calma do rio apareceu coberta por imensos flocos de espuma. Um fragor elevou-se do horizonte e, após uma curva, depara-se-nos majestosa parede de água desabando, por toda uma largura de cem metros, de mais de trinta de altura. Eram as quedas de Tencua, o fim do curso navegável a motor.

O imperturbável Luís XV virou suavemente a cana do leme para estibordo e parou o motor, enquanto a proa da embarcação abicava sem violência numa praia de areia fina.

A alguns metros da margem estavam três pequenos *ranchos* onde acomodámos as tarimbas, enquanto Luís XV des-



José Catire, chefe de uma aldeia maquiritare, permaneceu muito tempo em companhia de Alain Gheerbrant e seus camaradas.

carregava da falca uma marmita cheia de bifés de carne de tapir, último presente de Marieta. À nossa volta dançavam grandes borboletas azuis e brancas, do tamanho de uma mão. Muito poucas vezes, no decurso desta vida de vagabundos, tínhamos encontrado local tão aprazível para fim de etapa. Mas a breve trecho o zunir dos anofeles acabaria por recordar-nos que as aparências iludem, e refugiámo-nos rapidamente no abrigo dos mosquiteiros.

Entretanto, Luís XV tinha colhido madeira seca e preparava o jantar. A noite caiu finalmente, desembaraçando-nos provisoriamente dos mosquitos, e fui ocupar-me, como todas as noites, do curativo de Luís.

Oito dias atrás, ao sair da *Oram*, tinha cometido a imprudência de pousar o pé, com vinte centímetros de água, num desses perigosos animais que são as raias de água doce do Orenoco. Com uma estocada da cauda, esta enfiou-lhe na planta do pé um aguilhão barbelado e venenoso de quatro centímetros de comprimento. Rojara-se pelo chão a gritar de dor, enquanto o sangue corria do ferimento. Esperávamos que, graças a tão abundante corrimento, pouco ou nenhum veneno lhe ficasse no corpo. Mas, na manhã seguinte, o pé tinha duplicado de tamanho e, à volta da picada, numa área de uns dez centímetros de diâmetro, a carne apresentava-se empolada, negra e purulenta, como se tivesse gangrenado. Foi por isso que, diariamente, lhe fui administrando injeções de penicilina. A força do veneno dessa raia era tal que, após oito dias de cuidados, Luís ainda tinha no pé uma espécie de queimadura do tamanho de uma moeda de cinco escudos.

O nosso camarada mal podia caminhar, o que nos preocupava sobremaneira para o futuro imediato, pois se tudo se arranjasse com os Maquiritares seria necessário contornar a pé a queda de Tencua, gastando nessa operação, de acordo com Luís XV, várias horas de marcha. Decidi então, nessa noite, tentar o emprego de uma pequena intervenção para activar a cura. Enquanto Luís, estoicamente, cantava

um samba, peguei nas pinças e numa lâmina de barba (todo o equipamento cirúrgico da expedição) e cortei a carapaça de pele negra sobre a chaga. Apareceu por baixo um buraco oval, com cerca de meio centímetro de profundidade e quatro de comprimento. A carne, nas bordas, era rosada, da mais sã aparência. No fundo, contudo, havia uma espécie de ostra verde escura, sem odor, insensível, e no entanto viva, pois não consegui descolá-la.

Esta picada de raia perduraria na memória como o acidente mais estranho por nós sofrido durante os catorze meses de selva amazónica. Foi necessário ultrapassar um mês para a cura completa do nosso amigo.

Na manhã seguinte, ao nascer do sol, Luís XV, de machada na mão, embrenhou-se na floresta. Voltou à noitinha seguido por três silhuetas anónimas que se sentaram, sem dizer palavra, em redor da fogueira. Eram José Catire, o filho Emiliano e outro homem da aldeia. Os três vestiam as mesmas camisas e calças desbotadas, comuns a todos os índios até aí visitados por nós. Só o chefe estava penteado à europeia. Os outros tinham cabelos negros, lisos e brilhantes, cortados em taça invertida, cobrindo a testa e a ponta das orelhas.

— Boa noite — disse Catire em espanhol —, que pretendes tu?

Explicámos-lhe a pretensão de sermos conduzidos por ele às nascentes do Ventuari, e daí até ao grande chefe Kalomera.

Abanou a cabeça num gesto negativo, e começou a falar, nervosamente, sem nos fitar:

— Não é possível — disse ele —, Kalomera mora muito longe. Fica mesmo no alto da montanha. São precisos vários meses de viagem para chegar lá. Teríamos de ultrapassar as outras duas grandes quedas do Ventuari, Oso e Mono, mais altas que Tencua, e depois subir ainda, até casa dos meus primos lá do alto, os Maquiritares todos nus, que nunca vejo. E, no cimo, ainda não acabou, é pre-

**Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso**

ciso andar muito a pé, na floresta. Vocês querem mesmo ir até lá acima? — acrescentou ele, apontando para a embarcação. — Não, não é possível, não tenho nem pirogas suficientes nem homens bastantes. Há anos que ninguém lá vai. Gastaríamos meses, anos, de viagem!

E prossegue, obstinado, repetindo:

— Não, não é possível, meses, anos, falta de pirogas, falta de índios, é impossível...

A cada negativa, respondíamos:

— Olha que sim, é bem possível, tu encontrarás os homens e as canoas, pagaremos bem, todos esses caixotes que ali vêm contêm *coroto*, José, sabes de que se trata, um belo *coroto*, ferro, lona, lume, pentes, anzóis.

O *coroto* parece interessar-lhe. Pede pormenores, quais as espécies de anzóis, como são as machadinhas, se temos tecido de algodão florido, para as mulheres ...

— Temos tudo isso!

— E pentes finos, para os piolhos?

— Também há!

— E pólvora, trazem?

— Sim, trazemos!

— E chumbo? — pergunta, com ar de dúvida.

— Temos tudo!

Fica silencioso um momento, para continuar a negar:

— Nada feito, meu velho, não é possível, faltam homens, pirogas, é muito longe...

Está desconfiado.

O melhor é não insistir. À passividade dos índios é de opor uma passividade idêntica. Falar de outras coisas. Esperar. Voltar ao assunto mais tarde. Dizer branco quando ele afirma ser preto, dizer sim se negar. Até ele ceder completamente.

A noite caiu. De qualquer modo, os três homens ficarão aqui até de manhã, e montam as tarimbas.

Luís XV faz um grande cozido de tapir. Retiramos da embarcação um saco pequeno, onde estão os últimos quilos de



Este índio maquiritare parece muito compenetrado ao escutar a música de Mozart!

arroz, café e uma lata de leite condensado. Pierre traz a bateria eléctrica e o material de som colocando tudo sob um dos *ranchos*. A ideia é excelente; após o jantar, ofereceremos um concerto aos índios Maquiritares. A mesa é posta principescamente, para impressionar os anfitriões. Jean volta à falca e traz garfos, colheres e uma enorme garrafa destinada a leite fazendo as vezes de jarro de água. Catire fica impassível. Não liga ao garfo, mas engole uma montanha de arroz e um bom quilo de carne de tapir com a simples ajuda da colher. O filho e o outro não abriram a boca desde a chegada, no entanto devoram a comida tão rapidamente como o seu chefe e pai. Finalmente estendemo-nos todos na areia; ofereço cigarros em redor; e retomo a palavra.

Explico a Catire que viajamos na esperança de conhecer os Índios, pois viemos de terras longínquas, andamos a caminhar há luas e luas, e que visitámos já bastantes tribos, tendo connosco um aparelho para guardar música; se a dos Maquiritares for bonita, pretendemos igualmente levá-la. Pierre põe a funcionar o gira-discos. José Catire ouve em silêncio, depois ri-se:

— O que é isso? — pergunta ele:

— É um senhor de pele negra, chamado Armstrong.

Esta música não parece impressioná-lo. Pierre põe então a tocar a sinfonia de Mozart. Catire volta-se vivamente para mim:

— E isto — exclama —, o que é?

Explico-lhe ser a nossa música, a música dos brancos. Ele fica a reflectir.

— Lá em cima, na montanha — diz por fim —, os Maquiritares também tocam música. Vocês precisam de ir até lá guardar a música deles nessas máquinas, para a mostrarem na vossa terra e dizer: «Isto é a música dos Maquiritares, os índios mais fortes. Acompanhar-vos-ei. Simplesmente, não poderemos levar toda a vossa bagagem, pois não possuo homens nem canoas suficientes. Vamos primeiro ver uns

primos, para procurar reforços. Partimos amanhã, está bem?

Foi deste modo que, a 10 de Novembro de 1949, Mozart nos abriu as portas da serra Parima.

O acordo básico estava firmado.

Na manhã seguinte a essa noite memorável, reunimo-nos em conselho para decidir quais seriam os membros dum primeiro reconhecimento. Saenz estava excluído à partida, devido ao ferimento no pé. Fichter foi eliminado de seguida por sofrer de uma crise de paludismo à mistura com furunculose. Desta sorte, coube-me a vez a mim de partir na companhia de Gaisseau, enquanto os dois camaradas nos esperariam a montante da queda, na aldeia de Catire.

Tomada a decisão, Pierre e eu fizemos rapidamente uma trouxa com as macas, juntámos víveres para reserva, pequena provisão de munições e algumas bugigangas destinadas aos chefes maquiritares «do alto», seguindo, após as despedidas, atrás de Catire e seus homens, pelo carreiro que subia ao cimo da queda-d'água.

Depois de uma hora de marcha através de picada abrupta, desembocámos em pequena angra, na qual se balançava soberba piroga. A cinco metros da margem, a água turbilhonava num grande rápido. José indicou-nos os lugares, a meio da canoa, enquanto os dois homens pegavam em duas varas com quatro ou cinco metros de comprimento e se instalavam à proa da embarcação. Catire dobrou as calças até cima dos joelhos, entrou na água, empurrou a piroga por alguns passos, saltou para a popa e, segurando numa grande pagaia esculpida em forma de coração, pousada no fundo, começou a fender a água com toda a força. A piroga arrancou de chofre, atingindo o rápido num ápice. As bordas, ao nosso lado, elevavam-se pouco mais de dez centímetros acima da superfície das águas. À proa, de pé, os dois homens, pernas afastadas em compasso largo e meio dobradas para manter o equilíbrio, mergulhavam à



Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

uma as compridas perchas, empurrando-as energicamente para ré mal tocavam no fundo. Em poucos segundos, atingimos o meio do rio. Rodeando-nos completamente, havia apenas remoinhos e vagas, donde emergiam, aqui e além, rochas de pontas aceradas. Os nossos três companheiros pareciam tão tranquilos como se navegassem no lago do bosque de Bolonha. Conheciam cada rochedo e cada acidente do rio, a mão firme de Catire governando à popa, a pagaia fazendo o papel de leme, evitando escolhos e redemoinhos. Foi a primeira lição de navegação nas torrentes da Parima.

A partir desse dia, compreendemos o porquê das afirmações ouvidas no Orenoco, segundo as quais ninguém conseguiria avançar para além das quedas do Ventuari sem a ajuda dos Maquiritares.

Este perigoso e apaixonante exercício durou duas a três horas, após o que as águas se acalmaram: estávamos à vista de Cordoval, a aldeia de José Catire. Nada, à primeira vista, a faria distinguir de qualquer fundação de mestiços do baixo Ventuari ou do Orenoco; as mesmas cubatas rectangulares de paredes de adobe, enfileiradas face ao rio perto de uma plantação de mandioca, ananás e bananeiras.

Mal desembarcámos, Catire apontou-nos um grande *rancho* com tecto de palma apoiado em seis pilares, cujo chão de terra batida era varrido meticulosamente por um *muchacho*, enquanto outro trazia dois banquinhos: era a casa dos visitantes, o «quarto de hóspedes», costume por nós verificado, a partir daí, em todas as aldeias maquiritares.

O aldeamento parecia deserto. Restava-nos instalar as macas e aguardar. Catire reapareceu sem demora, trazendo numa das mãos um gordo cacho de bananas de casca acobreada e na outra uma perna de pecari curada ao fumeiro. Sem abrir a boca, colocou tudo no entrançado de bambu que fazia as vezes de mesa, na extremidade do *rancho*, e voltou à sua palhota. Tornou instantes depois, trazendo dois grandes bolos frescos de farinha de mandioca. Instalámo-

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

-nos à mesa, para fazer honras a esta refeição fria, com vezes melhor que a oferecida por nós na véspera.

Catire retirou-se após o repasto, só regressando pela noite-nha. Entabulámos então longa conversa, durante a qual recolhemos novos dados acerca dos Maquiritares e dos Guaharibos. Contando pelos dedos os anos e luas que nos separavam dos famosos primos das alturas, estes reduziram-se enfim a quatro dias de navegação até às cercanias da última queda-d'água, El Mono, e mais dois dias de caminho pela montanha até à primeira cubata habitada. A partir daqui, um só dia nos separaria das nascentes do Ventuari, onde começava um trilho rumo a norte, o qual, percorrido durante dois dias, levaria à aldeia de Kalomera. Tudo somado, não passaria de oito dias de viagem até à casa do grande chefe.

Os Guaharibos mais próximos deveriam andar pela outra margem do Ventuari, a dois ou três dias dos Maquiritares do alto da montanha:

— Esses são pessoas tranquilas — diz-me Catire —, vai para dez anos que Kalomera lhes fez guerra. Armou trinta homens de escopetas e numa sortida matou muitos deles. Desde esse dia, mantêm-se calmos, não tentando sequer aproximar-se do Ventuari.

— E a *chicha* — pergunto —, vocês fazem-na?

Os olhos brilham-lhe:

— Queres dizer o *yaraké*, a bebida de mandioca? Se a fazemos! Não sabes pois que o *yaraké* é típico dos Maquiritares? Pois fica sabendo, fazemos do melhor que possa existir, meu velho.

— Sempre é verdade que vocês gostam de *yaraké* — diz-me ele, um pouco mais tarde, em tom malicioso.

Num instante, três jovens raparigas aparecem oferecendo-nos cabaças com um líquido cor de café com leite... Catire tinha razão; o *yaraké* maquiritare era excelente. Cometemos então a imprudência de o beber muito depressa. As mulheres aguardavam na sombra, novas cabaças na mão, e por-

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

ventura acreditaram sermos capazes de emborcar *yaraké* como verdadeiros Maquiritares, pois apressaram-se a trazer taças sobre taças. Lá para o terceiro ou quarto litro, começámos a ficar inquietos. Não ousávamos recusar, mas que fazer? Aproveitámos um instante em que estávamos sós para baixar a rede dos mosquiteiros e fingir um estrondoso ressonar. Oh! Horror! As mulheres voltaram, abriram os mosquiteiros e sacudiram-nos! Foi preciso beber ainda mais. Não suportávamos já nem uma gota. O caso começava a parecer-se com um suplício chinês. Finalmente, lá tiveram piedade de nós e deixaram-nos adormecer.

Na manhã seguinte, ao alvorecer, metemo-nos a caminho. Além do filho e do outro rapaz que tinham ido a Tencua, Catire completara a equipagem com um curioso indivíduo alto e forte se comparado com a maioria dos índios conhecidos até aqui e por nós alcunhado imediatamente de Marguerite, devido à sua curiosa semelhança com a célebre atriz francesa, um tanto ou quanto máscula.

Na noite desse mesmo dia, chegámos à vista da segunda queda do Ventuari, El Oso — a queda do urso-formigueiro. A uma hora da base da queda, contornada como a precedente, reencontrámos o rio. Só lá estava uma piroga, furada a meio.

— Arranjá-la-ei amanhã — diz Catire. — Descansemos.

Montámos o bivaque.

À noite, fala-nos do Ventuari, rio este, nas suas palavras, «propriedade» dos Maquiritares. Ensina-nos que a tribo compreende dois grandes grupos, os Dekuanas, ou povo do sopé, e os Yekuanas, a gente do alto. Ele próprio é dekuana, e os primos «todos nus», que íamos procurar, são yekuanas. Continuamos a falar até altas horas, os cadernos de apontamentos virando folhas e folhas cheias. Mas seria sobretudo no dia seguinte, durante a longa tirada a navegar, que Catire nos contaria as mais interessantes histórias a seu respeito e dos primos.

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

Navegamos várias horas até que a floresta, na margem direita, desaparece, dando lugar à savana. No meio desta elevava-se uma colina coberta de erva rasteira, com algumas centenas de metros de altitude.

— Olha — diz-me Catire, apontando a elevação com a pagaia —, é aquele o monte Calvo. Antigamente, no tempo do meu avô, quando havia muitos dekuanas, estávamos fixados ao longo do Ventuari, desde Marieta até aqui. Os Yekuanas espalhavam-se igualmente até ao monte Calvo, desde as nascentes do Ventuari, do Erebató e do Caura. Dekuanas e Yekuanas não eram lá muito amigos. Travam lutas por estes lugares, com lanças e moccas, já que nesse tempo ainda não possuíam espingardas. Os meus avós ganhavam sempre; eram os mais fortes. E também os piores: comiam aqueles que matavam. Esta situação manteve-se por longos anos, até ao dia em que uma piroga de Macus passou por aqui. Subiam o Ventuari para comerciar, trocando curare por zarabatanas e raladores de mandioca maquiritares. Os meus avós receberam-nos, mas mataram e devoraram os convidados, excepto um, que conseguiu escapar, escondendo-se na floresta. No fim do repasto, esses meus antepassados subiram para as pirogas e voltaram para casa. O Macu saiu então da mata. Sabes que os Macus são todos feiticeiros. Aquele, especialmente, era dos bons. Reuniu os ossos dos irmãos e soprou para lhes dar doenças. Como os corpos estavam na barriga dos meus avós, foram estes que ficaram doentes, morrendo quase todos. — É por isso que já ninguém habita aqui — concluiu Catire melancolicamente —, os Yekuanas continuam numerosos, mas pouco resta dos Dekuanas. A culpa foi nossa!

Um recorte escuro elevou-se em silhueta no horizonte. Era a extremidade da serra Parima, país dos Yekuanas, o princípio do completamente desconhecido.

Avançámos várias horas em silêncio. Pierre e eu mantínhamos o olhar fixo nessas montanhas que iam aumentando de tamanho.

**Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso**

— É Cerro Mono — diz Catire —, estaremos lá daqui a três dias.

Na noite de 15 de Novembro acabavam-se as provisões de pecari fumado, trazido de Cordoval. Na manhã seguinte, disse-me Catire:

— Vão à frente com a piroga. Não se preocupem comigo, vou arranjar alimentos, alcançar-vos-ei durante o dia.

Dei-lhe uma espingarda e seis munições, após o que se embrenhou na floresta.

Lá para as cinco horas da tarde, depois de navegarmos regularmente desde a manhã, ouvimos sonoro chamamento, vindo da margem. Era Catire. A canoa abicou numa pequena enseada aberta por ele à machadada. Apercebo-me da espingarda, cuidadosamente encostada numa árvore. Procuo a caça, mas nada vejo. Catire tinha um ar compenetrado. Interpelando os homens, fez-lhes longo discurso em maquiritare.

Interrompo-o:

— Então, Catire, a caçada não correu bem, não mataste nada?

Rebuscou a algibeira, estendendo-me seis cartuchos vazios:

— Matei alguns pecaris. Estou a explicar aos rapazes onde ficaram, para os irem buscar — responde-me calmamente.

— Quantos?

— Cinco.

Os três jovens pegaram em machadinhas e desapareceram, a correr, na floresta. Voltaram ao anoitecer, quando acabávamos de montar o acampamento. Cada um trazia seu pecari às costas.

— E os outros? — perguntei a Catire.

— Os outros pecaris? Oh! Os jaguares encarregar-se-ão deles; estes já nos bastam para algumas refeições.

Acabámos por jantar tarde, mas principescamente. Depois de esfolados e esquartejados os animais, os quatro homens atearam enorme fogueira, instalando uma grelha de madeira



Pierre Gaisseau

verde um metro acima das chamas. Passaram pelo lume coxas e lombos, raspavam os couros por fora, com as lâminas das machadas, e colocaram tudo de seguida sobre a grelha. O resto foi cortado em tiras e posto a cozer na panela maior. Era mesmo à moda dos maquiritares. Os pedaços dispostos na grelha assaram a fogo lento envolvidos na pele, defumando toda a noite, a gordura pingando na fogueira. Hora a hora, os homens levantavam-se, avivavam o lume e voltavam os bocados de carne. Pela manhã, só faltava guardá-los na canoa, e assim ficávamos abastecidos por alguns dias.

Finalmente, a 17 de Novembro, a floresta cerrou-se sobre as margens do Ventuari e, pelas cinco horas da tarde, desembocámos à entrada dum desfiladeiro, a largura do rio reduzida a cerca de metade. Era o Cerro Mono. Catire inspecionava escrupulosamente a margem direita, até que exclamou:

— É ali!

O local parecia absolutamente virgem. A mata formava, ao longo da margem, escuro e compacto muro de vegetação, sem qualquer abertura. Só poderíamos continuar no dia seguinte; como tal, os homens desembarcaram a carga e armámos o bivaque.

José estava preocupado. Tornava-se evidente que não fazia esta viagem havia já uns dez anos. Não se recordava exactamente onde começava a picada. Durante a noite, ouvimo-lo discutir com Marguerite, cuja experiência de vida na floresta se afirmava cada vez maior. Chegou a manhã de 18 de Novembro. Mal clareou, dois homens iniciaram o reconhecimento da zona circundante ao acampamento. Por fim, José descobriu uma velha marca, mal visível já, em cima dos ramos de uma árvore.

— É por ali — disse.

Alámos a piroga para terra:

— Temos de escondê-la — avisou José —, nunca se sabe o que pode acontecer.

Praticou discreta abertura no mato, aí desaparecendo a canoa. Marguerite escalou uma árvore, para camuflar as pagaias e metade das provisões. Iniciámos a marcha, em fila indiana. Várias horas decorreram, cada um caminhando em silêncio, absorto nos seus pensamentos. O único som, regular qual pêndulo de relógio, provinha da catana de José, no topo da coluna, enquanto ia cortando, a espaços de dois ou três metros, lianas e arbustos, com a finalidade de assinalar o caminho. A floresta da Parima, desde este primeiro contacto, revelava-se tal qual no-la tinham descrito: cerrava-se tão completamente sobre nós que a visibilidade era péssima. Cem mil espécies de árvores e lianas entrecruzavam-se de tal forma que por vezes era preciso chocar com um tronco de dois metros de diâmetro para o distinguir dos restantes. Alguns cipós, ondulando como enormes serpentes, ora a trinta metros do chão, ora ao nível dos rostos, eram grossos como árvores. De vez em quando, sem voltar a cabeça ou abrandar, Marguerite e José trocavam escassas palavras em língua nativa. Apesar de nada entender, sentia pelo tom das vozes uma angústia que crescia. Algo os preocupava. O solo, sob os pés, começou a elevar-se. Estávamos no início da escalada.

Às tantas, desembocámos numa clareira, ocupada por uns quantos *ranchos* vetustos. A forma destes era inesperada: triangulares, enquanto o *rancho* clássico dos Maquiritares era quadrangular, e com os ramos da armação denunciando nitidamente não terem sido cortados com qualquer lâmina. As extremidades estavam estilhaçadas, e não seccionadas. Gaisseau caminhava atrás de mim. Não abria a boca desde a partida. Elevou a voz, suavemente, em francês:

— Que se passa? Não te parece que isto é um acampamento guaharibo? Os Maquiritares nunca constroem assim as palhotas. Tenho a impressão de que José não encontrou o verdadeiro caminho. Devemos é estar num trilho guaharibo! Aliás, não dizia «guaharibo». Dizia «polaco», a palavra

código combinada para falarmos dos Guaharibos sem o denunciarmos aos Maquiritares.

Repentinamente, José estacou. A lâmina da catana relampejou, enquanto desferia golpes de cima a baixo. O rosto voltou-se para mim, olhos nos olhos, a face crispada:

— Guaharibo, meu velho! — gritou.


Indicava algo na ponta da catana. Era, simplesmente, um tronco de palmeira que acabara de cortar. A extremidade tinha sido cortada à mão, por torção, algumas horas antes, pois ainda chorava gotas de seiva. Compreendi. Gaisseau tinha adivinhado. Estávamos em território guaharibo. Aquele tronco torcido representava a marca da sua picada, feita à mão por não usarem utensílios de ferro. Além disso, estava fresca; não andariam longe com certeza. Fingi-me inocente:

— Mas então, não estamos no trilho maquiritare?

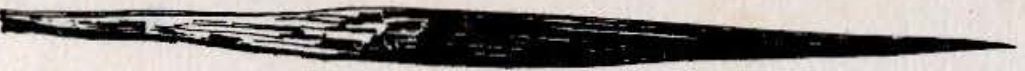
— Não, meu velho, estamos perdidos! Gostava de saber por onde passarão os safados dos meus primos quando descem! Estamos é no trilho desses malditos porcos selvagens. Nunca imaginei que viessem até aqui, mas não há dúvida que vêm mesmo. Estamos no meio dos Gua-ha-ri-bos! Escarrou raivosamente, começando enorme discussão com Marguerite, aproveitando eu para falar com Pierre. Este contratempo começava a entusiasmar-nos. Fazia um ano que só desejávamos encontrar homens selvagens, verdadeiros homens de um mundo diferente. E agora, de súbito, estávamos nas suas terras! A impaciência longamente contida rebentava neste momento, a ver se seríamos capazes de os abordar tão calmamente como pretendíamos e como o pensáramos. Era por isto que cada nova prova de inquietação manifestada pelos guias nos punha mais felizes...

O desejo mais veemente era sermos conduzidos discretamente até aos seus inimigos. Claro, tal não era, nem de longe, a vontade deles.

No final da discussão, Catire e Marguerite depuseram as catanas e, por duas lianas, elevaram-se entre as árvores.



Flechas guaharibas.



Em breve alcançaram o tecto da floresta, cinquenta metros acima das cabeças da expedição. Desceram cinco minutos depois.

— Vê-se fumo ao longe — diz José —, mas não sei se é maquiritare ou guaharibo!

— Vamos então ver — respondeu Pierre.

José, nunca se opondo, esquivava-se, não quer aparentar temer os Guaharibos:

— É tarde — responde —, daqui a quinze minutos faz-se noite; procuremos antes um local para acampar; amanhã de manhã partiremos.

Instalámo-nos a poucos quilómetros dali, na outra vertente da montanha que acabáramos de escalar. Havia um ribeiro de águas cristalinas que aproveitámos para nos banharmos.

— Onde vai dar este ribeiro? — perguntei a Catire.

— Não sei — respondeu, de mau humor.

Estávamos mesmo perdidos. Reflectindo, Catire julgava que o regato iria ter ao Ventuari.



Baseados nesta suposição, ao clarear do dia seguinte, seguimos o curso de água, mergulhados até ao joelho, uns atrás dos outros. Ao meio dia, uma faixa de luz irrompia na floresta, mesmo à nossa frente. Era o alto Ventuari. Catire pôs a carga em terra, e todos nos sentámos à beira do ribeiro:

— Devemos estar a jusante da cubata mais próxima dos primos — admitiu José —, vou abrir caminho ao longo do rio e, com os meus homens, tentar encontrá-los. Vocês esperam aqui; voltaremos esta noite ou, o mais tardar, amanhã de manhã, pelo rio, com canoas.

— Está bem, mas o teu filho fica connosco — respondi —, três de vocês bastam; levem espingardas e mandioca, precisam mais de comer que nós.

Partiram. Emiliano instalou-se na maca, parecendo inseguro. Era no entanto uma garantia. Assim, estaríamos certos de que Catire regressaria, mesmo que se cruzasse com os mais ferozes guaharibos deste mundo. Montámos então as

79



tarimbas. Várias horas decorreram. Ninguém falava. A floresta continuava estranhamente silenciosa. Repentinamente, ouvimos um grito violento muito perto de nós. O filho de José, em pé de um pulo, virou-se, de olhos vítreos:

— Guaharibo, senhor! — murmurou num sopro.

Aguçámos o ouvido. Nem um só ruído. Emiliano sentou-se novamente. Passados longos momentos, do outro lado do rio, mesmo na nossa frente, elevou-se um concerto vociferante. Não víamos nada. Pierre e eu saltámos para o chão e corremos para um longo tronco estendido sobre a água. A margem oposta do rio era tão cerrada como a nossa. O ruído continuava a vir de lá, mas mesmo assim nada distinguíamos.

Voltámos às macas. Anteriormente tínhamos despido as roupas de viagem — camisa e calças de cotim —, recobertas de suor e lama. Vestíamos pijamas, negros de sujidade mas preciosos, constituindo há longo tempo o único luxo do guarda-roupa. Ouvimos barulho no rio, baques de pagaias fendendo a água. Emiliano precipitou-se direito ao observatório:

— É meu pai que regressa com os primos! — exclamou.

Correndo atrás dele, Pierre e eu tivemos pressentimento idêntico: e se ele se enganasse? Dizem que os Guaharibos não têm pirogas nem sabem navegar, mas... se forem *mesmo* guaharibos?

Colados uns aos outros, sobre o tronco, ao de cima das águas galopantes, vimos surgir a canoa. Ocupavam-na três homens: um em cada extremidade, o terceiro ao centro. Estavam completamente nus, recobertos de pinturas vermelhas e negras. Os cabelos não estavam cortados em taça, mas sim em coroa, a calote craniana tonsurada ao estilo de monges. Era a assinatura guaharibo. Das orelhas pendiam-lhes como ornamento ramalhetes de plumas negras. O filho de José murmurou novamente: «Guaharibo, senhor», a voz totalmente embargada. Queria fugir, esconder-se na

**Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso**

floresta. Impedimo-lo de o fazer. A prova definitiva estava à vista. Embrenháramo-nos completamente em território guaharibo. Toda a tribo nos cercava. Se ainda não tinham notado a nossa presença, não tardariam em consegui-lo. Nem pensar na hipótese de nos escondermos. Representaria aumentar ainda mais a desconfiança deles. Mais valia tomar a iniciativa:

— Grita-lhes qualquer coisa! — disse Pierre.

— Mas o quê? — respondeu Emiliano, completamente apavorado.

Não podia ir-se embora, barrávamos-lhe o caminho.

— Grita-lhes: amigo! amigo!

O rapaz abriu a boca, articulando em voz branda:

— *Atchika! Atchika!*

Gritámos também:

— *Atchika! Atchika!*

O coração saltava-nos loucamente.

— Com certeza que não nos matam, está descansado!

Os três índios voltaram a cabeça na nossa direcção. A surpresa foi tão grande neles como em nós, pois a piroga chocou com um rochedo e correu o risco de se afundar. Mas nem um músculo se lhes moveu na face. Voltaram a remar e desapareceram a jusante. O espectáculo de dois barbudos em pijama, gritando palavras índias do alto de um tronco, no Ventuari, era certamente uma novidade. Ao regressar às tarimbas, perguntávamos uns aos outros como seria que iriam contar a cena, ao voltar para junto dos seus. O filho de José gemia:

— Meu senhor, vão voltar para nos matar!

Falámos-lhe como a um cãozito amedrontado pelo vento ou pela noite, acalmando-se então.

O ruído sobre o rio recomeçou. Regressámos ao miradouro. A piroga de há instantes voltava, conduzida por dois homens. Um reluzia, as pinturas negras e vermelhas, frescas, recobrindo-o dos pés à cabeça, os cabelos mosqueados de penugem branca. O outro não trazia ornamentos nem pin-

**Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso**

turas. A pele era amarelo-claro, ligeiramente cor de terra. A almadia abordou, face ao nosso ramo, um pequeno rochedo, vinte metros distante de nós. O homem coberto de pinturas saltou para a rocha, não sem antes retirar do fundo da embarcação um gigantesco arco de madeira negra. Pôs o joelho em terra, escolheu a mais comprida das flechas e levantou lentamente a arma na nossa direcção. A mão imobilizou-se mal o arco ficou tenso, mantendo a pose, imóvel como uma estátua. Visava exactamente o centro do peito de Pierre. A canoa, entretanto, atravessou-se na corrente, avançando lentamente direita a nós. O homem amarelado governava-a desajeitadamente, meio de pé meio agachado, quase a voltando, por vezes, antes de atingir o tronco, ao qual lançou a mão. Parecia preso da mais viva excitação. Compreendemos o que se passava: era um emissário, representando o outro a força armada encarregada de o proteger. Mal fizéssemos o menor gesto hostil, certo e sabido, a seta aprestada largaria sem ruído do outro lado do rio para se alojar no peito de Pierre. Decorreu um daqueles longos minutos semelhantes à eternidade. Tentámos sorrir. Era importante receber o mais amavelmente possível o plenipotenciário dos Guaharibos.

O homem largou a pagaia. Esta não tinha aquela bela forma de coração das dos Maquiritares: era simples pedaço de madeira grosseiramente achatado num dos extremos. Olhou-nos semicerrando os olhos. Não se tratava apenas de grande momento da nossa vida, mas também da dele. Batendo os pés no chão, agitando simultaneamente o braço livre, cacarejava e falava ao mesmo tempo, de tal forma excitado que parecia já nem saber bem porque tinha vindo ali. Acalmou-se, por fim, e então dedicou-nos veemente discurso, do qual, bem entendido, nada percebemos. Pierre tinha um maço de cigarros no bolso do pijama. Mexeu lenta e prudentemente a mão, sempre receoso de alarmar o guerreiro em frente, que o continuava a visar

**Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso**

sem um movimento. Acendeu um cigarro, estendendo-o ao parlamentar.

— Euh! Euh! — disse o homem.

Tentou desajeitadamente fumá-lo, comeu um bocado e o resto caiu na água.

Sapateava cada vez mais, rindo a grandes gargalhadas. Fazia sinais de mão:

— Euh! Euh!

— Que está ele a dizer? — perguntei a Emiliano.

— Quer o maço todo, senhor, e nem sabe fumar, o porco!

Emiliano nunca se indignara tanto, mas Pierre ofereceu o maço de cigarros ao guaharibo:

— Euh! Euh!

Estendi-lhe também a minha caixa de fósforos.

— Euh! Euh!

Que queria ainda? Tinha atirado os cigarros e fósforos para o fundo alagado da piroga. Olhámo-lo por instantes sem nada fazer, um tanto ou quanto confundidos. Por seu lado, o homem sapateava cada vez mais. Estava a ficar furioso. Puxou o tronco, para se aproximar, estendendo a mão livre para a perna de Pierre: queria os pijamas! Devíamos ter pensado nisso mais cedo. Pierre despiu o casaco e ofereceu-lho. A cólera imediatamente desapareceu do rosto do homem. Recomeçou o riso:

— Euh! Euh!

Dei-lhe o meu casaco, e despimos as calças. Do outro lado do rio, o guerreiro relaxou o arco. O interlocutor tinha duas calças de pijama enroladas na cabeça, continuando a rir como um louco. Estava a ficar delirante de alegria. Abrimos as mãos em sinal de impotência: que mais lhe poderíamos dar? Estávamos completamente nus. Ele pareceu compreender a situação. Chegara o momento de inverter as coisas, e entrámos a fundo, Pierre e eu. Debruçámo-nos sobre a piroga, gritando:

— Euh! Euh!

**Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso**

O homem abaixou-se, agarrou no arco e estendeu-o docilmente:

— Euh! Euh! — repetíamos.

Ofereceu nos três flechas: a de guerra, ponta de bambu, a de caça grossa, funcionando também como segunda flecha de guerra, e a de caça miúda, com ponta de osso.

— Euh! Euh!

Levantou tristemente os braços: além dos pijamas, nada lhe restava...

Reparámos então que tínhamos fome: Catire e os seus homens tinham levado as últimas provisões. Nada havia que comer. Agarrámo-nos aos estômagos, dando-lhes murros e gritando:

— Mcham! Mcham!

Pareceu compreender.

— Grita-lhe: bananas! — dissemos a Emiliano.

Com grandes gestos de mãos, o homem descreveu um círculo sobre a floresta até chegar a nós. Apontou o Sol e indicou o Leste. Largou então o tronco em que se firmava desde o começo do memorável encontro e dirigiu-se ao rochedo, onde o aguardava o guerreiro.

Em breve a piroga desaparecia na curva do rio.

Voltámos às tarimbas:

— Então — perguntei a Emiliano —, que disse ele, será que nos vai trazer de comer?

— Isso pensas tu — respondeu —, ele só disse que voltaríamos amanhã, a tribo inteira. De certeza que não será para trazer bananas. Ficarão com tudo o que há no acampamento. Deixar-nos-ão todos nus, sem nada. E temos muita sorte se não nos matarem!

Pegou na machada e na coberta de algodão oferecidas por nós dias antes — os seus mais preciosos bens — e correu a escondê-los no mato.

Tinha caído a noite. O frio atacava. Voltar a vestir as roupas do dia-a-dia não nos apetecia nada. Instalámo-nos, de pés com cabeça, na mesma maca, com uma coberta atraves-

sada sobre os corpos, as barbas espreitando em cada ponta: parecíamos uma carta de jogar. Apesar de grave, a situação era tão insólita que rebentámos a rir. Emiliano olhava-nos tristemente. As nossas reacções desnor-teavam-no cada vez mais. Enterrámos um pau ao lado da tarimba e, sobre ele, uma vela. Pegámos nos cadernos para apontar os principais episódios do dia. O pequeno maquiritare voltou-se na maca e perguntou com voz débil:

— Onde estará o meu pai?

Adormeceu de seguida, e ficámos sós neste fim do mundo, no pequeno círculo de luz amarela tremulando à volta da vela.

O silêncio foi-se quebrando. A floresta, de par com a noite, começou a estalar, a assobiar, a sussurrar. Restavam três velas. Acendemo-las uma após outra, qual fumador enervado consumindo cigarro atrás de cigarro. Dividíamo-nos entre uma excitação que nos fazia rir de tudo e aquela angústia indefinível, nos limites do medo. Não queríamos nem podíamos dormir. Os Maquiritares poderiam chegar a qualquer momento. Era preciso que ficássemos acordados, mantendo acesa a luz para darem com o acampamento.

Conversámos horas seguidas. Quando a floresta fazia demasiado barulho, elevávamos a voz, tentando dominá-la, afastá-la. Voltava sempre, qual pesadelo.

Falámos de Paris, dos amigos, da infância, do passado. Conversámos sobre o futuro, aquelas outras expedições que ainda gostaríamos de realizar.

Não nos calávamos, para conjurar o medo crescente, insidioso. Tudo se jogava em cada minuto que passava, sabíamos-lo bem.

Pierre sobressaltou-se:

— Aí vêm! São os Guaharibos. Ouviste? Cercam-nos. Aproximam-se, para lançar o ataque de surpresa. Estamos tramados! Atiremo-nos à água. Talvez consigamos escapar, descendo o rio a nado...

Tentei sinceramente acalmá-lo.

Disse-lhe:

— Não! Repara, é um bando de macacos a saltar nas árvores; é o vento a agitar a floresta.

Era agora a minha vez, de fôlego cortado, o sangue a latejar nas têmporas:

— Ali, ali! Não vês? Está qualquer coisa a mexer-se!

— Não é nada, amigo, as sombras dançam à volta da vela. Procurava acalmar, entregando-me às minhas próprias reflexões.

«E se Pierre tem razão? Estarão aí os Guaharibos, prontos a atacar? Se assim fosse — digo com os meus botões — que poderia fazer?» Não vislumbrava qualquer defesa possível. Nada há a fazer contra a floresta nem contra os indígenas. O problema está em ir à floresta ou em não ir. Se lá nos metemos de livre vontade, obrigamo-nos a aceitar tudo neste mundo diferente, caso contrário faríamos batota, *fingiríamos* ter ido à floresta. De repente apercebi-me de que não me defenderia, sucedesse o que sucedesse, pois os dados estavam lançados. Acalmei imediatamente, pensando na virtude da confiança, que tudo comandara até aqui. O coração retomou o ritmo normal. Voltei-me para Pierre: — Eles disseram vir amanhã muito cedo. Se quisessem atacar, não o teriam feito já? Sem dúvida, sabem que somos só três, e que estamos desarmados. Rude trabalho nos espera quando chegarem. Temos de dormir e ter confiança, é a única solução.

Falámos ainda sobre o dia seguinte, durante um bom bocado. Assoprei então a vela; acto contínuo, adormecemos como crianças.

Às seis horas da manhã, a mata encheu-se de clamores e urros. Um bando de macacos tagarelava por sobre as nossas cabeças mas, sem sombra de dúvida, havia também vozes humanas, um pouco por toda a floresta.

Estávamos sobre o tal tronco, em cima do rio, quando a piroga chegou. Vinha tão cheia de gente que quase se afundava.



*O chiguire habita os bancos
de areia dos rios.
Pode atingir os 75 quilos.*

Um gnomo de cabelos encrespados saltou a ré e, gatinhando sobre cabeças e ombros dos outros, chegou ao tronco e içou-se. Vestia somente um tufo de plumas negras no braço esquerdo e fina liana contornando os rins. Grunhia, gritava, ria e saltava ao mesmo tempo. Puxou-nos pelas barbas, fazendo força com as duas mãos, para ver se aguentavam bem, deixando escapar grandes «Ohs!» admirativos. Possuía quatro pêlos no queixo, coisa raríssima entre os índios. Aproveitámos o facto para lhe corresponder a gentileza. Babava-nos as mãos com saliva esverdeada, que parecia escorrer permanentemente das commissuras dos lábios. Enorme massa negra deformava-lhe a boca, distendendo os lábios em forma de prato. Perguntávamo-nos que terrível doença seria aquela, quando, levando a mão à boca, o homem tirou qualquer coisa, depositando-a na tarimba. Era afinal enorme naco de tabaco verde, do tamanho de meia laranja. Por detrás das macas, quinze guerreiros recobertos de pinturas tinham surgido da sombra. Deviam ter-se aproximado do acampamento antes de clarear, observando-nos sem ruído enquanto dormíamos. Porventura seriam eles que ouvíramos durante a noite. O pequeno maquiritare tinha a expressão de condenado à morte. Disse-nos:

— O velho que vos puxou a barba é o feiticeiro, o comandante, o chefe mais importante desses patifes. Iniciámos grotesca pantomina com o feiticeiro. Fazíamos tudo o que nos vinha à cabeça para não parar de rir, e este riso contagiou-o, conquistando pouco a pouco a tribo inteira. A piroga não descansava, em contínuo vaivém entre o nosso acampamento e o deles, que não devia ser muito longe. Desembarcavam fornadas sobre fornadas de novos gnomos gesticulantes e saltitantes. Brandiam arcos e flechas maiores que eles, pois não deviam ter, em média, mais de metro e meio de altura. As mulheres apareceram por sua vez. No máximo, teriam um metro e trinta e cinco. As velhas, inteiramente nuas, as jovens usando, vaidosamente, pequena franja de algodão ocre em redor do baixo-ventre. A vesti-

menta completava-se por grandes bolas de penugem branca sob as orelhas e um pequeno pau atravessado no nariz. Todas traziam às costas grandes cestos vazios, bem decididas, com certeza, a enchê-los à nossa custa. Não aparentavam a mínima timidez.

Os homens, entretanto, tinham aberto os nossos sacos, espalhando pelo chão os retalhos de algodão estampado destinado aos Maquiritares da montanha. Violentas discussões rebentaram entre todos, as mulheres recheando os cestos entretanto. Tentámos intrometer-nos: não era conveniente deixá-los assenhorearem-se daqueles tesouros tão depressa, senão, que fariam logo depois? Queríamos dar-lhes pelo menos a impressão de uma troca, como na véspera.

Dei uma panela ao feiticeiro, tomando o arco e as setas a um guerreiro. A uma jovem que apertava contra o coração um retalho de fazenda, tirei-lhe as bolas de plumas brancas...

Mas não conseguiríamos detê-los eternamente. Chegou o momento de os cestos das mulheres ficarem cheios, as mochilas da expedição vazias. Que fazer? Sobretudo, não os deixar aborrecer. Alguns homens tinham já pegado nos arcos, parecendo nervosos. Assim como nos puxavam a barba, também podiam desfazer-nos a cabeça a golpes de porrete ou espetar-nos algumas flechas para se divertirem. Pierre fez demonstrações de força aos guerreiros, levantando-os a pulso uns após outros. Apalpavam-lhe os músculos, tentavam levantá-lo por sua vez, rindo.

Conduzi o feiticeiro até à árvore onde pendurara a máquina fotográfica. Ardia em desejo de me servir dela. Seriam as primeiras fotos de Guaharibos tiradas em todo o mundo. — Atenção! — gritou-me Pierre.

Lembrava-me, tão bem como ele, da história de um padre americano que tinha tido uma aventura semelhante à nossa no Brasil. Encontrando inopinadamente um grupo de Guaharibos no cotovelo de um rio, pegara na máquina foto-

Índios maquiritares. São, juntamente com os Guaharibos, os únicos habitantes da serra Parima.

29
Menos indolentes do que aparenta esta fotografia, tecem esteiras e travessas de verga, ornadas com desenhos, e esculpem madeira.



Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

gráfica, apontando-a ao bando. Imediatamente, uma flecha se lhe cravara no peito. O criado conseguira escapar, trazendo esta trágica história para contar.

Tive uma ideia. Abri o aparelho, mostrando-o ao feiticeiro ao mesmo tempo que o focava:

— *Atchika! Atchika!* — exclamei, dando grandes palmadas nas costas do homem.

Ele repetia, divertido, mas sem nada compreender:

— *Atchika! Atchika!*

Apontei-lhes as pessoas à nossa volta. Bati no coração. Ele estava atónito. Mostrei-lhe Pierre no visor. Fi-lo compreender que o aparelho mágico tornava as pessoas pequeninas, de modo a guardá-las no coração. Fotografei Pierre, o que muito o divertiu. Pedi então a Pierre:

— Põe-no junto de ti.

Consegui assim fotografar ambos.

Abracei o feiticeiro pelo pescoço, estendendo a máquina a Pierre. O homem continuava feliz. Dirigiu longa arenga aos homens que tinham tomado os arcos, fazendo-os docilmente largar as armas. Reluzíamos de suor. Coloquei uma mulher entre Pierre e o feiticeiro, conseguindo nova fotografia.

Pensei: «Porque não havemos de trocar novamente presentes?»

Retirei rapidamente um tacho de alumínio que brilhava no cimo de um cesto e estendi-o à mulher. Retribuiu-me com grande sorriso. Aproximando-me, fotografei-a sozinha. Meti a panela nas mãos do feiticeiro, fotografando-o ao lado dela. Tinham um ar tão feliz que mais pareciam uma estranha e bárbara versão de Adão e Eva.

Gastámos todo o rolo de película sem incidentes. Cerca das quatro horas da tarde, os Guaharibos mostraram intenção de se retirar. Explicámos-lhe então, com a ajuda do filho de Catire, já menos receoso, que procurávamos a aldeia maquiritare mais próxima. Disseram-nos ficar situada para

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

montante, junto do rio, e, por fim, espontaneamente, ofereceram-nos a canoa.

Desapareceram a pé, na floresta, pulando como macacos.

O silêncio voltou. Estávamos mortos de fadiga e de fome. Havia dois dias que não comíamos. Os ouvidos zuniam, a cabeça começava a andar à roda. Fomos até ao ribeiro, onde molhámos a cara, prolongadamente, saboreando a frescura da água. Dava-nos a sensação de que esta levava consigo a fadiga, o enervamento, a dura tensão nervosa em que vivíamos há vinte e quatro horas. Tínhamos o que restava das vestimentas, tornadas peças informes; as minhas calças só tinham uma perna, pois o feiticeiro, antes de partir, quisera a outra para fazer um chapéu. Tinha-a cortado então com o meu canivete, já confiscado por ele.

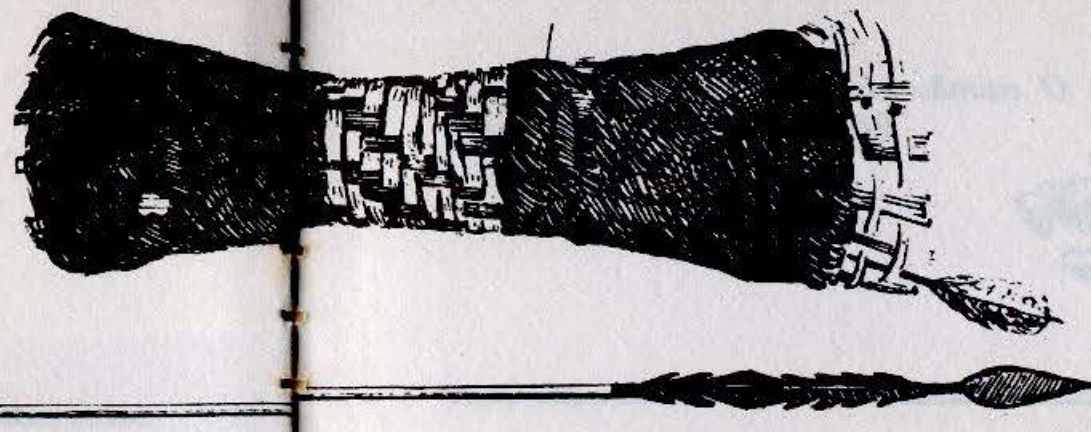
O bivaque assemelhava-se a um campo de batalha. Restavam-nos as tarimbas e enorme arsenal de arcos e flechas. Instalámo-nos novamente, pés com cabeça. Emiliano trouxe-nos, miraculosamente intactos, um maço de cigarros e fósforos. Acalmámos. Chegava finalmente a paz.

Havia algumas manchas de sol à nossa volta. Cantavam pássaros. O fumo dos cigarros subia na vertical, perdendo-se no distante tecto da floresta. Tínhamos visto e conhecido os Guaharibos, testemunhava-o completo rolo de fotografias, e não estávamos mortos. O calor era húmido, sufocante. Pierre adormeceu de boca aberta, o cigarro a arder no chão, ao lado da maca.

Adormeci também, logo de seguida.

Esta trégua não duraria muito. Cerca de meia hora depois, fomos acordados por gritos vindos do rio. Guaharibos novamente? Não. Eram os três maquiritares. Tinham caminhado o dia inteiro para encontrar somente um grupo de palhotas abandonadas. Concluíram terem os seus primos estabelecido nova aldeia mais acima, para evitar a vizinhança dos Guaharibos. No intuito de regressar mais depressa ao

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso



*Carcaz e lança maquiritares;
as pontas das flechas
são impregnadas de curare.*

acampamento, Catire abatera duas árvores, reunindo-as ambas em forma de jangada.

Depois de contarmos uns aos outros as respectivas aventuras, ficou decidido que, na manhã seguinte, Catire e os seus homens subiriam o rio na pequena piroga oferecida pelos Guaharibos. Entrementes, iríamos a pé a essas tais cabanas abandonadas, onde estaríamos mais bem instalados aguardando o seu regresso.

A almadia guaharibo não estava em famosa conservação. Tinham arrancado um bocado da secção da proa para aí fazerem um banco; metia água por todos os lados. Catire e Marguerite, na manhã seguinte, repararam-na como puderam, calafetando-a com casca de árvore bem batida e amarrando a proa com lianas. Talharam arremedos de pagaias em madeira macia, levando-nos depois à outra margem, um de cada vez, pois a palhota abandonada que deveríamos alcançar ficava do outro lado do rio. Partiram finalmente, enquanto nos metíamos a caminho, Emiliano na vanguarda a fender a mata com a única catana salva dos Guaharibos. Lá para o meio-dia, chegávamos sem incidentes à cubata assinalada por Catire. Tratava-se de vasta construção circular, de tecto cónico e paredes de adobe, erigida no cimo de uma colina desbravada, na qual ainda eram visíveis restos de cultura de mandioca. Havia também uma plantação de bananas, imediatamente explorada na esperança de encontrarmos algo para comer. Localizámos magro cacho de bananas verdes, mesmo assim colhido e transportado para a cubata.

Enquanto montávamos as macas, Emiliano acendera a fogueira; as bananas foram postas na brasa. Magro repasto esse, que mesmo assim reconfortou o indispensável para ganharmos a coragem necessária à lavagem da roupa. Não possuíamos sabão, mas a margem era formada por terra argilosa, suficiente ao menos para tirar o cheiro a porcaria e suor. Enchemos camisas e calças com essa terra e esfregámo-las cuidadosa e suavemente, caso contrário ficariam em

farrapos. Depositámo-las de seguida na erva, ao sol, voltando então aos nossos leitos suspensos.

Emiliano dormia, quando ouvimos barulho no exterior. Precipitámo-nos em direcção à porta. Dois colossos vermelhos, nus, quedavam-se no meio do caminho, a vinte passos de nós, os olhares saltando da roupa a corar para o molho de arcos e flechas guaharibos apoiados à parede da cubata. Olhámo-nos mutuamente em silêncio. Pierre disse-me então:

— Vamos a isto!

Lembrei-me da palavra gritada por Emiliano aos Guaharibos:

— *Atchika! Atchika!*

Batemos ardorosamente no peito. Os dois homens miravam-nos silenciosamente, cada vez mais espantados. Até que o mais próximo repetiu, lentamente:

— *Atchika!*

Fizeram meia volta e desceram para o atracadouro.

— Estes são guaharibos bem mais terríveis que os outros — disse-me Pierre. — Viste bem o arcaboço deles? São atletas, verdadeiros combatentes. Foram seguramente chamar reforços. Desta vez é que estamos mesmo perdidos.

Fui buscar as roupas e a catana. Voltámos às macas, sem saber o que fazer. A chuva escolheu este instante para começar a cair. Terrível: tão grossa que mal víamos a dois metros da cabana.

— Esta noite não podemos acender o lume — diz Pierre —, assim não nos localizarão.

— Podemos também subir às traves, montando as macas no tecto — acrescentei.

Emiliano acordou, e contámos-lhe o incidente.

— Um deles trazia um curioso saquito em bandoleira — disse Pierre.

Não tinha reparado neste pormenor, mas Emiliano agitou-se:



O caimão vive nos rios da Amazónia.
Pode atingir os seis metros
de comprimento.

— Como? Um saquito? Mas então não são guaharibos, meu amigo, são maquiritares, os primos!

As últimas palavras foram gritadas e, antes de nos refaermos da surpresa, já ele saltava da maca e galopava direito ao rio, indiferente à chuva.

Voltámo-nos um para o outro, de olhos esbugalhados, e reventámos a rir. Tínhamos esquecido completamente o facto de os maquiritares que procurávamos viverem igualmente todos nus e pintados de vermelho! Se fossem realmente maquiritares, que ideia fariam desses dois homens brancos e despídos, subitamente instalados na sua cubata, caídos do céu, tendo por única bagagem um molho de arcos e flechas guaharibos e conhecendo uma só palavra, *atchika*, esta também guaharibo!

Mas podiam ser, talvez, guaharibos a sério...

Desolado, de mãos vazias, Emiliano regressou do atracadouro. Já não os alcançara.

Seriam umas oito ou nove horas da manhã, no dia seguinte, quando do exterior soou o ruído de passos, surgindo bruscamente a enorme cabeça hirsuta e impassível de Marguerite, o homem das orelhas furadas. A secção de reconhecimento regressava finalmente, vitoriosa. Duas magníficas pirogas aguardavam no rio, e José estendeu-nos enorme bolo de mandioca, branco e fresco, apetitoso qual pão acabado de sair do forno.

Cinco minutos depois, vogávamos no Ventuari, subindo o rio. Várias horas decorridas, chegávamos a um pequeno porto, cheio de canoas idênticas à nossa. Um carreiro abundante de pegadas subia até junto de enorme cubata, de cujo tecto se escoava um fio de fumo azulado... Tínhamos finalmente chegado aos «primos do alto».

José levou-nos às traseiras da cabana, ao *rancho* dos viajantes, de onde pendia a sua maca. Enquanto arrumávamos as nossas, homens, homens e mais homens saíam da cubata grande, vindo silenciosamente postar-se junto dos

pilares do *rancho*, ficando a olhar-nos. Todos se apresentavam nus, jovens e atléticos. Os rins abraçados por largo *guayuco* vermelho, um pano caindo pela perna até roçar o chão. Tiras cingidas, bordadas em xadrez de contas azuis e brancas, fechavam-se no cimo dos braços, fazendo sobressair os bíceps e a curvatura das espáduas. Na extremidade de delicado colar de algodão e missangas da mesma cor, um triângulo de prata polida brilhava no meio do peito, pintado, tal como o resto do corpo, com grandes arabescos encarnados. Completavam o traje pequenas faixas de cabelo entrançado, cingindo os artelhos. Todos sorriam, trocando impressões entre si uma vez por outra, imóveis, tirando por instantes dos lábios compridos cigarros de tabaco verde enrolados em pedaços de casca lisa e rosada, maleável como uma folha de papel. Mulheres saíram da cubata, vindo discretamente colocar no centro do *rancho* vários tachos de barro negro, onde fumegavam peixes fritos temperados com pimentos, e enorme travessa de vime amarelo e preto, cheia de *casabe* fresco. Estavam nuas da cintura para cima; as franjas de pequenos colares de missangas chocalhavam docemente à medida que caminhavam.

Um velho agachou-se em frente dos pratos. Era o dono da casa. Foi imitado por todos os jovens, e Catire convidou-nos a seguir-lhe o exemplo: o almoço estava servido.

Mal as panelas ficaram vazias, as mulheres trouxeram três enormes cabaças cheias de bebidas quentes, que passaram de boca em boca. Uma continha puré de inhame, outra, papa de banana, e a terceira era de *yaraké*.

Esta admirável refeição terminou num quarto de hora, pelo que regressámos às macas.

— Como vês — disse José —, comecei já a arranjar *muchachos* para ir buscar a bagagem. Muitos mais hão-de vir, mandei avisar todas as cubatas do Ventuari. São bons rapazes, trabalhadores, deverás pagar-lhes bem, e se porventura voltarmos a encontrar esses porcos selvagens dos Guaha-

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

ribos, quando regressarmos, podés ter a certeza de que reaveremos tudo quanto nos roubaram.

A partida ficou marcada para depois de amanhã pela manhã. Entretanto, os Maquiritares, excitados pelo relato das nossas aventuras feito por Catire e Emiliano, aprestavam autêntico arsenal destinado a eventual encontro com os famosos «porcos selvagens». Ao chegar a hora da largada, as seis pirogas prontas no porto transbordavam de arcos, flechas, escopetas, zarabatanas e carcazes, setas de curare, e compridas lanças de madeira rija, com ponta de ferro, de três ou quatro metros de comprimento, a mais bela e temível arma nas mãos destes atletas maquiritares.

A descida do Ventuari foi tão agradável como o fora a subida. Em quatro dias chegávamos a Cordoval, onde Jean e Luís não acreditaram no que viam e ouviam, ao escutarem o sonoro buzinar de conchas vindo da curva do rio, seguido do aparecimento das seis grandes embarcações, em que vinte pagaias, manejadas por outros tantos atletas nus, fendiam as águas cadenciadamente, enquanto à popa os timoneiros, de pé, sopravam nos seus búzios. O entusiasmo era geral. Este regresso triunfal era o bastante para nos fazer esquecer os mais duros momentos do reconhecimento ora terminado. Estávamos na tarde de 28 de Novembro e, como a partida fora a 12, gastáramos dezasseis dias a realizá-lo. Não fora de modo algum tempo perdido.

Logo no dia seguinte, Catire e os vinte e cinco homens desceram até à praia de Tencua, a buscar a bagagem. Alguns dias se passaram, gastos na revisão e conferência do material.

Não éramos, contudo, os únicos atarefados da aldeia: todas as manhãs, dois ou três homens iam à caça, esquartejando e fumando pecaris após o regresso, à noite. As mulheres, incansáveis, ralavam mandioca e coziavam bolos, confeccionados sem parar. Estávamos prontos a 1 de Dezembro, ficando a partida marcada para a manhã seguinte.

Catire, homem sensato e respeitador das tradições, não

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

tinha mandado preparar tanta mandioca unicamente para a viagem: ao cair da noite, mulheres surgiram, de cabaças nas mãos. Cordoval oferecia, para despedida, grande *yaraké* de honra. O filho de Catire e um dos «primos do alto» sentaram-se à soleira da porta, com tubos de bambu de um metro de comprimento entre as mãos: eram *uanas*, espécie de clarinetes, instrumentos tradicionais das festas maquiritares. Durante a noite deliciaram-nos com rouco e sonoro dueto, semelhante a dois javalis encolerizados, música esta inteiramente nova e um pouco surpreendente.

Partimos ao romper de alva e, antes de findar este primeiro dia de viagem, atingíamos a queda de Oso. Mas, por muito atléticos que fossem os homens, não conseguiriam passar simultaneamente a carga e as pirogas, ao longo dos oito quilómetros de trilho contornando a queda. Contentaram-se assim, nessa noite, em levar a bagagem para terra. Aí ergueram um abrigo para dormir, pois o tempo ameaçava chuva. Terminaram-no tão depressa que mal tivemos tempo de filmar as principais fases da obra. Basta-me dizer que em menos de meia hora construíram um *rancho* de proporções suficientes para conter trinta pessoas e toda a carga da expedição. As traves mestras eram grossas como uma coxa, e o tecto de ramos entrançados, suficientemente espesso para resistir à mais forte tempestade, cobria a armação a mais de três metros do solo.

Dois dias depois, reembarcávamos a montante da catarata de Oso.

A navegação prosseguiu sem novidade durante dois dias. Filmávamos pormenorizadamente o trabalho admirável das pagaias e paus de sogas no meio dos rápidos, os blocos de apontamentos enchiam-se com ampla colheita de dados etnográficos. Das seis horas da manhã às quatro da tarde, as canoas avançavam regularmente, reduzindo o andamento ao entardecer, para os remadores prestarem atenção especial às margens. Era a hora dos recontros, das surpresas,

o momento em que incontáveis bichos selvagens e pássaros surgiam na orla da floresta. Contornávamos a margem no maior silêncio, arcos e espingardas prontos a disparar. O patrão da canoa, a ré, fazia discreto sinal aos seus homens, e a embarcação immobilizava-se suavemente junto de uma dessas gigantescas árvores que por vezes se estendem sobre as águas.

O homem levantava a cabeça para o entrelaçado de ramos e folhas que se alçavam a cinquenta metros de altura. Olhando na mesma direcção, nada víamos, até ele disparar. Caía-nos aos pés, então, um pássaro, um peru selvagem ou um paujil — enorme galináceo da floresta, do tamanho de vulgar ganso doméstico. Por vezes, abatia uma iguana verde e vermelha semelhante a um dragão. Acontecia ainda toda a gente desatar a rir, quando um homem, usando a ponta da vara ou da pagaia, batia em algo escondido na folhagem, a dois metros de nós. Só então se conseguia vislumbrar a «boa»¹ adormecida, grossa como um braço e que, desenrolando os seus anéis do ramo onde a surpreendêramos, desaparecia entre as folhas.

Foram precisas semanas, meses, de adaptação à floresta para conseguirmos, tal como os nossos amigos índios, localizar ao primeiro golpe de vista os animais camuflados na mata. Começávamos agora a esboçar, com certo sentido, a montagem do filme. Esta lenta subida do Ventuari, animada por soberbos marinheiros selvagens, constituiria a primeira parte. Não só tínhamos captado imagens da navegação, como também da vida do acampamento, à tarde e de manhã, sem esquecer a confecção dessas refeições de cardápio imprevisito — ontem cauda de caimão, hoje macacos e papagaios de churrasco, amanhã cozido de piranha.

Em 4 de Dezembro, às quatro horas da tarde, dei conta de termos ultrapassado havia já várias horas a coluna das

¹ Boa: enorme serpente amazónica, não venenosa. (N. do T.)

outras pirogas, sem nunca mais as termos avistado pela popa: ordenei ao arrais da embarcação inversão de rumo e, uma hora depois, à saída de enorme rápido, encontrávamos todas as canoas em falta acostadas a um rochedo, sobre o qual Jean, Pierre e Luís se atarefavam em redor dos restos de três caixotes de bagagem. Quinhentos metros de película flutuavam numa poça perto deles. Uma piroga estava virada. O grupo electrogéneo fora repescado, quase por milagre. Perdera-se uma caixa de discos...

No dia seguinte, 5 de Dezembro, a máquina de trinta e cinco milímetros, tão bem reparada em Bogotá, gripava a meio duma cena. Jean conseguiu, todavia, desmontá-la e pô-la a funcionar.

A 6 de Dezembro gripou novamente. Mais uma vez Jean a desmontou, não conseguindo contudo arranjá-la. Várias engrenagens, corroídas pela humidade, estavam inutilizadas. Só a fábrica em Chicago a poderia pôr em condições. Era a catástrofe.

Apelidámos de Porto Negro a pequena ansa abordada nessa noite. Catire, a quem explicáramos a gravidade da situação, mandou alguns homens à caça, e reunimo-nos em conselho. Havia quinze meses que partíramos de França. Há já sete, vivíamos unicamente no meio de rios e florestas equatoriais: Luís ainda se queixava da picada de raia, Pierre tinha o corpo roído pela «podridão da selva», essa espécie de úlceras provocadas pela floresta ao longo das pernas e braços, e Jean era acometido semanalmente por violenta crise de paludismo, sendo o meu estado de saúde igualmente pouco brilhante.

Interromper significava ir até Nova Iorque para voltar mais tarde: eram novos meses de viagem, novas somas importantes em despesas, para uma aventura cuja finalidade continuava incerta. Perderíamos o benefício da estação seca. Que aconteceria no Ventuari e nas outras torrentes da Parima, se as abordássemos na altura das cheias? Que sucederia aos Guaharibos, se não aproveitássemos imediata-

mente a posição conseguida, quase miraculosamente, no seu território?

A noite caiu.

Os índios regressavam ao bivaque trazendo um caimão. Cortaram-lhe a cauda, pondo ao lume enorme panela. Sioux, o chefe da mais elevada cubata do Ventuari, desistiu da obra de vime confeccionada pacientemente noite após noite. Estava sonhador. O Esquimó, possuidor de três mulheres e dois chapéus, não cantava, deitado na rede, balançando os pés. Sanoma, o homem curioso, nem ousava remexer nas bainhas das minhas calças, para ver como eram feitas. Catire, solitário, fumava à beira da água murmurante. Os cães dormiam, enroscados. A panela fervia, o cozido de caimão derramava-se sobre as brasas. O céu povoava-se de estrelas. O Cruzeiro do Sul¹ estava baixo, à esquerda, do outro lado do rio. A Lua abria caminho. O horizonte era alto e escuro. Cerro Mono, a Parima desconhecida, os homens nus, sem dinheiro nem maquinarias: o outro mundo estava ali, ao alcance da mão. Bastava um último esforço.

Então, então, é menos duro do que ultrapassar um rápido! A solução mais sensata era a renúncia. Mas, neste caso, a verdadeira sensatez não seria, antes, nunca ter partido?

— Ainda possuo uma propriedade perto de Bogotá, que vale uns bons milhares — diz Luís calmamente. — Vou partir sozinho, enquanto vocês executam trabalho útil, durante a minha ausência, a montante do Mono. Tentarei mandar vir nova máquina de filmar, de Nova Iorque. Se isso não for possível, irei pessoalmente comprá-la. Adquirirei novo lote de missangas. Calculo estar de volta daqui a quarenta e cinco dias. Vocês esperar-me-ão lá em cima.

¹ Cruzeiro do Sul: constelação do hemisfério Sul, no qual desempenha função homóloga à da Estrela Polar no hemisfério Norte. (N. do T.)

O céu clareou, e nós ainda discutíamos.

Sanoma cortou trinta centímetros de caimão para o pequeno-almoço. O tempo estava bom. Levantei-me e mergulhei no rio.

— Partimos logo a seguir ao almoço — disse Pierre a Catire. Foi a vez de nos precipitarmos sobre as canetas: se quiséssemos ver os votos de Boas-Festas chegar a tempo a Paris, não havia um segundo a perder.

O filho do Sioux devia ter mais ou menos a idade do meu: sete ou oito anos. Ofereci-lhe uma faca de mato nova em folha, apontando para a sua pequena maca de algodão, tingida de vermelho pela pintura que o seu corpo nela deixava noite após noite: era preciso pensar também nas prendas de Natal.

As cartas vieram acumular-se sobre a maca. Luís acrescentou a preciosa película impressionada e o rolo de fotografias do reconhecimento. Enrolou tudo na coberta, apanhou a catana e uma panela, após o que nos apertou a mão. Chegara o momento da separação mais longa.

«Quando voltaremos a ver-nos?», era o pensamento comum dos três, Pierre, Jean e eu próprio, enquanto a pequena almada do nosso camarada corria a favor da corrente, costas viradas à Parima.

Na noite do dia seguinte, alcançávamos sem incidentes o sopé do Mono.

— Não conseguiremos levar os caixotes todos até lá acima — declarou Catire. — Os primos disseram que vão mandar procurar uma família de guaharibos para nos ajudar.

— Está bem — respondo —, mas quanto tempo teremos de os aguardar?

— No máximo, um dia.

...Foram quatro, durante os quais nada mais fizemos que sonhar, dormir e procurar alimentação na floresta.

A 12 de Dezembro, finalmente, recomeçámos a marcha, chegando na noite de 14 ao «rancho dos convidados» dos



Jean Fichter.

primos-todos-nus onde, quinze dias antes, Pierre e eu traváramos conhecimento pela primeira vez com os Yekuanas.

Só que, agora, acompanhavam-nos duas toneladas de material, e pensávamos nunca mais voltar a descer o Ventuari.

A primeira missão, enquanto aguardávamos o regresso de Luís, consistia em conhecer Kalomera. No dia imediato ao da chegada, enviámos-lhe um mensageiro, ficando à espera da resposta, conversando com os anfitriões. Espantava-nos o bom comportamento dos Guaharibos vindos para ajudar ao transporte da carga através do Mono, bem como nos admirava o facto de não termos encontrado os outros. Soubemos então que Diego, o dono da casa, e outro a quem chamávamos «o homem dos cães», tinham sido assaltados por eles, ao subirem pela primeira vez até à palhota, em busca de *casabe*.

As relações entre Maquiritares e Guaharibos eram, como se pode deduzir, muito mais complexas do que pareciam à primeira vista. Ou os Guaharibos hostilizavam os vizinhos — como o clã dos Iawani, os que nos haviam assaltado na primeira viagem — ou se tornavam pacíficos, assumindo então a condição de vassalos — tal como os Kamishawani, vindos ajudar ao transporte da bagagem. Em nenhuma circunstância um clã guaharibo firmava paz com os Maquiritares em pé de igualdade. Somente alguns indivíduos, dois ou três, e particularmente inteligentes, vinham viver com os Maquiritares, aprendendo pouco a pouco as suas técnicas e dialecto, sendo absorvidos, depois, pela comunidade. Era este o caso de um dos nossos homens, Sanoma, que durante longo tempo julgámos maquiritare, e doutro, Sandi, chefe guaharibo como viemos a saber mais tarde. Finalmente, o emissário regressou da aldeia de Kalomera. A resposta do grande chefe era definitiva:

— Os mesmos homens que conduziram os chefes brancos ao alto do Ventuari acompanhá-los-ão até aqui. Pela minha

parte, encarregar-me-ei de os fazer atravessar as montanhas.

Restava-nos, pois, ir até casa de Kalomera e explicar-lhe só podermos passar a montanha após o regresso do quarto camarada. Decidimos iniciar a viagem logo na manhã seguinte, com bagagem reduzida. O caminho percorrido nesse dia, sempre acompanhados pelo fiel Catire, foi árduo, através de mata tão cerrada como a de Mono. Ao pôr do Sol, passaria das seis da tarde, ainda não havíamos chegado, começando Catire a ficar inquieto quando, repentinamente, o trilho, até então de largura suficiente para passagem de um só homem, tomou as proporções de verdadeira avenida. Entrávamos nos domínios do grande chefe.

Pouco faltava para as sete horas quando desembocámos na clareira onde Kalomera estabelecera o acampamento. Tratava-se de vasto lugar, iluminado pela claridade avermelhada de enorme pira de ramagens. O chão apresentava-se constelado de cavacos. Não havia ainda cubata tribal. A aldeia abrigava-se provisoriamente sob longos *ranchos* sombrios e atarracados, de tectos recobertos de paus grossos e curtos apertados uns contra os outros. O conjunto das construções, encostado à floresta, formava um U em redor da clareira. Ao primeiro olhar dava a impressão de calma, de força, de ordem quase militar, contrastando singelamente com tudo o que víramos até aí do mundo índio. Vieram-me à memória recordações da história antiga de Roma, não me admirando se da sombra das construções surgisse algum centurião.

No centro do espaço desempachado brilhava pequena luz. Era o abrigo dos hóspedes, reconhecido sem dificuldade, e ao qual nos dirigimos.

Enorme concerto de latidos saudara a nossa chegada. Sabia já serem os Maquiritares bons criadores de cães, comerciando-os por toda a Guiana, mas nunca pensei que tivessem tantos.

*Em cima: aproximação da Parima,
uma das metas da expedição.*

*Em baixo: acampamento maquiritare.
Todas as noites, em viagem, os Maquiritares
erguem em pouco tempo um abrigo deste tipo.*

— Eh! Onde estarão esses cães? — inquiriu um dos meus companheiros.

Não se via nada nem ninguém. Tudo fechado, parecendo deserto.

Seguindo o exemplo de Catire, desenrolamos as macas e instalamo-nos no abrigo, em cujo centro, sobre asseado solo de terra batida, fumega e espirra gordalhuda tocha de resina. Se não fosse esta, bem poderíamos crer não sermos esperados. O essencial, nas casas dos grandes chefes índios, é demonstrar pouca curiosidade. Deitamo-nos e aguardamos, com a claridade da pira a oscilar na praça despovoada. Eis senão quando sub-reptícia mão passa entre duas macas, depositando pequena travessa de *casabe* junto à tocha. Um vulto nu desaparece na escuridão, com o fino tinir das franjas do colar de contas acompanhando os passos. Rostos femininos, de pálpebras fechadas, passam sob a luz, as mãos depositando rapidamente no chão novas travessas de *casabe*, e dois, três, quatro, oito, dez tachos fumegantes, de barro negro, com pimentos fritos, de odor picante e áspero. As mulheres desaparecem sem dizer palavra, sendo substituídas por homens, que se agacham à nossa volta a fim de partilharem a refeição dos convidados. Dez, vinte braços se estendem, partem pedaços de *casabe* e mergulham-nos nas panelas.

Saltamos das macas e imitamo-los. Comem, riem, conversam, sentados sobre os calcanhares. As costas, espáduas, e braços revelam nitidamente os músculos desenvolvidos, rolando a cada movimento sob a pele brilhante, lisa e listada de traços vermelhos. O *rancho*, num instante, tornou-se verdadeiro lar, pleno de calor, de ruídos e de odores familiares.

Nada disto, contudo, é violento. Até no barulho desta gente se adivinha o tacto, a mesura, a discrição dominando toda e qualquer atitude dos Maquiritares.

Grandes taças de bebidas quentes passam agora de mão em mão. A refeição termina, as mulheres recolhem as traves-



Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

sas, panelas e cabaças vazias. Voltamos às macas. Os homens continuam a rodear-nos, examinando com à-vontade as roupas, mirando-nos, rindo, fazendo-nos perguntas na sua língua. Respondemos desajeitadamente, misturando o espanhol com o nosso parco vocabulário maquiritare.

Estou impaciente por ver o homem de quem tanto nos falaram, e que preside, invisível, a esta recepção. Mal chegáramos ao acampamento, tinha perguntado a Catire:

— Onde está o Kalo?

— Não te preocupes — respondera-me —, ele virá; *também já sabe* da tua chegada.

Inspeciono os rostos. Ele pode muito bem estar ali, mesmo a meu lado. Porventura é este homenzinho seco, de olhos cintilantes, falando mais alto que o resto e parecendo nunca se dirigir a ninguém em particular. Vi até que as conversas paravam mal ele elevava a voz.

Volto-me, e pergunto-lhe:

— Como te chamas?

Ele tira o longo cigarro de casca da boca, sorri e fita-me nos olhos:

— Kalomera.

— Ah! És o Kalomera! Pois bem, eu sou Alain, este é Pierre e aquele é Jean.

Repete lenta e desajeitadamente os nomes, sendo imitado por toda a assistência.

Jean e Pierre, fatigados, cedo se deixam adormecer. Converso com Kalomera, agachado ao lado da minha maca, ou, por outra, vou respondendo às perguntas de Kalomera:

— O que vos traz aqui? Ficam muito tempo? Onde está o vosso *coroto*?

Pretende, antes de mais, saber quem somos. Nunca ouviu falar a língua utilizada entre nós.

— Sabes — diz-me —, conheço muita gente. Os brancos não são só venezuelanos. Sei-o muito bem. Conheces o capitão Cardona? Veio a minha casa. É espanhol. Conheci

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

também um alemão, há já muito tempo, quando era criança. Tinha dúzias e dúzias de caixas. E que belas missangas trazia no seu *coroto*! Quando algum *muchacho* lhe levava algum pauzil ou aguti para a refeição, mergulhava a cabaça numa caixa a transbordar de contas. «Abre as mãos», dizia ao *muchacho*, e dava-lhe todas as contas da cabaça, cheia até às bordas! Aquilo sim, é que era *coroto*! Era alemão, um grande capitão, vindo de muito longe para conhecer os índios.

O capitão Cardona tinha atravessado a serra Pacaraima em 1940, mas, antes dele, um único homem passara por aqui, o alemão Koch-Grunberg, enviado pelo Instituto Etnográfico de Berlim em 1911... era dele que certamente falava Kalomera.

— Conheço os Venezuelanos — acrescenta —, porque fui muitas vezes ter com eles, para vender pirogas ou mandioca, mas nunca vieram a minha casa. Antes de vocês, só o alemão e o espanhol cá estiveram.

— O alemão já morreu, o espanhol ainda é vivo. Mas tanto um como outro vinham da mesma terra de onde viemos. Sabes que, se desceres o Erebató até ao Caura, o Caura até ao Orenoco, e em seguida desceres o próprio Orenoco, vais ter a um enorme lago sem árvores, de água azul e verde cheia de sal. Este lago chama-se mar. A terra acaba aí. Mas há grandes barcos a navegar nessa água, maior que a terra. Conhecem o caminho olhando para o céu; guiam-se pelo Sol, a Lua e as estrelas. Avançam assim dias e noites, sem nada ver excepto água e céu. Até que nova terra aparece, onde os homens, animais e coisas são diferentes das daqui. É nesse local que fica a nossa terra, chamada França. Aí ninguém conhece os Índios, mas é grande a curiosidade sobretudo no que respeita a outros homens. Nós atravessámos a grande lagoa e subimos os rios até aqui, para conhecermos os Índios. Quando regressarmos, contaremos aos Franceses que existe aqui outra terra, habitada por outros homens, chamados Índios.

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

Kalomera escuta-me apaixonadamente. Repetiu lentamente:

— A França e os Franceses.

Estas palavras ficaram-lhe gravadas para sempre na memória, ao lado dos Espanhóis e da Espanha, dos Alemães e da Alemanha.

O coro dos homens imitou-o:

— A França, os Franceses.

Ficava-lhes só o trabalho de imaginar a importância do nosso país.

— Fazem espingardas na tua terra? — perguntou Kalo.

— Pois claro que se fabricam espingardas!

— Então porque não me trouxeste uma?

Seria preciso explicar-lhe o que é a alfândega! Como fazê-lo? Mas já não me escuta, tantas são as perguntas que lhe vêm à cabeça:

— E barcos a vapor, sabem fazer barcos a vapor na tua terra?

— E *aviões*?

Profundo silêncio caiu após a resposta. A França fabricar barcos a vapor, ainda vá que não vá — mas *aviões*!?

Assim decorreu o meu primeiro contacto com um grande chefe da idade da pedra.

No dia seguinte Kalo veio procurar-me muito cedo:

— Tu és médico — disse —, tens de vir ver os doentes!

Um homem acompanha-nos transportando a caixa-farmácia, e eis-nos de *rancho* em *rancho*, de maca em maca.

Uma criança deitada com febre, um homem deitado com febre, outro rapazito com o pé aberto por desastrado golpe de catana, certa velha queixando-se dos rins. Kalomera serve simultaneamente de intérprete e de ajudante. A cada vez que me debruço sobre algum doente, um círculo de rostos nos rodeia na penumbra. Mal pego em qualquer instrumento, termómetro ou medicamento, os risos e conversas param. Dez, vinte pupilas fixam-me silenciosamente, abrin-

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

do-se qual poço sem fundo, bebendo um pouco da ciência que eles me conferem.

Mal a sessão termina, Kalomera pergunta-me qual o conteúdo de cada caixa ou ampola da farmácia. Vou-lhe explicando como posso.

Voltamos a percorrer abrigos e oficinas, pois não há homem que não trabalhe. Uns dirigem-se correndo para a floresta, lança ao ombro, rodeados das suas matilhas de cães brancos e ruços. Outros abatem árvores na orla da mata, cortando-as e completando com hastes a cobertura de um telhado inacabado. As mulheres vão e vêm, transportando molhos de raízes às costas. Através das paredes de travessas espaçadas distinguem-se os ruídos dos raladores preparando a farinha para a cozedura. Kalomera inspecciona e aprecia o trabalho de todos, por detrás das pálpebras franzidas. Pronuncia duas palavras aqui, quatro acolá; as suas ordens imediatamente são cumpridas.

Goza de verdadeira e infantil glória por eu presenciar os seus mandos. Vai fanfarronando e, repentinamente, olha-me e murmura qualquer coisa muito ingénua. É alternadamente o grande chefe de centuriões, rei dos selvagens, índio lendário, nobre e altaneiro, ou simples homenzito desejoso de conhecer os segredos dos brancos?

Chegamos ao seu próprio abrigo. Manda embora as mulheres e amarra os cães.

— És um poderoso chefe, Kalo! — digo-lhe.

Responde:

— Sou o grande cacique dos Maquiritares. Sou o que fez guerra aos Guaharibos, aquele que fornece sal, pólvora, espingardas, ferro e *guayuco* a todos os índios das montanhas. Vais ver, quando a nova casa estiver construída, cantarei. Sou o melhor cantor. Canto cinco dias e cinco noites a fio.

Cala-se bruscamente, immobilizando-se por segundos.

— Mas para isso terás de me trazer muita pacouilha — acrescenta por fim; — e agora dá-me um cigarro.



Dois pratos apreciados pelos Índios:
O tapir...

Concluo estarem terminadas as apresentações. Podemos abordar o âmago do problema que aqui nos trouxe.

— Kalo — digo-lhe —, daqui a um mês o meu terceiro camarada estará de regresso. Viremos então todos a tua casa, para assistir à festa da cubata nova. Não tenho de momento muitas espingardas, mas oferecer-te-ei uma se mandares a tua gente preparar muitos enfeites de plumas, tambores, bastões de dança, trompas e flautas maquiritares, tudo o que sabes fazer e os jovens esqueceram, pois és um grande chefe. Se quiseses muitas outras coisas, oferecer-te-ei cortes de *guayuco* vermelho, facas, catanas, panelas, missangas, pólvora e chumbo; poderemos voltar cá daqui a uma ou duas luas. Estás de acordo?

Ele repete, detalhadamente, esse sonho de bugigangas:

— Muita pólvora, chumbo, *guayuco*, muitas facas, panelas, contas de vidro... Bem — diz ele —, já sei que vocês são grandes brancos... Por que razão pretendem atravessar a Parima?

— Porque nunca nenhum branco a atravessou. Para conhecer.

— Não — diz Kalo abanando a cabeça —, não é possível; posso ajudar-te a atravessar a montanha, mas a Parima não. Posso levar-te até ao Brasil, mais os teus camaradas e bagagem, mas por lá, não. Pode ser por mais longe, pelos Paragwas, pela outra montanha.

Queria dizer pela serra Pacaraima. Conheço o caminho que referia.

— Não, não, Kalo, nós queremos mesmo passar pela Parima. É por isso que estamos aqui.

— Não pode ser, não há caminho.

— Olha que sim, Kalo, há uma picada a sul da nascente do Ventuari.

Encoleriza-se. Grita.

— Não, não irei por aí. Não te darei nenhuma piroga para seguir esse caminho, nem nenhum maquiritare irá contigo!



...e o pecari.

— Porquê, Kalo, é por causa dos Guaharibos?

— Não temos armas suficientes. Matar-nos-ão a todos. Não quero arrastar os meus homens para a morte. Se queres que te leve lá, dá-me cinquenta espingardas.

— Não tas darei, pois não pretendo que te ponhas para aí a matar os Guaharibos. Temos quatro espingardas, o bastante para caçar durante todo o trajecto. Quero lá ir, mantendo a paz com os Guaharibos. Não quero que ninguém morra.

Olhou-me estupefacto:

— Vocês irão sós, nenhum maquiritare vos seguirá, nem daqui nem de qualquer outro lado, e afogar-se-ão na água que corre para leste, se passarem a montanha; cairão nos rápidos muito antes de chegarem aos brasileiros, e serão comidos pelas piranhas, pois não terão maquiritares a conduzir as pirogas. Não iremos. Há cinquenta anos que não passamos por lá. É demasiado perigoso. Meu pai tinha primos no grande rio Parimé, que corre para leste, do outro lado da montanha, o rio que leva aos brancos do Brasil. Morreram, juntamente com as mulheres e os filhos. Os Guaharibos assassinaram-nos e devoraram-nos. Há demasiados guaharibos lá em baixo, é a terra do infortúnio. Nós não iremos.

— Voltamos daqui a uma lua — respondi —, traremos dez, vinte caixotes, panelas e lona, pólvora e chumbo. Tu construirás a casa, prepararás todos os objectos e tambores para a festa. Confeccionarás macas e bastões maquiritares. Dar-te-emos mais *coroto* do que alguma vez pensaste ter. Tratarei dos doentes. Oferecer-te-ei remédios. Veremos então nessa altura por onde passaremos. Chegaremos a acordo.

E desandei. Voltei ao *rancho* dos viajantes.

Pierre preparou pequeno embrulho de pacotilha, destinado ao chefe. Dei-o a Catire, com instruções para o levar a Kalo. Instantes decorridos, uma mulher traz-nos três ananases e um delicioso cacho de bananas maduras. Chegou a hora da refeição presidida por Kalo. Servem enorme travessa



Coronel, assim apelidado por só conhecer esta palavra em espanhol.

de antílope. É um festim. Por meu lado, fico na maca, a escrever.

— Então, doutor — exclama alegremente Kalo —, não vens comer?

Estende-me prodigiosa cabaça de carne.

Mandou colocar seguidamente o tamborete de chefe ao lado da maca. Pegando no caderno, interroguei-o sobre Uanadji, filho do Sol e pai dos Maquiritares. Explicou-me ter Uanadji vivido por três vezes, mudando de nome em cada existência. Criou todos os animais de quatro patas e, confidenciou-me, foi nessa altura que os Brancos foram injustamente beneficiados em relação aos Índios.

— Fez dois cães, colocando cada um sobre montanhas frente a frente, separadas pela água. Uma das elevações era a dos primeiros brancos, a outra a dos primeiros índios. Tanto uns como os outros alimentaram os cães, tratando-os e ensinando-os, construindo-lhes casotas para dormir. Mas o cão dos brancos começou a crescer, a crescer, transformando-se num cavalo, montado no qual eles exploraram o mundo, conquistando terras sobre terras e descobrindo o país do ferro, de onde provêm as vossas facas e machados. O cão dos Índios não cresceu. Continuou a ser cão. Servia só para caçar, e nós só descobrimos o rio da pedra, de onde os meus pais e avôs retiravam as maçãs e facas de pedra. Ora isto de nada nos servia. Dá-nos cavalos em troca de cães, dá-nos ferro e recebe pedra em troca. Queres? Evidentemente que não queres. É isto que não corre bem entre brancos e índios, meu velho. Existem muitos deuses, espíritos e pessoas a viver acima da terra e debaixo dela. Conheço-os a todos, pois sou grande cantor. Há aquele que criou os cestos, pondo-se estes a andar, entrando na água depois de comerem inúmeros índios: são os caimões — basta reparares na sua pele. Um médico índio viu o espírito confeccionar o primeiro cesto, escapando a tempo de ser comido. Era maquiritare. É por isso que os nossos cestos são, de todos, os mais perfeitos.

Ia anotando estas lendas, enquanto Kalomera velava com febril inquietação para nada me escapar do que me ia contando. Iluminava pouco a pouco a obscuridade desse estranho mundo humano, animal e divino, no qual desfilavam, no meio de nuvens de penas e pêlos, todos os seres da criação.

Nascia o dia quando finalmente me deixou, levando consigo a maior panela de alumínio, que, frisei bem, não era oferecida, mas sim um adiantamento ao contrato que acabáramos de estabelecer, segundo o qual deveria fabricar uma maca e um bastão, para serem entregues mal regressássemos. Murmúrio de vozes acordou-me pouco depois.

Devíamos partir ao lusco-fusco, para chegarmos à cubata do Ventuari num dia só. Kalomera, de rosto fresco como se tivesse dormido a noite inteira, estava agachado junto da maca de Catire. Fumavam e conversavam.

O acampamento acordou marcialmente; as mulheres, «vestidas» de missanga, trouxeram fumegante sopa de bananas, colocando-a no centro do rancho. Catire desfez a maca. — Vamos embora — disse.

Uma voz gritou algumas palavras.

— Vais ver os doentes antes de partir — disse-me Kalo. Juntei-me ao resto da expedição uma hora depois.

À noite, estávamos em casa dos primos. Catire, felizmente, matara um pássaro, sem o que nada teríamos comido: a fome surgia no alto Ventuari.

Acentuou-se aliás de dia para dia. Não restava uma só raiz nos campos de mandioca, e depois dos pecaris e tapires, as aves desertavam dos céus e da floresta. Comíamos papagaios, aves pernaltas e ratos selvagens.

A aldeia apelou enfim para os Guaharibos, ainda possuidores de bananas.

A troca de algumas catanas, trouxeram-nos cestos delas. Em breve eram o único alimento: banana crua, banana cozida, puré de banana... nem preciso dizer como rapidamente ficámos enjoados. Sanoma serviu-nos muito tempo de

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

intérprete junto dos diversos clãs guaharibos espalhados pelo Ventuari. Dávamos-lhe, à noite, um pacotinho de bugi-gangas, voltando no dia seguinte ou no outro acompanhado por dez ou vinte homens babando aquele suco esverdeado, saltando, gesticulando e gritando. Atiravam-se a nós, para puxar as barbas. Dançavam e cantavam então frente ao *rancho*, enquanto filmávamos em dezasseis milímetros e íamos gravando novos discos.

A dança ou era de guerra, defrontando-se seis homens, com grandes flechas de ponta de bambu nas mãos, ou era a «dança do comércio», na qual dois actores, sobrecarregados de ornamentos, se agachavam frente a frente. Traziam plumas nos cabelos, nos braços, nas orelhas, e o tronco, sobre a pintura, estava recoberto de pequenos tufo de penugem branca colada à pele. Seguravam nas mãos três setas, o arco e aquele enorme bastão vermelho que é a moca guaharibo. Falavam balançando os corpos de um lado para o outro. A cadência do movimento precipitava-se.

Sacudiam bruscamente a cabeça com se fossem marionetas a que se cortassem os fios; soltavam enormes gritos roucos; desferiam murros no peito, batendo no chão com as palmas das mãos. Guindavam-se ao máximo da excitação. Atiravam então para longe setas e bastões, arrancavam as penas do cabelo e das orelhas, bem como a solitária penazita azul que lhe transparece sob o lábio inferior. A mímica desta veemente «discussão de negócios» terminava quando qualquer dos parceiros, derreado de fadiga, caía no chão.

A breve trecho não sobrava um só metro de película virgem.

Conhecemos assim os sete clãs guaharibos que não se importavam, no alto Ventuari, de visitar os Maquiritares.

Eu ia actualizando o calendário da expedição nas costas de um dos cadernos de apontamentos, riscando o dia respectivo todas as manhãs. Em breve estávamos a 24, a 25 de Dezembro. Natal! Presenteámo-nos, celebrando a data, com a penúltima lata de leite condensado.



Maça maquiritare.

27, 28, 29 de Dezembro. Emissários provenientes de diversas cubatas maquiritares procuravam-me, pedindo que fosse cuidar dos doentes. Partia de madrugada, regressando já de noite. O regime de subalimentação enfraquecia-nos a ponto de em breve termos de recusar qualquer deslocação. Em todas as cabanas visitadas imperava fome por igual. Grupos inteiros emigravam, procurando refúgio nas terras férteis de Kalomera...

A 29 de Dezembro, Sanoma trouxe-nos dois ananases. Jean Fichter pediu-me um dos últimos litros de álcool da farmácia, e fez um licor com ananás e suco de cana-de-açúcar.

Não ficámos muito convencidos, Pierre e eu.

— Sou conhecedor em matéria de licores — disse-nos ele. — Em pequeno, no campo, via a minha mãe fabricá-los. Foi bem difícil adivinhar o preciso momento da passagem de 1949 para 1950. Havia meses que não dispúnhamos de relógio.

Jantámos, contudo, a 31 de Dezembro. Catire conseguira abater esquelética pernalta branca, após horas de busca na floresta:

— É incrível — gritou Fichter —, esta porcaria cheira a água-de-colónia!

Mas era carne, de qualquer forma; tínhamos um cozido quente.

Esperámos que a fome voltasse para decretar a meia-noite. Acendemos então uma vela, abrindo Jean, no meio de religioso silêncio, a última lata de leite condensado.

Restava ainda algum nescafé. A água estava quente há bom bocado. Acompanhavam-nos quinze índios, a quem bastas vezes explicáramos ser esta noite a maior festa da nossa tribo.

Estavam impacientes para ver como a celebraríamos.

Bebemos o espesso e rico café com leite, molhando nele

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

bocados de *casabe*. Estávamos mais esfomeados que cães vadios.

Jean abriu a garrafa de licor «caseiro».

Não assentava lá muito bem por cima do café com leite e mandioca...

— Durante quanto tempo vão rir e cantar? — perguntou-me Coronel.

Esbelto jovem, Coronel vivia na impaciência de conhecer todos os segredos dos *cocowani*, assim nos apelidavam os indígenas. Conhecia uma única palavra em espanhol — *coronel* — daí o nome com que o baptizáramos.

Pobre Coronel! Não nos ouviu cantar, nessa noite. O *licor familiar* fez-nos mergulhar definitivamente na melancolia. Cada um contou a respectiva passagem de ano de 1948, última passada em França, com a família verdadeira.

A tristeza dominava-nos. Tirei soporíferos da farmácia, no fito de adormecermos antes de perdermos completamente a coragem.

A 3 de Janeiro, Catire procurou-me.

Tinha as feições marcadas pela fome:

— Comprei uma mulher — disse-me —, não posso ficar aqui muito mais tempo. Acabaremos todos por morrer à fome. Venham comigo, volto a Tencua. Encontraremos talvez Luís no caminho. Claro que não me poderei ocupar de vocês na descida, por causa da mulher, mas empresto-vos o meu filho e a piroga. Coronel de certeza quererá ir também. Terão assim formada a vossa tripulação.

Não podíamos mais. A proposta de Catire fez-nos decidir. Partimos dia 6, não sem termos arrumado cuidadosamente os caixotes na cubata do primo. Levávamos só a máquina de 16 m/m, os aparelhos fotográficos, películas e os discos guaharibos.

— Até breve — despedimo-nos dos índios —, estaremos de volta numa lua.

Sofria há já tempos de um mal incomodativo. Qualquer mestiço do Orenoco conhecia esta estranha doença, espécie de

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

bolor que ataca a extremidade dos pés, abrindo crostas vermelhas e amarelas em redor dos dedos, espalhando-se em forma de raiz, a qual, não sendo tratada a tempo, se aprofundava na carne, acarretando miríades de infecções secundárias. Os gânglios das virilhas inchavam imediatamente, transformando o caminhar num suplício.

Não sabia como tratar-me. Temia portanto os dois dias de viagem em que seria preciso caminhar, para contornarmos a queda de Mono.

Ao fim do primeiro dia, os pés apresentavam-se como enorme chaga. Já não tínhamos sapatos há muito tempo, decorrendo a marcha em trilho áspero, recheado de longas e cortantes raízes, espinhos e lianas. Logo nas primeiras horas, caíra uma unha a Pierre. O moral estava em baixo, os estômagos vazios. Às quatro horas da tarde, não aguentávamos mais. Catire parou.

Prostrámo-nos sobre as macas. A recente mulher de Catire ofereceu-nos pequena cabaça de cozido de mandioca. O marido comprara-a com todos os pertences e provisões próprias.

A noite caiu rapidamente. Continuava estendido, rígido como um morto, a febre assenhoreando-se de todo o meu corpo. Ouvia Pierre voltar-se de vez em quando na maca. Nem sei se dormi, se fiquei semiconsciente até ao raiar do dia, debatendo-me entre febre e alucinações. A manhã parecia lúgubre, a marcha recomeçou logo.

— Depressa, depressa — dizia José. — Ainda falta muito para o embarcadouro!

Seguiu à frente, acompanhado da mulher.

A febre subiu, ao mesmo tempo que clareava o dia. Cada passo a breve trecho se transformou em perigosa aventura de funâmbulo. Não mantinha o equilíbrio; precisei de talhar uma bengala para me apoiar, avançando titubeante qual velho trôpego. O trilho era interminável, os pés nus, vermelhos, em carne viva e amarelos de purulência, rasgavam-se

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

nos espinhos e escorregavam na lama. Cerca do meio-dia deparou-se-nos um ribeiro que atravessava o caminho, e caí nos seixos da margem. Tomei aspirina e aspergi o rosto com água fresca. Mantive-me quinze minutos imóvel, de braços cruzados, o topo da floresta rodopiando acima da cabeça. Jean, adiantado no caminho, regressou:

— Coragem — disse-me —, já estamos no vale, o rio não está longe!

Estava esverdeado.

— Também já não aguentas? — perguntei.

— Tenho fome — respondeu ele.

Novamente nos metemos a caminho. Gastámos três horas até ao porto. As pirogas estavam na água, só faltava embarcar.

Deitei-me no meio da canoa, sobre a bagagem. Maquinalmente, coloquei a espingarda à mão: poderia surgir qualquer surpresa à saída do rio. E aconteceu.

Trinta patos selvagens passaram por cima de nós, na primeira curva, voando baixo. Atirei, e abati dois. Fiquei mais descansado. Já havia que comer. Fechei os olhos. O batimento das pagaias chegava-me através da madeira da piroga. O andamento era rápido, regular, suave. A andar assim, poderíamos chegar ainda nessa noite à queda de Oso, e no dia seguinte a Cordoval.

Toldou-se-me o pensamento. Sem dúvida adormecera. Ouvi alguém dizer:

— Estaremos em Oso esta noite.

O rio entrou na almadia; dei comigo na água.

Naufragámos pela certa. Virei-me, cabeça para baixo, e afundei-me nos remoinhos de um rápido.

Consegui finalmente respirar, mas mergulhei novamente. Desta vez não rodopiava, seguia como uma flecha. Voltei-me outra vez, passando sem querer sob o turbilhão. Mais uma vez tirei a cabeça para fora, respirando.

Afundei terceira vez. Estava asfixiado. Se não conseguisse voltar à superfície, morreria.

Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso

«Afinal — disse comigo —, é bem simples!»

Estava resignado. Em breve não passaria de qualquer coisa no fundo da água. Novo remoinho, em lugar de me arrastar, trouxe-me à tona. Saltei na água como um meteoro. O Sol cegou-me. No centro deste distingui uma piroga negra dançando na espuma. Voltei à realidade. Atirei-me para a frente, exercitando um pouco de bruços, lenta e suavemente, guardando os pulmões de funcionarem depressa demais.

«Não foi desta», pensei.

Deparei com o casco ao lado da cabeça.

A boca crispada de José gritava-me qualquer coisa. Levantando os braços, icei-me pesadamente para bordo. Balançando-me, caí de ventre no fundo da almadia, nariz e boca contra amarelenta poça de água.

O corpo dificilmente se movia, mas consegui levantar o rosto. À minha direita, o maior dos patos abatidos flutuava tranquilamente, como pequena embarcação vogando num lago de jardim.

Gritei:

— O pato!

A piroga adornou para estibordo, e a mão de José pôs o pato a bordo. Pensei: «Pelo menos, teremos que comer, esta noite!»

Acostámos a canoa, e alguém me ajudou a subir para um rochedo. Distingui os dois camaradas ao longe, na outra embarcação. Separavam-nos quinhentos metros de águas turbulentas. Acabara de atravessar o enorme rápido de Oso a nado, contra vontade. A piroga voltada chegou ao pé de mim. Coronel cavalgava-a, pernas escanchadas sobre o fundo. Estava salvo. Voltando-a, esvaziou-a. Catire aproximou-se e saltou a bordo juntamente com Coronel. Subiram os rápidos, lentamente, pelo lado navegável, e regressaram deslizando sobre as águas, trazendo Emiliano, Pierre e Jean:

— Julgámos-te morto — disseram.

— Também eu — respondi.

Acampámos um pouco mais longe, fazendo os meus camaradas o balanço dos prejuízos. Este naufrágio tragara a última máquina de filmar, o único fotómetro, toda a película e os discos guaharibos — as danças da guerra e do comércio —, as duas espingardas, a muda de roupa e as panelas.

— Se não encontrarmos Luís no caminho, teremos de ir até ao Orenoco para lhe telegrafar — afirmou Pierre.

Chegámos a Cordoval na noite do dia seguinte, 10 de Janeiro. Disseram-nos:

— Marat vai-se embora. Sai de Marieta depois de amanhã, rumo a Puerto Ayacucho.

Eram dois dias em piroga, da base da queda de Tencua até Marieta. Teríamos de nos apressar. Mas também nos avisaram:

— Não há nenhuma piroga abaixo da queda, além de que todos os homens partem com Marat.

Só estavam na aldeia um velho, Horácio, o irmão de Catire e três crianças. Conseguiríamos levar, com a sua ajuda, a pesada piroga de José até à base da queda, a tempo de conseguirmos aproveitar a vantagem do motor de Marat?

Adormecemos, oprimidos.

No dia seguinte, muito cedo, o velho e Coronel acordaram-nos. Estavam prontos a tentar tudo para nos ajudar, excepto Catire que, sofrendo de otite, nem se podia mexer.

Arrancámos para a queda.

Não podia auxiliar ninguém, estava ainda incapaz de qualquer esforço. Segui pelo trilho, à frente, apoiando-me na bengala. A febre voltou poucos passos andados. Cheguei à praiazita onde, dois meses antes, conhecêramos Catire. Tanta coisa se passara entretanto, pensei; tínhamos agarrado a vitória com as mãos e deixáramo-la escapar.

Às quatro horas, a canoa flutuava, e embarcámos. Passámos todos a ser membros da tripulação: crianças, brancos e índios. As pagaias não descansaram dia e noite, e foi assim

que, ao alvorecer do outro dia, ao fundo da primeira curva visível do rio, sob um céu azul e luminoso, nos apareceu o fumo acinzentado de Marieta.

Era como que o regresso dos fantasmas à civilização. Mal, de terra, avistaram a piroga, todos os lenhadores acorreram à margem, saudando-nos, amigos Marat e Amazonas à cabeça. Sabiam termos contactado os famosos selvagens, mas julgavam-nos mortos. Apertaram-nos as mãos com um misto de respeito e comiseração, após o que nos acompanharam até à casa.

Ofereceram-nos um, dois, três cafés e cigarros.

Marat adiou a partida para daí a dois dias. Precisávamos ainda de comer, dormir e descansar.

A 16 de Janeiro chegávamos a Puerto Ayacucho, onde seríamos os heróis do dia. Tinham-nos tomado até aqui por sábios um pouco extravagantes, amalucados, que não se apercebiam dos perigos da floresta virgem. O facto de termos subido o Ventuari até às nascentes, penetrando portanto na Parima como ainda ninguém fizera, aliado ao por menor de termos conhecido os famosos Guaharibos, conferia-nos, se assim se pode dizer, os galões da aventura. Tratei os pés no hospital e, como estávamos inapresentáveis, o governador do território colocou-nos um guarda-roupa à disposição (o que teve como consequência insólita transformarmo-nos os três, momentaneamente, em oficiais venezuelanos).

Assim findou o mês de Janeiro, em clima de doce euforia. Não tínhamos notícias de Luís, pelo que voltámos a ficar inquietos sobre o destino da nossa missão, à medida que avançávamos por Fevereiro dentro. No dia 28, finalmente, chegou um telegrama de Bogotá que dizia:

CHEGO 3 MARÇO, AVIÃO PARTICULAR. LUÍS.

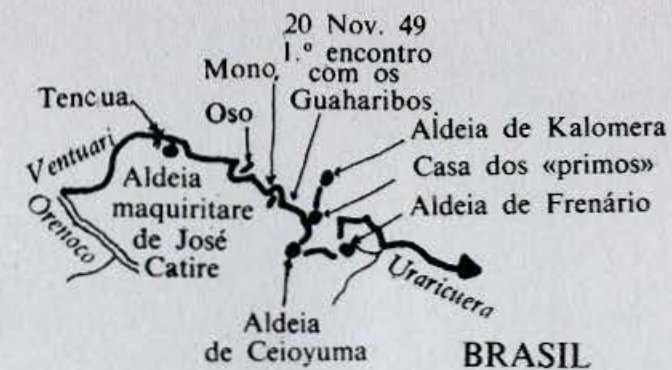
**Primeira penetração
na serra Parima
Fome
Regresso**

E chegou mesmo, pontualmente, com oito caixotes de material novinho em folha. A estação seca terminava. Teríamos de nos apressar.

Mais uma vez, os conselhos dos «experimentados» começaram a chover:

— É totalmente louco voltar lá acima. Ficarão bloqueados pelas chuvas. Só poderão regressar no próximo ano!

«Veremos», era o nosso pensamento.



A travessia da serra Parima

Alto Orenoco, Ventuari, Marieta, Tencua, Cordoval. Como desfilaram depressa, desta vez, todos esses quilómetros de rio, cada curva fazendo já parte do passado! A nova partida rumo à Parima aconteceu sem história. A 21 de Março, largávamos de Cordoval em canoa. Vieram os rápidos de Oso, nos quais eu enfrentara a morte três meses antes, e o trilho de Mono, onde encontráramos pela primeira vez, Pierre e eu, os Guaharibos.

No Mono, o fiel amigo Catire, companheiro de tantas aventuras, deixou-nos. Não podia de forma alguma ausentar-se da aldeia:

— Tenho muitas mulheres, agora — desculpou-se. — Preciso de tomar conta delas... Se não fosse isso, acredita-me, acompanhar-te-ia ao fim do mundo.

A 31 de Março, estávamos junto dos primos-todos-nus do alto Ventuari. Havíamos prometido regressar no espaço de uma lua. Foram precisas três mas, excepção feita deste pormenor, mantivemo-nos fiéis ao prometido. Desde Cor-



doval que um novo maquiritare dekuana se nos juntara.

Como todos os índios iniciados na nossa civilização, tinha calças, camisa e... um nome. Chamava-se simplesmente Napoleão e sabia algumas palavras de espanhol.

Napoleão conhecia muito sobre a Parima e gostava de conversar. Explicou-nos que, em sua opinião, Kalomera não era o homem indicado para nos guiar nos caminhos da montanha.

— Kalomera só se gabou — acrescentou. — Não é ele, mas sim Cehoyuma o maior cantor maquiritare.

Devido às suas informações, decidimos separar-nos em dois grupos, para levar a cabo reconhecimentos simultâneos, um a Kalomera, outro a casa de Cehoyuma.

A 2 de Abril, Luís partia rumo à aldeia de Cehoyuma, acompanhado por Napoleão e outro yekuana, apelidado Borgonhês graças ao enorme ventre e insaciável apetite, enquanto eu era seguido por Pierre e Coronel no caminho para casa de Kalomera.

A meio da tarde, ouvimos barulho de motor por cima das nossas cabeças: era um avião a sobrevoar a Parima; tive vontade de explicar a Coronel que aquilo era um enorme pássaro metálico, em cujo ventre se sentavam homens brancos como nós. Mas, à vista do seu rosto, detive-me.

Normalmente tão alegre e falador, ficara carrancudo e silencioso: tinha medo.

«Falar-lhe-ei logo à noite», pensei com os meus botões, apressando o passo.

Ao sol-pôr, chegámos à grande clareira. Nada mudara. Atingimos o abrigo dos viajantes. Kalo esperava-nos, sentado na maca. Parecia igualmente inquieto, não nos olhando sequer.

Admirado pelo acolhimento, mas não querendo deixar transparecer a decepção, sentei-me, bebendo em silêncio a cabaça de *yaraké* oferecida entretanto por uma mulher.

Kalo esperou que a cabaça ficasse vazia, virando-se depois para mim:

— Então, doutor — disse ele —, queres matar os índios?

— Matar os índios, com quê? — respondi.

Tornou-se veemente, como alguém que há muito aguentasse um ataque de cólera prestes a estalar.

— Pensas que não vimos o teu avião? Há menos de meia hora que passou aqui por cima!

Era esse então o problema! Respirei fundo, acendendo um cigarro para preparar a resposta. Compreender Kalo, explicar-lhe como devia ser, significava pensar como ele: só passam homens brancos uma vez em cada vinte anos no seu território. Os aviões são igualmente raros sobre a Parima, que fica longe das rotas regulares. Este avião só poderia ser o *nosso*. Sabia por outro lado terem aparelhos de caça metralhado aldeias indígenas, vingando o desaparecimento de camaradas caídos na floresta. Portanto, Kalo devia pensar serem os aviões máquinas concebidas para matar índios!

— Kalo — disse-lhe —, olha, aqui está a farmácia. Acreditas que a teria trazido comigo se quisesse matar o teu povo? É verdade que o nosso avião passou aqui há bocado, mas era só para saber se não precisávamos de nada e se não tínhamos novos aborrecimentos com os Guaharibos. Disse-lhe pelas máquinas estar tudo a correr bem; está tranquilo, não o voltarás a ver!

Pareceu ficar descansado.

— Deus queira que esse patife do avião não volte — murmurou Pierre em francês.

Teríamos ficado em maus lençóis se isso, de facto, acontecesse. Mas não vislumbrava outro meio de tranquilizar os anfitriões. Se tivéssemos afirmado não conhecer o avião, perderíamos todo o prestígio — além de que não nos acreditariam.

Falei-lhe então sobre a finalidade da deslocação até ali:

— Onde está a cubata, os objectos que ficaste de confecção-

nar? Quando começa a festa? Trouxemos nove caixas de *coroto* nunca visto no Ventuari. Não queremos perder mais tempo. Queremos a festa já, e depois partiremos todos para os brasileiros, através da Parima!

— Ainda não começámos a cabana — respondeu suavemente —, e além disso não vos quero aqui com esses aparelhos.

— Também não quero falar-te de Uanadji e dessas histórias todas — acrescentou dali a bocado —, pois morreremos todos se o fizer.

E calou-se, dando por definitiva a decisão.

A sua última palavra era porém inaceitável.

Não voltámos a falar de projectos, nessa noite. Mas no dia seguinte a discussão recomeçou:

— Kalo — perguntei-lhe —, por onde passaremos para ir ao Brasil?

Reconheceu haver um caminho, passando pela aldeia de Cehoyuma e pela do capitão Frenario, no rio Yavadehudi.

— Mas não quero ir por aí — disse Kalo. — É muito perigoso, nenhum maquiritare vos seguirá. Nem os homens de Cehoyu nem os meus.

— Um dia — acrescentou —, há já vinte anos, apareceu um homem branco a subir a Parima. Frenario vive assim tão afastado de tudo porque matou esse homem. Matou-o ao ver que ele conhecia demasiado bem os caminhos índios através da montanha.

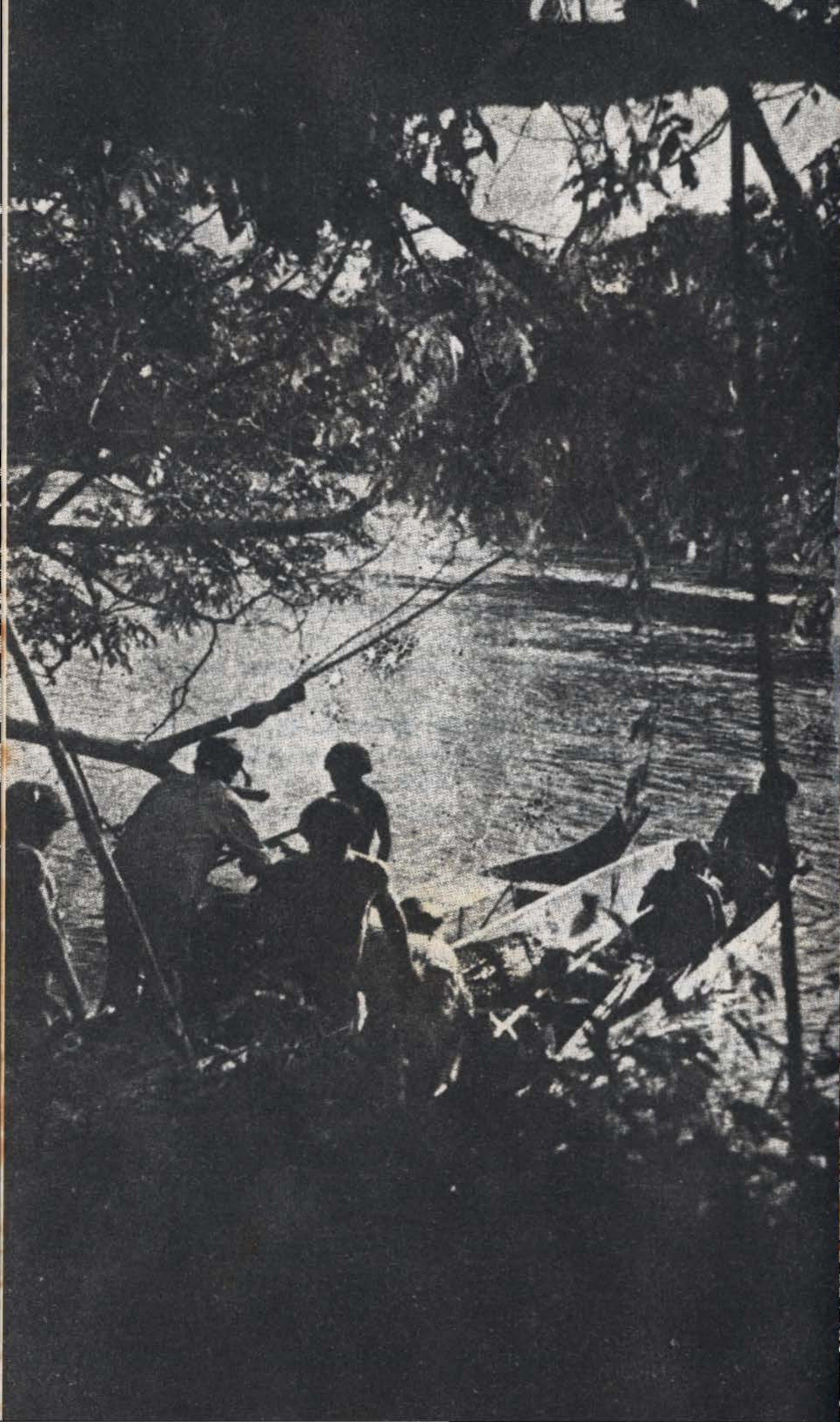
Seria um aviso? Porque podia ser, não insisti mais.

Sem pestanejar, fomo-nos embora, nada tendo ficado decidido.

Regressados à cubata dos primos, esperámos ainda dois dias pelo regresso da piroga de Luís e Napoleão.

Acompanhava-os um maquiritare do clã Cehoyuma, ornamentado luxuosamente com plumas na ponta de travessões enfiados nas orelhas. Luís vinha excitadíssimo:

— Formidável — gritou —, nem calculam as coisas extraordinárias que vi mal ele nos conheceu!



Descreveu-nos o Sul do alto Ventuari, o sítio de Cehoyuma, no cume das montanhas cobertas de nuvens.

— Cehoyuma cantou para mim — disse-me —, pois os deuses tinham-lhe revelado que alguma vez chegaria um homem branco à sua casa, trazendo felicidade ao povo. Interroguei-o a noite inteira, e afirmou poder-nos ajudar a atravessar a Parima em quinze dias, pelo Yavadehudi, onde vive o capitão Frenario. Acompanhar-nos-á até junto deste, organizando então Frenario grande festa, onde cantará.

O entusiasmo de Luís foi contagiante. Rapidamente esquecemos a decepção causada por Kalomera. Decidiu-se sem demora que a expedição atravessaria a serra Parima pelo caminho de Cehoyuma e Frenario. Só faltava convencer os «primos» a acompanhar-nos até lá com o material. Luís acrescentou:

— Cehoyu disse a Napoleão para me traduzir uma curiosa história: parece que há vinte anos Frenario matou um branco por conhecer bem demais os trilhos maquiritares...

De que serve reflectir mais?

Nunca poderíamos conhecer todos os segredos dos índios. Coincidência, ou entendimento secreto entre Cehoyu e Kalo, os dois grandes chefes? A verdade é que a mesma edificante história havia sido contada simultaneamente, a várias centenas de quilómetros de distância, aos dois destacamentos da expedição... e em ambos os casos não parecia ser senão velada ameaça.

Foi marcada a partida para 12 de Abril, pelo que nos ocupámos do material, enquanto Diego, dono da cubata, ocupando agora o posto de lugar-tenente deixado por Catire, recrutava remadores e carregadores.

Os dois últimos homens que usavam calças deixaram-nos no dia 11. A 12, pela manhã, Diego mandou estivar a bagagem, e embarcámos. Coronel estava na margem, de braços cruzados, vendo os outros trabalhar:

— Então, Coronel, não vens? — perguntei.

Acenou que não, com a cabeça.

— Que se passa? — perguntei a Diego. — Coronel não vem connosco?

— Não quer vir, vai casar-se! — respondeu, sorrindo.

Assim, pela segunda vez, a instituição do casamento separava-nos de um dos mais fiéis companheiros.

A breve trecho atingimos o *caño* Uayeta, que desemboca na margem esquerda do Ventuari, entre a cubata dos «primos» e a cabana abandonada onde dormíramos, Pierre e eu, no decurso do primeiro reconhecimento.

Cada remada de pagaia era, a partir daqui, importante conquista ao total desconhecido. Diego não conseguira reunir suficientes maquiritares para guarnecer todas as pirogas. Assim, uma das embarcações fora confiada a guaharibos pertencentes a clã bem conhecido.

— São ligeiramente menos doidos que os outros — tínhamos dito Diego no intuito de nos tranquilizar.

A piroga deles mais parecia um carro da limpeza conduzido por bêbados. Pagaíavam desajeitadamente, incapazes de seguir mais de vinte metros em linha recta, levantando enormes chapinhadas de água cada vez que mergulhavam ou retiravam a pagaia. Os maquiritares vigiavam-nos de longe, sem qualquer vontade de se molharem.

Decorria o segundo dia de navegação quando o rio se encaixou entre altas paredes rochosas. Atingimos violento rápido, no qual o *caño* Uayeta descia em cascata vários metros. Na base desta, um caminho escalava as rochas, permitindo transportar a carga para montante. Mas era difícil chegar até lá. Os guaharibos, ao fazerem uma tentativa, atravessaram-se na corrente, acabando por naufragar a meio do rápido. A piroga maquiritare ida em socorro voltou-se igualmente. Resultado, quatro caixas na água. Como a profundidade era pequena, conseguimos pescá-las, mas todo o conteúdo estava cheio de água. Transportadas as caixas para terra, foram abertas. Três delas continham unicamente embalagens de filmes. Foi preciso abri-las e verificar tudo,

película por película. Jean meteu ombros à tarefa, abrindo as embalagens dentro da *charging-bag*, espécie de câmara-escura portátil em lona espessa, a cujo interior se chega por meio de duas mangas; depois de aberta a embalagem, posta assim ao abrigo da luz, Jean tacteava a película: se se colasse aos dedos, é que apanhara humidade. Nada havia então a fazer: era deitada fora. O incidente custou-nos mais de mil metros de filme. Dia aziago este, sendo pelo contrário de festa para os índios. Disputavam todas as caixas rejeitadas, desenrolando as bobinas a correr e a pular ao longo da margem, no meio de entusiástico clamor. Alguns dos filmes mediam cento e vinte metros de comprimento: nunca tinham visto nada tão comprido. O brinquedo desconhecido não tardou a transformar-se em pretexto de inúmeras gracinhas e facécias. Um enrolava a película à volta do corpo, transformando-se em múmia egípcia, outro puxava com o dedo o centro do rolo, obtendo ponteagudo chapéu; dois guaharibos atiraram-se à água, as extremidades do rolo em cada mão, estabelecendo uma ponte celulósica de margem para margem, mesmo com risco de se afogarem nos redemoinhos. Por fim, desenrolando centenas de metros ao acaso, fizeram espécie de colchão, transformando em leito quatro metros quadrados de rocha, e rebolando-se um a um na película, chegando alguns a adormecer no meio dela.

Não tinham acabado, contudo, as dificuldades, pois daí para diante os rápidos eram cada vez mais frequentes. Estávamos no mais alto maciço da Parima, no próprio coração do desconhecido. Era necessário vigiar de perto os Guaharibos, o andamento tornava-se cada vez mais lento.

No dia 14 de Abril, saímos do *caño* Uayeta por pequeno afluente da margem esquerda, o Tuna Uaritcheta. Mal passara escassa hora quando as pirogas roçaram o fundo.

Descemos para a água, para flutuarem de novo, aliviadas, assim seguindo a empurrá-las até ao anoitecer, rumo ao local de paragem. A mais alta montanha vista até esse momento bordejava a ribeira, subindo tão alto e longe que o cume se apresentava como que pincelado de cinzento e azul.

— É ali no cimo que vive Cehoyuma — disse Luís.

Sem receio da noite próxima, Kometanté, o homem da cabeça de moicano, pegou na catana e na maca e desapareceu na floresta. Ia avisar o chefe da nossa chegada, pedindo-lhe carregadores de reforço. Sabíamos, por experiências já vividas, que em casos como este teríamos de acampar e aguardar pacientemente.

Kometanté não demorou muito. Dois dias mais tarde, ao escurecer, estava de regresso.

— Cehoyuma espera-vos — disse. — Dez homens vêm a caminho, para ajudar ao transporte das bagagens. Chegarão amanhã. Não se preocupem. Partam logo ao alvorecer, a carga irá depois. O chefe pede também o favor de mandarem embora todos os guaharibos da comitiva. Não quer receber esses porcos em sua casa!

As ordens dos grandes chefes não se discutem. No dia seguinte, às sete da manhã, estávamos a caminho, após copioso pequeno-almoço de cauda de caimão assada. Mal fizéramos cem metros, começou a subida da encosta, que se prolongaria pelo dia inteiro. Pouco tempo depois, cruzávamo-nos com os homens de reforço enviados por Cehoyuma, que desciam o carreiro a bom trotar. Tinham o mesmo corpo musculoso e a mesma cabeça de soldados romanos dos homens de Kalomera.

— *Uitshakono, uitshakono!*

— Amigos, amigos! — gritavam ao passarem, sem diminuir o andamento.

Suspendemos a marcha, às cinco horas, mortos de fadiga. Recomeçámos no dia seguinte, ao clarear, a escalada cada vez mais abrupta. Os homens de Cehoyuma, montanhese



Adorno de plumas
maquiritare.

incríveis, encontraram forma de nos alcançar a meio do dia, cada um transportando sua caixa de trinta ou quarenta quilos às costas!

Depois de alcançarmos o topo da montanha, cuja altitude calculámos próxima dos dois mil metros, sobretudo pela mudança do tipo de vegetação, descemos algumas centenas de metros para o interior, até surgir bruscamente uma ribeira.

De onde vinha, para onde ia, tudo nos era desconhecido, mas o importante é que tínhamos ali, a aguardar-nos, grande piroga. Navegámos cerca de trinta minutos, desembocando finalmente na base do pão de açúcar descrito por Luís, no meio do qual se elevava, entre nuvens, o penacho de fumo da cubata tribal. Tínhamos chegado!

Trinta pessoas, no máximo, vivem na aldeia de Cehoyuma. A fome no alto Ventuari, uma vez por ano, esvazia os *conucos* das mais preciosas raízes.

Aqui, ninguém se dá ao cuidado de pronunciar a palavra fome, pois a floresta, a esta altitude, está permanentemente sem nada comestível. Todos os dias do ano são maus no cimo da Parima. Daí que ninguém se espante, nem aparente sofrer. É o hábito da miséria. Cehoyuma e os seus homens trabalham mais que nenhum outro índio; conquistam à floresta oito ou dez *conucos*, isto é, a área, imensa para os seus meios, de oito ou dez hectares de terreno. Não para alimento de várias aldeias, como faz Kalomera, mas apenas para a simples sobrevivência enganando a fome, pois o solo é tão ruim que não rende a oitava ou décima parte do colhido nos terrenos do Cordoval ou na região de Kalomera. Ficámos quinze dias com Cehoyuma, nunca o vendo comer, nem à sua gente, outra coisa senão vermes cozidos, acompanhados de restos de mandioca seca como tábuas velhas de meses.

Mas estou a adiantar-me ao decurso da narrativa: estamos ainda a 19 de Abril, dois dias depois da chegada à casa de

Cehoyuma. Chuvisca; por tal ficámos estendidos nas macas, à volta de magro lume, mais fumegante que aquecedor. Vestimos as camisas grossas, abotoadas nos punhos e colarinho, enrolamo-nos nos cobertores de lã e mesmo assim trememos de frio. Reina sobre a aldeia o mais absoluto silêncio. Contudo, não estamos sós. Perto, outras macas revelam o conteúdo de formas humanas, e crianças nuas mostram os rostos ranhosos e as barrigas dilatadas por parasitas e ervas, na soleira da porta da grande cubata.

Mais longe, agachados frente a frente no terreiro, dois homens discutem, sem contudo ouvirmos as vozes. Só se distinguem os lábios a mexer, os braços descrevendo algum gesto de vez em quando. Um deles é tão velho que tem escassos pêlos brancos no queixo; o olhar esconde-se sob o chapéu de feltro, pontiagudo e desbotado; o torso está coberto por extraordinário conjunto de restos de tecidos, mais ou menos alinhavados em forma de camisa. Sobre as pernas nuas pende a franja do *guayuco*.

É Cehoyuma, nosso anfitrião, o maior cantor da nação maquiritare, aquele que sabe, com todas as minúcias, a história inteira da criação do Mundo e dos animais, bem como todas as metamorfoses dos filhos do Sol, todas as aventuras, marchas e guerras durante as quais os Maquiritares adquiriram a forma humana, conquistando o fogo e a mandioca, aprendendo a construir as cabanas grandes, a fazer cestaria, olaria, a fiar o algodão selvagem da floresta, a talhar zarabatanas, maçãs e machados de pedra.

O homem em frente de Cehoyuma é muito diferente. Maior, mais musculoso, na força da maturidade. A cabeça é a de um chefe, porém mais dura, fria e decidida quando comparada com a do velho Cehoyuma. É também mais peludo que a maior parte dos índios, possuindo uma rala barba castanha e ligeira sombra de bigode. O olhar é extraordinariamente vivo e misterioso, escondido atrás das pálpebras espes-

sas e pregueadas, luzindo lá do fundo com chama dentro de um poço.

É o capitão Frenario, senhor do alto Yavadehudi, o mais longínquo dos Maquiritares, único habitante da outra vertente da Parima, face ao Brasil, aquele de quem Kalomera e Cehoyuma falaram como sendo o índio que matara o branco por este saber demasiado dos seus caminhos. Tinha chegado só, na véspera, a passo estugado, tudo nu, trazendo por única bagagem a catana, maca, arco, três flechas e a clássica sacola maquiritare em bandoleira. Fora acocorar-se em frente de Cehoyuma, no mesmo local onde estão ambos hoje, a conversar. Disse-nos um homem:

— É o capitão Frenario, que acaba de chegar.

Agachámo-nos também ao lado deles. Frenario falava baixo e depressa, como se pretendesse impedir-nos de compreender o que dizia. Cigarros tradicionais foram oferecidos por um rapazito, logo seguido por segundo e terceiro. Frenario aceitava os cigarros, um após outro, sem voltar a cabeça nem parar de falar, mexendo unicamente a mão. Ao ficar com um cigarro na boca e outros entre os dedos da mão esquerda, novamente dois rapazes se aproximaram. Pensámos que iria recusar. Seria, contudo, grave falta de cortesia se o fizesse. Aceitou três outros cigarros na mão direita, continuando a falar, impassível, aspirando alternadamente os oito cigarros.

Só se dirigia ao velho. Poderíamos escutá-lo indefinidamente, que não nos prestaria a mínima atenção. Voltámos pois ao *rancho*. Mas, à noite, montou a maca junto das nossas, começando a falar excelente espanhol, melhor ainda que o de Catire. Explicámos-lhe a intenção de ir até à sua zona, e daí voltar aos civilizados do Brasil. Não disse que sim nem que não, grunhindo sempre, e repetiu maquinalmente a última frase da nossa exposição.

Levantei-me para ir dar certa injeção à velha mulher de Cehoyuma. Desde a chegada, sou sobretudo médico.

Cehoyuma, no segundo dia da viagem, enviara o colossal irmão ao desembarcadouro, expressamente para trazer a farmácia portátil. Percorreu o trajecto de ida e volta em vinte e quatro horas. Eu era esperado como o Messias, e mal cheguei fui levado à cabeceira da velha inválida, sem dúvida há vários meses retida no leito. Morria de cansaço e de velhice. Que fazer? Falei a Cehoyuma de Uanadji, o deus principal dos Maquiritares. Disse-lhe estar a sorte da mulher mais dependente de Uanadji do que de mim, pois chamava-a para o alto.

— Só tratarei dela se o desejares expressamente — disse-lhe —, pois não estou certo de a conseguir curar.

Não queria ver a velha morrer depois do tratamento, sendo considerado assim responsável pelo sucedido. Cehoyuma respondeu sorrindo:

— Mesmo assim podes tratá-la.

Mal regresssei, Frenario, como se retomasse uma conversa interrompida, bombardeia-me com perguntas acerca da pacotilha: quantos machados tínhamos, quantas catanas, que quantidade de metros de algodão? Disse-lhe que faríamos grande festa em sua casa, vindo Cehoyu connosco para cantar.

— Cehoyu não virá sem a velha ficar boa — respondeu Frenario.

Deste modo, o futuro da expedição está dependente, desde a noite de ontem, da vida dessa velha mulher, em risco de se finar a qualquer momento.

Cehoyuma e Frenario acabam por fim a conversa. O velho levanta-se, pega num machado e abala direito à floresta. É meio-dia. Os carregadores chegaram à aldeia com as últimas caixas. Caminham lentamente, o rosto marcado pela fadiga. Devia ser dura a escalada da montanha, com cinquenta quilos às costas. As caixas eram mais numerosas que os carregadores, tendo estes de realizar várias idas e vindas. Mas, finalmente, tudo chegou. Sandi e Sanoma, apesar da ordem de Cehoyuma, continuaram connosco,

pois não são guaharibos vulgares. Sanoma está feliz por ter acabado, mas esfrega os rins, olhando-nos:

— *Tamunioto!* — diz —, *tamunioto!*

(É pesado, é pesado!)

Diego anda entre os carregadores, gritando ordens, e manda empilhar os caixotes sobre dois grandes círculos de madeira ao lado das macas. Virado para nós, conta pelos dedos:

— *Toni, ake, adonaou aketshima...*

(Um, dois, três..., está tudo aí.)

Pede-nos para conferir, após a última contagem.

— Os homens estão muito cansados — acrescenta. — Devias pagar já àqueles que se vão embora.

A verdade seja dita, muito poucos homens nos seguirão além da casa de Cehoyuma.

Terminado o pagamento Pierre abre as caixas do material sonoro. É preciso verificar se qualquer avaria surgiu nos aparelhos de registo de som, cuja utilidade esperamos ser real num futuro muito próximo.

Durante uma hora, aparafusa e desaperta, liga fios, põe em funcionamento o grupo electrogéneo, cujo barulho faz sair da cubata os índios que ainda não nos tinham vindo rodear. Visto estarem agora todos aqui, mirando os aparelhos com o maior interesse, julgamos chegada a hora de lhes oferecer um concerto. Aos primeiros compassos do minuet de Rameau, o tecto de nuvens que nos cobre desde ontem desfaz-se, deixando aparecer pálido céu azul, como deve estar neste momento em Paris. O Sol ilumina e acaricia suavemente a floresta, os caules altos da mandioca ondulam ao vento. Os violinos de Rameau tocam clara e alegre ária, perfeitamente adequada à paisagem. Os índios apertam-se à volta dos aparelhos, vendo o disco girar. A atracção da música é tal que os prega ao solo. Sorriem. O velho Cehoyu sai da floresta, de machado ao ombro. Traz na mão um grande pedaço de madeira rija, já com a forma da maça a ser esculpida.

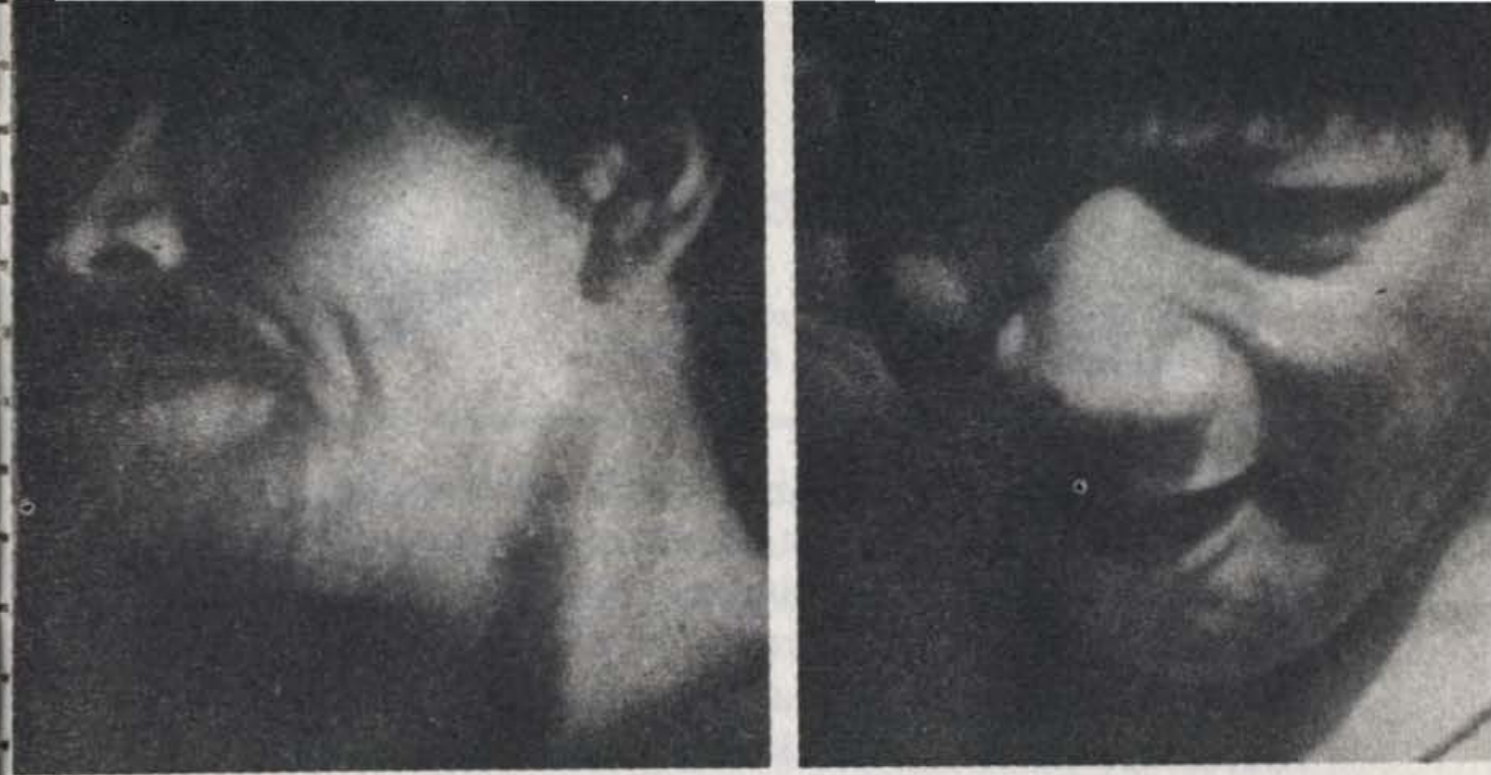
Pierre substitui Rameau pelo disco do canto maquiritare

*Em cima, à esquerda:
o capitão Frenario, senhor do alto Yavadehudi;
o mais longínquo de todos os Maquiritares.
Em cima, à direita: o Borguinhão.
Em baixo: os índios estão fascinados
pelos discos!*

captado no Ventuari. O velho chefe vem agachar-se junto da aparelhagem, os homens apertam-se maquinalmente ao seu redor. Mal soam as primeiras notas, estabelece-se total e grave silêncio. Divertia-os ouvir sair do gira-discos dos brancos música desconhecida. Mas agora, é o seu próprio canto e a sua voz que saem da caixa, primeiro sussurrante, para logo, aumentando o volume, se impor como se fosse a voz do próprio Uanadji. Surpresa e estupefacção cedem lugar pouco a pouco a uma espécie de terror religioso, entre o auditório. O velho chefe fixa os aparelhos sem pestanejar, imóvel como uma estátua, os homens aguardando ansiosamente qualquer sinal do seu rosto, a sentença proferida sobre o milagre, pois ele é o homem *que sabe tudo*. Longo minuto decorre. Pierre, rodando lentamente o botão do potenciômetro, diminui o volume sonoro, tal como há pouco o aumentara. Por fim, o olhar de Cehoyuma suaviza-se, os lábios entreabrem-se, cantando a meia voz as estâncias sagradas, acompanhando o cantor invisível fechado na máquina. Enorme grito de alegria surge então à nossa volta, todos os homens entrando em coro com o seu chefe, enquanto um deles corria à cubata, procurando o tambor para imprimir o ritmo.

As mulheres saem da cubata, onde estavam escondidas desde que chegáramos.

Aparece em primeiro lugar uma velha de olhos atrevidos. Senta-se no chão a quinze metros dos aparelhos. Junta-se-lhe uma rapariguita. O canto maquiritare termina, sendo substituído pela preciosa sinfonia de Mozart. Este disco exerce na realidade atracção mágica indescritível sobre todos os índios. Vence a última hesitação das mulheres jovens, que vão saindo uma a uma da cabana, sentando-se à volta da velha. Há na música de Mozart não sei bem que discreto encanto, no sentido mais veemente da palavra, qual filtro irresistível para o homem índio. Tanto sobre eles como sobre nós, este disco exerce o papel de emoliente, distende o corpo, faz respirar a alma. É, simultaneamente, ar vital e o mais





Grande travessa
de vime maquiritare.

doce dos reconfortos. Dissipa receios, melancolias, o cansaço da solidão, da viagem, da rude vida que praticamos. Por sobre esta sombria paisagem, eternamente guardiã do seu segredo, estabelece vibrante floresta de claros violinos, fazendo ondular os pêlos da pele como hastes de mandioca levemente azulada nas faldas da colina. Esta música não obriga os corpos a ficarem imóveis, não provoca a máscara de pavor nas faces. Abre as mais secretas fechaduras do ser, descontraí, apazigua, dá vontade de sorrir, de falar suavemente, faz surgir de todas as coisas mil vozes escondidas, mil cores, mil formas ignoradas. «Centurião», irmão mais novo de Cehoyuma e adjunto deste no governo da aldeia, traz na mão colossal um pequeno tamborete, instalando-se a alguns passos dos aparelhos. Inclina-se para a frente, os dedos movimentando-se firmemente, como os de um harpista, entre miríades de vergôntes de palha brancas e negras. Entrança uma travessa de vime com engenhosos motivos, nascendo formas humanas de braços erguidos, macacos correndo uns atrás dos outros sobre linhas direitas, arabescos, cruces, losangos, pontilhados, o ritmo clássico do *allegro* acompanhando a dança dos dedos e das figuras pretas e brancas. Dois índios estenderam-se a meu lado, na maca. Fumamos os três em silêncio. Mexem os pés e balançam a cabeça, olhando o triângulo luminoso, imóvel, sobre o disco em movimento.

Não sei se a música é, como se costuma dizer, a língua universal, mas nunca poderei esquecer o facto de ficarmos a dever à sinfonia de Mozart os raros momentos em que desapareceu quase completamente o fosso cavado entre nós pelos séculos de evolução, a diferença entre os civilizados do século XX e os homens, civilizados ou bárbaros, da idade da pedra.

A música acaba, a noite cai. Comemos parcas raízes cozidas e um pouco de tapir fumado, rijo como pedra, voltando depois para as tarimbas.

O frio chega. Sanoma acende o lume, instalando-se sobre a



Pagaia maquiritare.

141

fogueira, mais parecendo presunto no fumeiro. Os instrumentos civilizados não parecem impressioná-lo, mas nunca compreenderá o motivo por que não gostamos de dormir no meio do fumo.

A 20 de Abril, Frenario decide-se a agir. Distribui ordens aos homens que afinal descobrimos serem da sua aldeia. Diz-nos:

— Serão precisos no mínimo oito dias para levar toda a vossa bagagem até minha casa, que fica muito longe. Seremos obrigados a caminhar e a navegar. Terei de organizar um vaivém de pirogas, para entregar mandioca pelo caminho, sem isso não conseguiríamos comida para toda a distância: não será Cehoyu a fornecer-nos oito dias de provisões.

A nova equipa organiza-se. Como a maioria dos homens do Ventuari voltou para casa, agora não há gente suficiente para transportar todas as caixas. Serão necessárias várias viagens até meio caminho, onde homens de Frenario virão ajudar. Trata-se de ultimar delicado e minucioso plano de operações, e Frenario, qual general em campanha, encarrega-se eficazmente da tarefa, mantendo a calma a todo o momento, não aparentando sequer estar a trabalhar.

Ao alvorecer do dia 21, seis homens com seis caixas metem-se a caminho. A 22, novos homens, novos caixotes, e nós próprios. Continuamos sem saber se o velho Cehoyu nos acompanhará, ou se deixaremos a Parima sem termos visto o prestigioso cantor em actividade. O estado de saúde da velha mantinha-se inalterável. Tentamos, mesmo assim, convencê-lo: escuta-nos pacientemente, sem nada responder. Infelizmente, o plano estabelecido deverá ser cumprido: se não quiser vir conosco, partiremos na mesma, o tempo não permite maior espera. Hoje caiu a primeira chuva a sério, cuja violência monótona não nos pode enganar: a estação seca terminou, em breve choverá dia sim dia não, depois dois dias em cada três, seguidamente dias seguidos sem

parar, durante meses, sobre toda a serra Parima. As torrentes descendo a montanha em direcção à planície brasileira crescerão de dia para dia, os rápidos cobrirão os rochedos, formando autênticos muros de água intransponíveis, enquanto a força das correntes duplicará. Teremos de trabalhar rapidamente, avançar depressa, caso queiramos sair da Parima, pois não basta entrar lá...

A marcha rumo a leste começou, pois, a 22 de Abril, de madrugada. Durante vários dias seguimos a crista da montanha, na mesma paisagem inanimada e despovoada com que deparáramos a caminho da cubata de Cehoyuma, característica de todo o alto da serra Parima. Só havia árvores, folhas, lianas e terra, sem gritos de pássaros no ar, sem pegadas de animais gravadas no solo. Um vale começou a esboçar-se. Um declive que mal se percebe. Acampámos à beira da nascente de um regato que corre para leste, fio tão pequeno que mal conseguíamos meter as mãos em concha, para bebermos.

— É o Yavadehudi — explicou Frenario.

— *Tunake, tunake, ed'dhe adaié* — acrescentou Sanoma. (Ribeirinha, ribeirinha, lá em baixo ficarás grande!)

— Oxalá Deus lhe dê vida — desejámos acrescentar.

Neste local ultrapassámos a fronteira nunca atravessada por qualquer branco, separando, no cume da serra Parima, a Venezuela e o Brasil. O nosso destino, a partir de agora, iria confundir-se com o dessas gotas de água que, de ribeiro em ribeiro, atingiriam o maior rio do mundo. Estávamos no ponto central da rota da expedição, sobre esse traço de união uma vez desenhado na carta, entre o Orenoco e o Amazonas.

Os dias passaram, e o regato, com efeito, cresceu, tornando-se ribeiro. Dirigia-se para leste, cada vez mais ruidoso, mais rápido, regular e tenaz. As montanhas à esquerda e à direita afastavam-se, diminuindo de tamanho. Os mais altos cumes da Parima em breve ocupavam, nas nossas costas, metade do horizonte. Atingimos assim o local de reabastecimento

mais próximo, onde nos aguardavam homens e pirogas. A navegação começou. Quanto mais o Yavadehudi alargava, maior era o ímpeto da sua corrida para o vale, o que não sucedeu sem contratemplos.

...Um, dois, três rápidos, em breve passávamos dez por dia. Mal surgem, as canoas param de braço dado. Os patrões sobem a um rochedo e examinam a zona perigosa, embarcando novamente após breve troca de palavras. A manobra estava combinada. Seria preciso contornar tal rochedo, avançar ganhando velocidade até àquele remoinho, ultrapassá-lo por determinado bordo...

As almadias lançam-se, uma a uma. Os redemoinhos galgam-nas, semelhantes a enormes tufo de ervas brancas. Safam-se mais longe, quais esquiadoras ou patinadoras, até que, em impecável curva, sem qualquer ajuda da pagaia, somente graças à velocidade adquirida, se reagrupam nas águas calmas do rio, elevando a proa sobre qualquer rochedo, para o patrão verter com a parte chata da pagaia a água embarcada na descida.

A expressão, barbaramente científica, de «rio de curso intermitente» em breve adquiriu significado prático. Atingimos um primeiro, depois um segundo local onde o Yavadehudi desaparecia repentinamente, engolido pela terra, para ser regorgitado a poucos quilómetros de distância. Certo dia, finalmente, seguindo na piroga da vanguarda, vi três pássaros pousados na água, a alguns metros da embarcação. Eram alcatrazes, cuja carne, não sendo das mais finas, está longe contudo de ser intragável.

Havia já muitos dias que a mandioca era o nosso único alimento. Ao pretender apontar a espingarda, Diego tolheu-me o gesto:

— Não — disse —, não prestam, deixa-os em paz. Há muitos animais lá em baixo, amanhã mataremos pecaris e caimões.

Com o Yavadehudi transformado já em rio, entrámos no

vale, ao mesmo tempo que o ar aquecia e os pássaros cantavam novamente através das paredes da floresta.

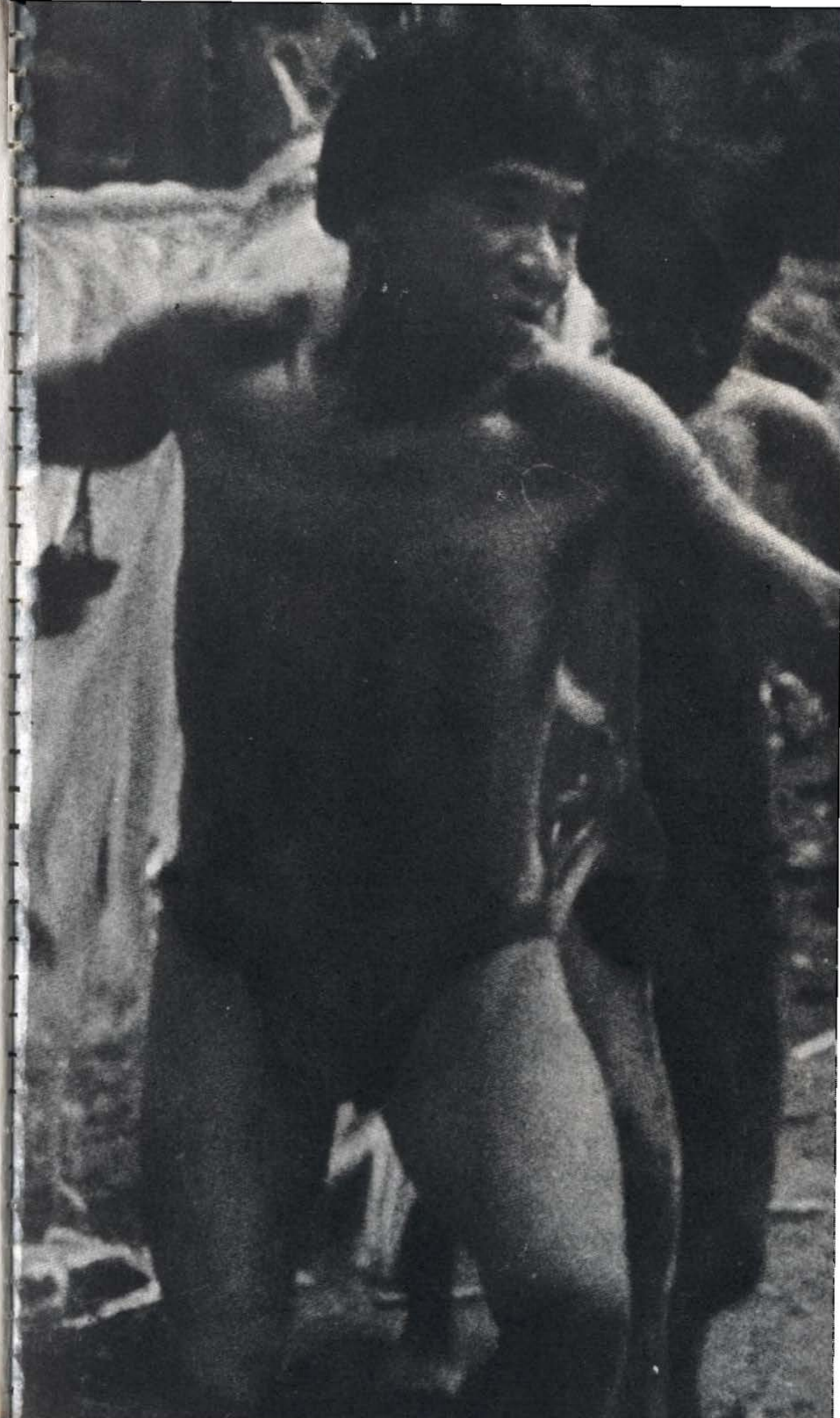
Comemos efectivamente pecari no dia seguinte, abatido por Sanoma com uma das espingardas, facto de que muito se orgulhou.

Certa manhã, finalmente, não sem ter sido preciso contornar a pé dois perigosos rápidos, os homens, antes de embarcarem, pegaram em pequenas cabaças onde guardavam a pasta vermelha do *onoto* e os espelhos de bolso oferecidos por nós; enfeitaram cuidadosamente rostos e corpos com pinturas frescas, o que nunca haviam feito desde a partida da aldeia de Cehoyuma. Passaram pelos lóbolos furados das orelhas barras de bambu ornadas de tufo de penugem: era sinal de chegada próxima.

Em breve, com efeito, os patrões das pirogas, de pé à popa, largavam as pagaias, lançando sonoro apelo de búzio, que reboou no vale, de colina em colina. O rio descreveu uma curva à direita e, no momento em que avistávamos clara elevação verde na próxima volta, desbravada e soberbamente cultivada de mandioca, o som de tambores e trompas veio ao nosso encontro; era a aldeia acusando a recepção do chamamento e saudando-nos por sua vez.

O aldeamento de Kalomera parecia um bivaque de exército romano, o de Cehoyuma, o grande cantor, só podia evocar o refúgio de longínquo monge tibetano, perdido no Outono e nos nevoeiros dos píncaros. O local onde chegávamos hoje possuía características muito diferentes. O cimo do outeiro domina o Yavadehudi dos seus cem metros de altura, o oceano de floresta daí contemplado até ao longe, no vale cada vez mais largo, apresenta, sob o azul do céu, tranquila e calma majestade.

Ao afirmarmos a Frenario ser o seu sítio o mais belo de todos quantos conhecíamos, os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas, as primeiras que vimos num índio. O facto de o termos comovido perturbava-o, pois sentia-se obrigado a



gostar de nós, o que não queria; a sua experiência com os brancos desaconselhava-o de tal.

Contou-nos, durante a viagem realizada em conjunto, os primeiros contactos com a nossa civilização, e por que motivo a abandonara, refugiando-se na mais espessa, fechada e impenetrável zona da floresta natal. Muito jovem, Frenario fora roubado aos seus por seringueiros, colhedores de borracha, algures no alto Orenoco. Viajou largos anos na companhia destes, chegando assim à Colômbia. Já maduro e experimentado, dominando fluentemente o espanhol e nunca esquecendo ser filho de chefe e futuro chefe, caso voltasse para junto do seu povo, dirigiu-se sozinho a Villavicencio, capital das planícies, o mesmo local onde iniciáramos a expedição. Aí depressa se apercebeu ser, entre os brancos, vulgar zé-ninguém, obrigado a mendigar o pão, vestindo miseráveis roupas, pequenas para o seu tamanho. Arrasou-se-lhe a alma. Sobreviveu vários meses em Villavicencio, apanhando pequenos molhos de lenha na floresta para os vender de porta em porta. Retornou depois ao Orenoco. Subiu o rio, entrou na selva, localizou o caminho para uma aldeia maquiritare, onde habitou pouco tempo. Iria mais longe, até ao Yavadehudi, onde nenhum índio se lembrava de ter visto algum branco. Reuniu homens, edificou a primeira cubata, e no dia em que viu um branco — onde, nessas montanhas, jamais o saberemos — matou-o sem hesitação, procurando preservar a paz conseguida com tantas dificuldades. Muitos anos se passaram, durante os quais todo um povo se formou à sua volta. Um dia, secreto emissário veio preveni-lo que quatro brancos esfarrapados estavam em casa do vizinho mais próximo, Cehoyuma, o grande feiticeiro, e que conheciam muitos maquiritares, falavam a sua língua e queriam ir ter com ele. Agarrando no arco e nas setas, veio ao nosso encontro. Observou-nos, falou-nos, conduziu-nos aqui e, mal chegáramos, elogiáramos a beleza da sua aldeia, a mais bonita da floresta. Quase chorou, mas queria odiar-nos — deveria ter-nos morto e

acabara por nos guiar. Haverá sempre nos sentimentos do ser humano algo de inexplicável, qualquer coisa inacessível à razão. Frenario ama-nos e detesta-nos, teme o perigo obscuro representado pelo próprio odor do branco, que personificamos. É já tarde para nos matar, para nos mandar embora, tolera-nos simplesmente, desejando com todas as forças o momento da nossa partida, sem termos contaminado uma única parcela da obra erigida longe do mundo civilizado.

O céu, imenso e azul, está recheado de nuvens brancas. O friso de figuras representando animais selvagens à volta das paredes da cubata nova grita ao Sol a alegria do homem desafiando os elementos, conquistando às origens uma primeira vitória.

Estamos no dia 1 de Maio, e é bem o sol de Maio que nos ilumina, ligeiro, quente, suave e vivificante.

Os homens de Frenario encontram-se reunidos no jango-oficina; estendem cordas entre os pilares, utilizando-as para tecer saíotes de palmas verdes e amarelas. Outros manufacturam coroas e tiaras de verga, enfeitando-as com plumas vermelhas e douradas de tucano. Outros ainda colocam aos ombros colares de dentes de pecari, de onde pendem, ao longo das costas, caudas de algodão vermelho. Alguns suspendem de varas de vime pássaros mortos, resplandecentes de cor.

No interior da grande cubata, iluminada como as catedrais por único raio de luz mergulhando da alta clarabóia, em dez fogueiras acesas ao longo das paredes, dez mulheres cozem mandioca, por elas plantada nas cinzas da queimada, amadurecida na terra, colhida, lavada, ralada, seca ao ar. A mandioca, cozida em bolos, tornar-se-á em *pão*, mas os mesmos bolos, desfeitos e fermentados em vasilhas de água, darão também o *vinho*, com o qual será celebrada a festa da cabana nova. O chefe benzerá então a habitação do seu povo, entoando ladainhas ao deus Sol, face voltada a

oriente, onde ele se levanta para olhar a porta principal da casa, e depois virado a ocidente, por onde a divindade se retira, face à segunda porta. Os homens dançarão e beberão vinho de mandioca, cantando por sua vez, ornados com palmas, as roupas da floresta, com pássaros, os enviados de Deus ao mundo, e com dentes de javali, seu antepassado, que lhes conferiu a força.

Não foi Frenario quem nos contou isto tudo. Aliás, pensa que não somos capazes de compreender totalmente esses assuntos. Encolhe os ombros, dizendo-me:

— Sabes bem que sempre vivi no meio dos *castellanos*, não conheço estas habilidades índias, são os *muchachos* os autores e não eu!

...Na manhã seguinte, a festa da cubata nova começou. Os *muchachos* dançam em círculo, atrás uns dos outros, uma das mãos nas costas do parceiro da frente, vestindo os amplos saíotes de palmas e recobertos de todos os ornamentos. Conduzem-nos *uanas* de bambu, e o chefe de fila marca o compasso batendo no chão com um bastão decorado à base de cascos de gamo.

Os jovens cantam e riem, passando perto de nós mal completam a volta ao terreiro, por entre grandes salvas de palmas. Frenario, sentado a meu lado sobre um dos caixotes da expedição, esculpe minuciosamente o cabo de uma pagaia, parecendo completamente absorto naquele trabalho. Não consigo compreender a letra da cantiga, pois os índios cantam na língua sagrada, pouco mais ou menos o que o latim é para o francês.

— Que dizem eles, Frenario?

— Achas que sei? — responde. — Já te disse não conhecer estas habilidades índias!

Baixa obstinadamente os olhos para a sua obra de escultor.

Passados momentos, contudo, noto-lhe imperceptível movimento dos lábios, a cada aproximação dos cantores. Ao mesmo tempo, o cantor da frente olhava-o. Apuro o ouvido.

Frenario fala. Frenario murmura a próxima estrofe do cântico, e o cantor referido repete-a em voz alta, logo seguido pelo coro. Frenario é o *ponto*!

Confesso-lhe a descoberta.

— Frenario, esse homem aprende contigo, és tu o verdadeiro cantor!

— E depois — responde —, os velhos devem ensinar aos jovens aquilo que sabem, não achas? Não é assim no teu país?

— E que lhes estás a ensinar agora?

— Os afluentes da margem direita do Orenoco, desde Puerto Ayacucho à nascente.

A festa da cubata nova é, portanto, entre outras coisas, a oportunidade de os jovens maquiritares aprenderem geografia.

A turma aprende a lição dançando em círculo. Depois da geografia é a vez da aula de caça, seguida pela de guerra. Todos os conhecimentos dos Maquiritares vão assim sendo ensinados aos jovens, dia após dia, de manhã à noite, durante a festa. Parece que este povo, não possuindo escrita e por consequência nenhum livro além do da tradição, gravado na memória dos velhos, só aprende quando a cantar e a dançar.

Apenas a história é excluída destas lições quotidianas, pois tal ciência, para os Maquiritares, trata igualmente das origens do homem e do mundo. Frenario ensiná-la-á aos seus a coberto da escuridão, na última noite festiva, em cerimónia infinitamente mais séria que todas quantas até aqui se desenrolaram.

Enorme fogueira é ateadada no centro do terreiro. Frenario, de pé, imóvel, cruza os braços, junto do lume. O círculo de homens dança à sua volta. Nenhum instrumento acompanha este último bailado. Frenario canta em voz alta e nasalada, os homens repetem as estrofes. A bem dizer, não é Frenario quem fala, mas o deus Sol exprimindo-se por intermédio da boca do homem. Explica como dispersou

as trevas, como formou a Terra e aí estabeleceu o homem. Vamos deitando nas chamas punhados de magnésio, a máquina de filmar registrando o seu rosto, impassível perante as bruscas explosões luminosas e a escuridão subsequente. A voz, pouco a pouco, afunda-se, vai desaparecendo, parte-se em bocados de frases. Cala-se por fim, agachando-se a alguns passos de distância, rosto virado para oriente.

Os homens formam duas filas paralelas, uma à frente, outra atrás dele. Iniciam novo movimento, aproximando-se e afastando-se alternadamente do fogo. Despem os saíotes de folhas de palmeira, lançando-os às chamas. Um rapazito atea o lume. Crepitando, as palmas secas são devoradas. Todos os ruídos cessam. Só as filas humanas se vão aproximando lentamente da fogueira.

Então, o sapatear dos pés nus precipita-se, invade o meio das brasas. Escasso meio metro separa as duas filas de rostos face a face. Os calcanhares pisam os restos do fogo. A noite cobre a claridade e os ruídos moribundos. Todos os Maquiritares desaparecem. Ficamos sós sob o céu cada vez mais estrelado. A festa terminou.

Praticamente, a expedição acabava também. O essencial da missão estava cumprido: atingíramos o centro da serra Parima, partilhando a vida com os indígenas, Maquiritares e Guaharibos. Possuíamos na bagagem inúmeros e preciosos testemunhos de uns e outros, para mostrar ao mundo civilizado. Mas... iria ser mais difícil sair da serra Parima do que ter entrado nela.

Sabíamos ser possível atingir o Brasil descendo o curso do Yavadehudi. Frenario, contudo, recusava prestar-nos auxílio se escolhêssemos essa via, e a sua ajuda era indispensável. Após várias e penosas discussões, aceitou outro percurso, no qual seríamos acompanhados por três homens. Um destes, chamado Pancho, arranjou à última hora um jovem escravo guaharibo ficando assim oito pessoas — quatro brancos e quatro índios — unidas para o que desse e viesse, na etapa final da aventura.

O Sr. Não,
assim apelidado
por gostar de repetir
«não, não, não».



As mulheres da aldeia prepararam-nos seis grandes cestos de *casabe*, enquanto seleccionávamos a bagagem no fito de a reduzir ao mínimo indispensável. Muitas coisas, até então bem preciosas, entravam agora no rol de inúteis: trocámos assim com um índio o grupo electrogéneo pelo arco e várias flechas.

A quatro dias de marcha da aldeia de Frenario, cortando novamente, mais a norte, a linha de separação das águas, poderíamos alcançar o curso superior do rio Merevari, tributário do Orenoco. Pancho possuía duas pirogas nesse rio; para lá nos dirigimos portanto, escoltados a última vez pelo grande chefe.

Ao chegar a hora do adeus, não nos despedíamos somente de Frenario, mas de todo o mundo índio, livre e selvagem no seio do qual tanto tempo vivêramos. No final desta etapa em breve iniciada, esperava-nos aquela civilização a que Frenario fugira, conhecendo unicamente a sua turbulência e rapacidade; tem no entanto outra face, marcada de luz e força, e era esta que nos chamava. Estávamos tão apegados ao momento presente que duvidávamos, apesar de tudo, da existência real desse «outro mundo», como hoje chamamos ao mundo dos Índios.

A separação do grande chefe, que não conseguira dominar o sentimento de afecto por nós, pelo que éramos, odiando-nos ao mesmo tempo por aquilo que representávamos, foi sem dúvida a mais sentida e emocionante de toda a viagem. Poucas ou nenhuma palavras se trocaram; Frenario retomou silenciosamente o caminho de casa, com o coração em paz, enquanto nós embarcávamos nas pirogas. Pancho passava a ser o guia, rumo a uma das mais secretas passagens da montanha, através da qual nenhum índio se aventurava sabia-se lá há quanto tempo.

— Fiz esta viagem em criança, com os meus pais — disse —, antes de os Guaharibos matarem toda a gente. Encontrarei o caminho. Do Merevari passaremos ao ribeiro Uania.

Na nascente deste, começa um trilho; já deve ter desaparecido, mas reabri-lo-emos; em menos de um dia de marcha, alcançaremos o Cuato, rio que faz parte das *águas de Leste*, isto é, que pertence ao conjunto dos afluentes do Amazonas. De rio em rio, transportar-nos-emos então até ao Brasil. Temos pela frente uma lua de caminho, mais ou menos um mês — concluiu.

Sabíamos ser total, absoluto, o desconhecimento desta parte do trajecto. País proibido, secreto, abandonado pelos homens: era este o panorama de ribeiros e montanhas a enfrentar. Não encontraríamos cubatas para dormir, nenhuma plantação de bananeiras ou de mandioca onde nos abastecer: nada, excepto a mais selvagem Natureza virgem, até à planície brasileira.

Nenhum ser humano poderia vir em nosso socorro. Teríamos de contar exclusivamente com nós mesmos para subsistir, o mesmo é dizer, contar com as magras provisões e depender da sorte da caça e da pesca.

Estas últimas, relativamente fáceis nas terras baixas, iriam ser extremamente aleatórias no alto da montanha. Lá em cima encontraríamos sem dúvida as mesmas condições de vida do clã maquiritare de Cehoyuma, que se alimentava praticamente, como víramos, de lagartas cozidas.

O armamento disponível era constituído por duas espingardas caçadeiras de um só tiro, tão maltratadas pela floresta, pela chuva e pelos múltiplos acidentes de navegação que os cartuchos só entravam à martelada, sendo necessário fechar a culatra com um fio de arame para a arma não explodir no momento do disparo.

O estado das munições era igualmente deplorável. Possuíamos unicamente cinco invólucros de ferro, tão enferrujados e deformados que tinham de ser limados e oleados após o tiro; a pólvora, apesar de todos os cuidados, molhara-se, estando à mercê das raras abertas da estação das chuvas para secar ao sol em pequenas porções; do chumbo de caça só restava magro punhado, tão precioso que o mais fre-

quente era utilizarmos pedaços de chumbo cortados dos acumuladores da bateria, sacrificada por esta razão.

Apesar da escassez de meios, teríamos no entanto que passar pesada e volumosa carga através da montanha. Transportávamos dezassete caixas e cestos indígenas, cheios de filmes, cadernos de apontamentos e colecções etnográficas. O conjunto pesava oitocentos quilos, repartidos por três pirogas.

Antes de entrar no Uania, que sabíamos ser cortado por numerosos rápidos, despimo-nos os quatro e enrolámos o filme da «Orenoco-Amazonas» nas roupas.

Para gáudio dos homens, cingimos aos rins o tapa-sexo vermelho dos Maquiritares. Estávamos todos parecidos como nunca, nesta aventura, pois só as barbas e a tez ligeiramente mais clara nos impedia de ter um ar verdadeiramente índio...

Não havia pé que não estivesse nu, recoberto de chagas e equimoses, tendo Saenz e Gaisseau de fazer penosos esforços para empunhar as pagaias, na manhã da partida, de tal forma tinham as mãos feridas e purulentas, atacadas por essas pragas destruidoras da penumbra da floresta, os bolores, que só radical mudança de clima viria a extirpar.

Foi em tal estado que, na manhã de 28 de Maio, desmontámos as macas sob pequeno abrigo de ramagens, embarcando os oito nas canoas, debaixo da eterna e monótona chuva da Parima.

Fichter ficou proibido de pegar em varas ou pagaias. Como sobrava película virgem, encarregou-se de filmar até ao fim os incidentes da viagem. Sentou-se, pois, máquina aprestada, no meio da maior piroga, enquanto os Maquiritares assumiam o comando das embarcações, indo Gaisseau, Saenz, o guaharibo e eu agachados, remando.

Nos primeiros dias, a subida do Uania foi tarefa fácil. O ribeiro corria preguiçosamente em encantadora paisagem de cipós caídos na água, parecendo imensas cabeleiras

descendo do frondoso arvoredado verde-escuro da floresta, dominando as margens dos seus cinquenta metros de altura. Bandos de araras azuis e chamejantes cruzavam os ares à medida que os sucessivos cotovelos do ribeiro eram contornados; enormes peixes brancos e amarelos saltavam na água, immobilizando-se fracções de segundo no ar, presos miraculosamente pela cauda, antes de mergulharem profundamente entre penachos de espuma.

Fendendo as águas, metro a metro, com as pagaias, cantávamos tudo o que nos vinha à cabeça, misturando árias sagradas dos índios com velhas canções francesas, os três homens tentando acompanhar-nos, rindo-se a bandeiras despregadas da falta de jeito, mal as melodias fugiam do seu repertório. Instantes depois, tacteando algum tema indígena, era a nossa vez de rir dos desacertos.

Iniciávamos a marcha muito cedo, pelo clarear, antes do nascer do Sol, parando apenas uma ou duas horas antes do ocaso. Dois dos guias embrenhavam-se então na floresta, armados de catana e levando uma das espingardas, em busca de caça que pudesse aplacar a fome sempre presente. Esperando-os, aguardávamos a noite para percorrermos, em conjunto, a margem do rio, tocha de resina na mão, procurando localizar qualquer pequeno caimão adormecido à beira da água, ou uma *lapa*, esse corpulento rato sul-americano cuja carne nos parecia succulenta: apanhado pela luz da tocha, o animal queda-se tão fascinado que fácil é chegar ao pé e espetar-lhe a lança entre as costelas. As duas horas seguintes eram de ansiosa espera, estendidos nas macas, em redor da panela fervendo sobre a fogueira em estrela, aguardando sinal de Pancho, excelente cozinheiro, para iniciar o festim. Dias e dias se sucederam, à medida que calcorreávamos quilómetros de rio. Uma tarde, finalmente, manobrando à vara porque a corrente aumentara de maneira extraordinária, alta parede rochosa surgiu no horizonte, azulada e branca, pejada de farrapos de nuvens: era a última



crista, a linha que nos separava do outro mundo, só faltando transpô-la.

A navegação tornou-se mais difícil. O rio encaixa-se em gigantesca falha da rocha, em que o vermelho-escuro do pórfiro alterna com a tonalidade azul-clara da rocha cintilante. A superfície da água, ontem espelhada, agitava-se, soltando lampejos. Rebetavam carneiros de espuma rumorante: os rápidos começavam... Foi necessário saltar para a água, segurar as embarcações contra a corrente, mergulhados até aos sovacos. Mas até esta solução teve de ser abandonada a certa altura, tão impetuosa se tornou a corrente. Não tínhamos um ribeiro pela frente, mas antes enormes e sucessivas trombas de água descendo estrondosamente os gigantescos degraus de ciclópica escadaria de penedos.

— Temos de continuar seguindo por terra — disse Pancho. — A um dia daqui o rio acalma-se, poderemos então navegar mais dois ou três dias até ao sítio donde parte o caminho da montanha.

Esse «dia»... levou-nos mais de uma semana a percorrer. Fomos obrigados a abrir caminho ao longo da margem e, uma após outra, empurrar, puxar, transportar às costas as três pirogas e depois as dezassete caixas. Comemos uma só vez durante todo este tempo: a altitude crescente afastava a caça, as cascatas despovoavam o rio. Chegámos ao «porto do alto» extenuados, mal nos sobrando forças para amarrar as macas, onde imediatamente nos deixámos cair. Dormimos quinze ou dezoito horas seguidas. Ao despertar, Pancho tinha desaparecido.

— Seguiu adiante — disse-nos o «Não», maquiritare assim alcunhado porque, sem compreender sequer o significado da palavra, gostava imenso de repetir «não, não, não», com voz cantante.

— Foi reconhecer o caminho — acrescentou. — Levou a espingarda para *matar a carne*.

Pancho voltou à noite, de mãos vazias, estafado. Caiu na

maca, adormecendo sem nada dizer. A mandioca estava no fim. Há vários dias que a racionávamos, tocando magra porção a cada um, pela manhã e à noitinha, o equivalente a uma fatia de pão; o estômago que se contentasse com isso. No dia seguinte, Pancho acordou, revelando não ter visto caça alguma nem haver encontrado o caminho.

Estávamos sentados nas tarimbas, balançando os pés. Gaisseau, obcecado pelo sonho do verdadeiro cigarro, recheado de autêntico tabaco, enrolava em cone pequeno bocado de casca clara, preparando-se para a fumar. Saenz coçava-se, o olhar vago. Fichter cantarolava. Ninguém se manifestava sobre a viagem. Reinstalámo-nos nas macas sem pronunciar palavra.

E aquele dia decorreu assim, longo, interminável. Ao sol-pôr, Pancho sacudiu-nos. Pediu um prego e a preciosa lima usada para preparar as munições. Pegando em duas pedras, agachou-se, trabalhando até de noite, entortando o prego, levando-o ao rubro, arrefecendo-o, limando-o em todas as faces. Arrancou uma das tramas de corda da maca e foi para o rio.

Alta noite, fomos acordados por incontido sussurro. Olhámos para o meio do abrigo: os quatro índios estavam agachados, a panela fervia ao lume. Perto deles, a faca estava tinta de sangue e, sobre uma folha de bananeira, meio peixe, grande como um salmão.

Dirigimo-nos à panela, as feições tão espantadas que os homens desataram a rir. Soubémos então formarem-se, por vezes, nas bordas do rio, bolsas de água estagnada, onde caíam estes peixes, «por serem muito estúpidos», explicou Pancho. Com o prego fabricara o anzol necessário para aquela pesca, engodando-o com uma flor. A refeição, e a vida que nos dava, acordou-nos completamente. Decidimos tentar qualquer coisa, antes de nos deixarmos morrer à fome. Pancho, no dia seguinte, voltaria em busca da pista, ficando nós encarregados de procurar caça em todas as direcções.



*A sopa de lagartas
não foi o prato
mais apreciado
dos exploradores.*

O resultado foi novo dia sombrio. Caça, nem vê-la. Pancho regressou já de noite, ao acampamento, de orelha murcha. Tinha encontrado o caminho mas, explicou, passava por encosta tão escarpada que lhe parecia impossível içar o material:

— Não podemos continuar assim — acrescentou —, as canoas são muito pesadas. Como não somos suficientemente numerosos para as levar até à outra falda da montanha, transportaremos só a mais leve. Partirei então com os três índios, enquanto vocês nos esperam com a carga. Do outro lado da montanha devem habitar guaharibos, trá-los-emos para ajudar a passar a carga e as outras pirogas. Não demoraremos muito.

Recusámos categoricamente. Não queríamos ver-nos sozinhos, sem qualquer socorro. Gerou-se discussão. Pancho obstinava-se cada vez mais, apavorado com o futuro imediato. O estado do tempo e a fome ameaçavam demasiado. Os outros índios escutavam, sem dizer palavra, mas sabíamos que seguiriam certamente a decisão final do chefe, fosse ela qual fosse. A nossa vida estava em jogo. Era preciso a todo o custo convencer estes homens a seguirem-nos, ajudando-nos, para onde queríamos ir. O atractivo da pacotilha que lhes ofereceríamos no território dos brancos não escorava suficientemente os argumentos que invocávamos para sustentar a nossa tese, muito diferente da deles.

Caso não os convencêssemos, seria preciso forçá-los. Pensámos no revólver, exemplar único da expedição, trazido por concessão às histórias contadas pelos brancos sobre os índios, e que apodrecia no fundo de um caixote há um ano. Seria preciso chegar a tal ponto? Representaria talvez assegurar de momento o êxito material, mas era também o afundar de uma das resoluções capitais de toda a nossa aventura. Não tivemos coragem para recorrer a tão extremo argumento. A atmosfera continuou tensa. Finalmente, Pancho propôs: — Deixemos aqui todas as caixas. Com duas pirogas, catanãs e macas, conseguiremos safar-nos.

Respondemos «não» pela segunda vez.

Pancho olhou-nos tristemente. Não compreendia terem as caixas valor igual ao das nossas vidas. Como poderia, de resto, compreendê-lo? Só continham, além do filme, os objectos mais usuais, mais simples da sua vida, os menos raros do seu universo. Continham bocados de madeira, peças de osso, coroas de plumas... Seria possível nós, os brancos, os homens ricos por definição, estarmos ligados com tamanha obstinação a tão pouca coisa? O mais pobre dos índios, pensava ele, não arriscaria a vida por parada tão baixa.

Ficou combinado, por fim, sermos nós a transportar para o alto da montanha a piroga mais pesada:

— O resto do trabalho — acrescentei —, será dividido por todos.

Reconhecemos o terreno na manhã seguinte. Tinha somente dois quilómetros de comprimento, mas o pendor era tão forte que, mesmo sem carga, nos foi preciso agarrar com unhas e dentes, passo a passo, a todas as raízes e arbustos, para a galgar. Içar até ao topo dessa muralha as centenas de quilos das pirogas parecia mais que uma aposta: conseguimos-lo, contudo, em oito dias.

Ao verem o ardor que aplicámos ao trabalho, os índios, conquanto discordantes da ideia, meteram ombros à tarefa, nada restando do plano inicial. O trabalho foi dividido igualmente, confundidos no mesmo esforço, gemendo, puxando e empurrando horas, dias seguidos, no caminho enlameado, escorregadio, subindo a quarenta e cinco graus a última montanha, do cimo da qual só teríamos de escorregar para a civilização.

As mãos estavam tão dilaceradas que as dores acordavam-nos de noite: empapadas numa mistura de água e sangue, latejavam como corações.

Mas o corpo humano é bem mais resistente e forte do que se pensa. Se nunca qualquer situação excepcional vos forçou

a tudo experimentar, para salvar a vida, se nenhuma resolução férrea vos dominou o cérebro, tornando-o surdo a qualquer reflexão perigosa, nunca poderão aperceber-se dos prodigiosos recursos do homem. Os músculos descobrem forma de acelerar o trabalho, tudo se cura, tudo cicatriza por si próprio. À noite, duvidávamos poder recomeçar a tarefa, e contudo, de manhã, os dedos fechavam-se desajeitada, dolorosa mas fortemente em redor da grossa liana usada para içar as canoas até à crista da montanha. Nesses dias assim passados, entre o Uania e o Cuato, afluente amazónico que desce o outro flanco da montanha, comemos uma vez, graças a Jean Fichter: acordou uma manhã mais cedo que os outros, quando passava sobre o acampamento saltitante bando de macacos. Teve o reflexo de apontar a arma e a sorte de abater dois animais.

Por fim, atingimos o Cuato. Tratava-se de pequeno ribeiro lamacento e amarelado, correndo preguiçosamente num mar de vegetação esponjosa, composta por fetos, palmas e arbustos. A tarde em que aí flutuaram as nossas três pirógas representou uma das nossas mais importantes vitórias. Chovia torrencialmente. Construimos o habitual abrigo de palmas na margem, montando as macas. Apesar do esgotamento, passámos metade da noite a cantar. Pancho falava sem parar.

— Amanhã — dizia —, haverá caimões e peixes no rio. Poderemos *alumbrar* (ou seja, acender a fogueira) e comer durante horas seguidas.

Rapidamente talhámos arremedos de pagaias em árvores abatidas na margem, e, de manhã, metemo-nos a caminho. A minha piroga navegava à cabeça, logo seguida pela de Saenz e, fechando a coluna, singrava a mais pesada, em que embarcavam Gaisseau e Fichter. O dia passou-se a descer a montanha, crescendo a velocidade cada vez mais, na mais fantástica paisagem que já me fora dado contemplar. Em plena época das chuvas, o Cuato transborda de tal forma

o leito que a simples torrente de montanha se transforma em imensa inundação. Deixam de se ver as margens. Por toda a parte a água insinua-se, perde-se entre a vegetação e, à medida que a altitude diminui, a flora passa insensivelmente de arbórea, lenhosa e dura, a fofa e macia. No baixo Cuato não subsiste uma única árvore. Só há arbustos inchados de água, frágeis, enovelados, monstruoso e débil montão desordenado nunca subindo a mais de vinte ou trinta metros do solo.

Os obstáculos surgidos à medida que a corrente principal serpenteia entre plantas podem ser facilmente afastados com o ombro. Mas são agressivos, também, pois encontram-se eriçados de invisíveis defesas, espinhos duros e negros, de trinta centímetros de comprimento, afilados e pontiagudos como punhais, ao mesmo tempo que miríades de formigas de todos os feitios, vespas, aranhas e cem mil outras espécies de insectos ameaçam cair na cabeça e no pescoço, arranhando, picando e mordendo mal se dão conta do inesperado pitéu de carne humana providencialmente surgido. Dá-nos a impressão de que, ao transtornarmos, qual bala de canhão, aquela imobilidade sonolenta consagrada por séculos de esquecimento, todo esse mundo microscópico aproveita a carregar sobre nós, organizando bacanal de carne e sangue humanos.

Mas que importa, desde que se passe?

Pelas cinco horas da tarde, o homem da minha piroga levantou-se, num ápice, do pau que lhe servia de assento e grita:

— *Ed'dhe Adimi! Aaké tuna coneda!*

Que significa: «Ali está o rio, as águas más acabaram!». Levantei-me também. Estava com febre. Mal tentava fixar o olhar em qualquer coisa, tudo rodopiava. Fiz terrível esforço para distinguir o horizonte, subitamente recuado. A torrente da nossa ribeira acalmara. Chegávamos ao rio. O homem tinha razão. Saíamos da mata. Grande massa de água cintilante perdia-se para leste. A oeste, pelo contrário, ficavam as montanhas, fechando um horizonte azul som-

breado: a serra Parima estava nas nossas costas. A Parima fora passada. Transposta. Vencida!

Luís Saenz, chegando na piroga logo a seguir, gritou de alegria, a que responderam, distintamente, três ecos.

O grande rio prateado a sair da floresta, coberto apenas de céu, a terra pouco nítida nas margens distantes, constituía verdadeiro milagre quase inacreditável: era voltar a ter oxigénio e pulmões, era reencontrar a terra debaixo dos pés. Era a liberdade. Foi a saída da masmorra que é essa bela e terrífica floresta.

Este rio devia ser o Uraricoera, afluente superior do rio Branco, marcado a traço grosso em qualquer mapa do Brasil. Não muito longe dali, recortavam-se, por entre terra amarela, as passagens onde singram os barcos a vapor.

A canoa de Fichter e Gaisseau só nos alcançou na manhã seguinte. Acampámos à espera dela na margem esquerda do Uraricoera, perto da boca do Cuato. Possuíamos duas macas para quatro pessoas, as outras tinham ficado na terceira almadia. Deitámo-nos aos pares, pés com cabeça, sob o abrigo fornecido por quatro folhas de falsa-bananeira, e a chuva recomeçou. Os indígenas acenderam a tradicional fogueira. O «Não» levantou-se a meio da noite. A excitação era geral, ninguém conseguia dormir. Retirou da caixa a pequena e preciosa provisão de chumbo graúdo, saiu à chuva e voltou com grande folha, depositando-a perto do lume. Colocou alguns grãos de chumbo na ranhura da folha, começando a empurrá-los, um a um, com a ponta do dedo, cantando:

Uno, dois, ... siete, ... no!
Uno, dois, ... cinco, ... no!
Uno, dos, tres!

(Um, dois, sete, ... não!
Um, dois, cinco, ... não!
Um, dois, três!)

Queria desenvencilhar-se entre os civilizados. Queria falar como os Brancos. Resolvera aprender espanhol, sem sequer saber que no Brasil se fala o português... Iniciava-se pela numeração. Um, dois, três, quatro, cinco, para começar. Desde há três semanas, todas as noites, soletrava ao pé de nós, desajeitadamente. Os pequenos músculos intervenientes na fala tinham imensa dificuldade em formar sons tão díspares dos do maquiritare, sua língua natal. Nessa noite, tivera nova ideia para estudar. Inventou o ábaco.

A piroga de Gaisseau e Fichter atingiu o acampamento pouco depois de nascer o dia. Vimo-la surgir contra o Sol, qual navio fantasma, embebida na enorme nuvem granulosa pousada sobre toda a superfície do Uraricoera. Até que por fim soprou uma aragem, a nuvem dissipou-se, e recomeçámos o andamento. Um tronco de árvore caíra atravessado no Cuato, impedindo a passagem, pelo que tinham sido obrigados a acampar, esperando a manhã para, cortando a árvore à catanada, seguirem caminho.

O Sol em ascensão acabava de afastar o espesso nevoeiro que cobria o rio, quando partimos. À crua luz matinal, o rio revelou-se cintilante, polido como imenso charco prateado. Era preciso remar forte, pois após tanta fúria a água ficara completamente calma, como que cansada, desde que deixara a montanha e se espreguiçara na planície. O rio era sinuoso, mole, lento. Demorávamos eternidades para dobrar qualquer cotovelo. De ambos os bordos, a floresta parecia muito baixa, tal era a largura das águas.

O vento começou a soprar. Gaivotas surgiram no horizonte, passando a rasar as nossas cabeças. Seguiram-se cortejos de araras, voando alto, de margem a margem. Chegou-nos o barulho típico da floresta, a cavalo no vento.

Os índios estavam felizes. Tinham-se alimentado, na véspera, de lagartas apanhadas numa árvore, logo cozidas na panela. Em vão tentámos imitá-los. Estas lagartas vivem em palmeiras e coqueiros, o que lhes confere insuportável

gosto a sabão, provocando náuseas logo à primeira garfada.

Repetiam sem cessar:

— Acabou a montanha! Agora vamos comer. Há peixe no rio. Há animais na floresta. Caçaremos e pescaremos. Vamos comer muita carne!

Estávamos subalimentados de tal forma que os corpos nos pareciam leves como folhas. Mal diferenciávamos a realidade da miscelânea de alucinações visuais e auditivas provocadas pelo ar demasiado rico em oxigénio. A cada golpe de vento, agarrávamo-nos instintivamente às bordas da piroga. Continuamente, o horizonte baixava a jusante do rio e, pela popa, os cumes sombrios da montanha iam acinzentando e desaparecendo. As primeiras fundações civilizadas não deviam estar longe, mas nem queríamos acreditá-lo: a floresta estava ainda muito próxima, tínhamos medo que voltasse.

Interrogámos os homens.

— Os civilizados não estão muito longe — dizia Pancho —, demoraremos quando muito três dias a lá chegar.

Nessa noite montámos confortável acampamento. A esperança acalmava a fome.

No dia seguinte, o rio alargou ainda mais. A meio da tarde os indígenas endireitaram-se nas pirogas, pedindo silêncio. Apuraram o ouvido. Manobraram discretamente rumo à margem, pedindo as espingardas em voz baixa. Compreendemos o sucedido ao chegarmos perto das árvores. Por detrás de enorme cortina de vegetação escondendo a terra, ouviam-se grunhidos. Golpes surdos e precipitados faziam estremecer o solo, chegando-nos um concerto de gritos e roncoss: pecaris!

Os índios desapareceram como sombras por entre as ervas e lianas da margem. Aguardámos, coração aos pulos. A fome renascida percorria-nos os corpos como correntes eléctricas. Subiu do arvoredo uma série de urros, enquanto as ramagens abanavam às arrecuas. Seguiram-se ruídos sur-



*A piranha é um peixe muito voraz,
que habita os rios da América do Sul.*

dos, barulho de galope e finalmente o eco esmorecido de um tiro: começara a caçada aos pecaris. O silêncio voltou; passaram-se horas: sem dúvida deviam estar a correr, curvados, atrás da manada de carne em fuga.

A notícia da nossa chegada devia ter causado sensação entre o mundo dos mosquitos; as arremetidas destes aumentavam de minuto a minuto, em redor das pirogas. Já não estávamos habituados aos mosquitos, pois não existem na alta floresta de onde vínhamos. As picadas foram insuportáveis. Esmagávamos centenas sobre as pernas e braços a cada palmada, deixando enorme marca de sangue na pele. Não aguentava mais. Nos tornozelos, sobretudo, as mordidas eram intoleráveis. Passei as pernas sobre a borda da canoa, mergulhando-as na água até aos joelhos. Estava há meia hora nesta agradável postura quando repentinamente me atirei para trás, soltando enorme grito. No extremo de um dos pés, sangrava um dedo que pendia, seccionado a meio, como se cortado por tesoura de podar. Enchi de sangue a proa da embarcação: a superfície da água agitou-se e fervilhou à nossa volta, como no Verão, na Europa, quando as trutas caçam moscas.

Vultos vermelhos surgiam de todo o lado: o pé atraíra um cardume de piranhas, famosos peixes carnívoros do Amazonas, tendo sido então atacado. Encolhi-me penosamente na piroga, apertando o tornozelo com as mãos. O sangue continuava a jorrar do pé como de uma fonte.

Jean Fichter, abrindo uma caixa, tirou o mosquiteiro, golpeou-o ao comprido, com a faca, e fez uma ligadura. Não possuíamos já há muito tempo nem gaze nem algodão. Pierre agarrou-me o pé, Jean recolocou o pedaço de dedo no lugar, como se fechasse a tampinha dum estojo, e ligou tudo com o trapo do mosquiteiro.

As piranhas! No início da expedição, toda a gente nos prevenira:

«Tomem cuidado, se alguma vez naufragarem serão comidos pelas piranhas. São tão vorazes que um homem caído

à água é transformado em poucos minutos num esqueleto perfeitamente limpo.»

Conhecêramos enorme variedade de rios, experimentáramos numerosos naufrágios. Não eram as piranhas a comer-nos, éramos nós a devorá-las ao jantar. Estavam dotadas de bonitos dentes em serra, aguçados em bisel, mas nunca nos tinham atacado. Depois de fazer explodir um cartucho de dinamite, adorava mergulhar no rio, com os índios, agarrando-as pelas guelras e atirando-as para dentro da embarcação. Verificámos a sua voracidade com certa experiência, muitas vezes repetida: depois de as trazermos para terra, moribundas, com a bexiga natatória rebentada, aproximávamos duas delas cabeça com cabeça e, mal se tocavam, o último reflexo antes de morrerem era morderem-se, a cabeça da mais pequena a ser cortada pelas mandíbulas da mais forte, como o presunto na máquina de cortar do merceiro.

Contudo, nenhuma das inumeráveis variedades de piranhas encontradas atacava o homem. Só caindo à água já ferido: o odor do sangue e da carne exposta provocava-as.

Após dois anos de América Equatorial, aprendi nesse dia, à minha custa, haver uma espécie de piranhas que ataca o homem, mesmo sem estar ferido: a piranha vermelha, do tamanho e forma de uma dourada, desconhecida antes de atingirmos as águas da bacia amazónica.

Os caçadores voltaram por fim. Vinham radiantes. Traziam dois pecaris, atirados para dentro das canoas pelo escravo, após o que retomámos a marcha.

Decorridas várias horas de navegação, quando o Sol atingiu o horizonte, as almadias pararam. Enquanto os índios limpavam o quadrado de terra onde iríamos acampar, voltaram os mosquitos, atacando-me novamente. Não podia mexer-me. Devoraram-me à vontade, até um vulto se debruçar sobre mim, agarrando-me pelo tronco. Fui depositado em terra e deitado na maca.

A noite caía, o cheiro da carne rodeou-me. A panela grande

fervia, cheia até à borda de pecari. Mas não tomaria parte no festim em preparação: restavam algumas ampolas de sonífero na farmácia. Fichter debruçou-se, seringa na mão. Como também já não havia tochas de resina, injectaram-me à claridade da acha da fogueira que Gaisseau agitava por cima da maca. Mergulhei no sono como se caísse num alçapão.

Ao clarear, devorei enorme gamela de carne cozida requentada, antes de ser transportado para a piroga. Esqueci a pouco e pouco o ferimento, em breve retornado ao ofício de remador.

Os dois pecaris mortos na véspera eram enormes, pois, apesar do apetite devorador do esfomeado grupo, ainda sobraram quilos de carne, fumada durante a noite pelos indígenas. Colocaram-na a meu lado, e a viagem recomeçou. A partir desse momento a minha canoa passou a ser designada por «piroga-restaurante», sendo frequentemente abordada pelas outras, cada ocupante tirando o seu naco de perna, entrecosto ou costeleta, afastando-se de seguida, agitando numa das mãos a pãgaia, segurando na outra o bocado de carne vermelha, em que aplicava enormes dentadas. Dentro de vinte e quatro horas, nada restava, já, dos cento e vinte quilos de carne que deveriam somar as carcaças dos dois animais.

Os homens não se calavam:

— Daqui a dois dias tudo estará acabado, chegaremos aos brancos, muita mandioca, muito carne, muito tabaco!

As três pirogas levavam bom andamento. Esquecíamos pouco a pouco o pesadelo dos últimos dias de jejum.

O calor apertava cada vez mais, aparecendo novas espécies de árvores, características das terras baixas.

A jusante, na margem esquerda, apareceu de súbito outra montanha, longa e baixa, azulada e fendida a meio por grande linha vertical, de um prateado cintilante: gigantesca queda-d'água, com pelo menos oitocentos metros de altura.

— *Marutani hed'de!* — murmuraram os índios.

Marutani hed'de! A serra Marutani. Tremendo de emoção, consultámos a carta geográfica restante, pequena, representando o Norte do Brasil, e que até ali nunca fora precisa. Pela primeira vez, localizámos um nome nesse mapa: a serra Marutani, uma das montanhas da Guiana brasileira, no seguimento da Parima. Dela falam Koch-Grünberg e Hamilton Rice, os nossos dois predecessores. Montanha marcada na carta com a inscrição do nome acabado de pronunciar pelos índios, flanqueando a mancha branca¹, à beira do desconhecido. Retomávamos contacto com o nosso mundo. Conhecíamos agora a nossa posição, podíamos facilmente calcular a distância à primeira cidade a atingir.

— *Soto, soto, Guadema* — disse Pancho. — Há gente por aqui, vamos comprar-lhes bananas.

Na margem esquerda abre-se com efeito um trilho, subindo para a floresta.

— *Soto! Soto! Guadema!* — repetiram os índios.

Os maquiritares da Parima, quando os interrogámos sobre os vizinhos, haviam falado frequentemente num clã guaharibo com aquele nome.

— Os Guademas são menos macacos que os outros — diziam —, têm pirogas e plantações de mandioca, são quase humanos.

Parámos as canoas, e Pancho seguido por Saenz subiram o caminho, desaparecendo. Regressaram horas depois, escoltados por um bando de homens nus de pele amarela. Eram mesmo guaharibos, como testemunhavam o tabaco de mascar e o cabelo tonsurado; eram contudo mais altos e esguios que os congéneres da montanha. Sem dúvida os Guademas provêm de uma etnia distinta da dos outros.

Traziam-nos folhas de tabaco verde e um cacho de bananas para cozer, comendo-as nós logo ali, cruas. Pancho falara-

¹ A «mancha branca» é a zona designada na carta das páginas 6-7 pelo nome de «Territórios inexplorados». (N. do T.)



-nos muitas vezes de grande queda-d'água, mais para baixo do rio, à beira da ilha de Maracá. Estes homens deviam conhecer a sua localização, pelo que lhes pedimos para nos acompanharem. O chefe do clã e um jovem rapaz aceitaram juntar-se-nos. Tiraram duas pagaias de um esconderijo seu, ali perto, embarcando na minha piroga e na de Gaisseau.

Mal recomeçou a viagem, armou-se acalorada discussão entre os meus tripulantes. Estava à popa, ouvindo unicamente partes da conversa, acompanhada de gestos e contorções, cada um se exprimindo na própria língua: dois em maquiritare, um em guaharibo.

O guadema falava precipitadamente, apontando com a mão para jusante do rio, na direcção da margem direita, completamente escondida por alta floresta. Acabei por perceber as palavras «Waika» e «Waitsha», que sabia serem os nomes de dois outros grupos guaharibos, e finalmente ouvi pronunciar «Kaserapai» repetidas vezes.

Esforcei a memória para me lembrar onde já ouvira tal nome; acabei por rever Kalomera prevenindo-me:

— Se atravessarem a serra Parima, encontrarão índios mais perigosos que todos os Guaharibos: os Kaserapais. Matar-vos-ão.

Na altura negligenciara o pormenor; diziam-nos tanta coisa sobre a Parima proibida...

Interroguei os homens:

— *Akene Kaserapai? Soto?*

(O que são os Kaserapais? São gente?)

— *Soto! Soto jojeconedas! Kunumai.*

(E que gente! Muito, muito perigosos, os Kaserapais. Matam toda a gente!)

Simulavam setas a espetar-se na barriga, batendo na nuca com as palmas das mãos, imitando as maçãs de guerra. O guadema explicou-me que a margem direita do Urari-coera, pelo través, estava ocupada por quatro clãs de Waikas e de Waitshas, em guerra contra os Kaserapais. Todos os clãs guademas, excepto o seu, haviam sido chacinados por

esses selvagens. Na zona alta do rio, e mesmo na montanha, tinham despovoado a floresta, aniquilando todo e qualquer grupo índio, indiferentes à raça, incluindo os poucos grupos maquiritares que habitavam as regiões além da de Frenario: atacavam de noite com maçãs e setas envenenadas com curare. Finalmente, um dos míticos perigos da Parima tornava-se realidade.

À noite, sob o abrigo, a discussão generalizou-se. Os maquiritares pegaram nas espingardas, pedindo-nos para as preparar de modo a funcionarem o melhor possível. Secámos pólvora, cortámos mais bocados de chumbo, carregando por fim cuidadosamente os cinco invólucros metálicos, bem limados e oleados. Os índios seguiram toda a operação visivelmente interessados.

Desta vez não eram preparativos de caça, mas de guerra. De verdade? A sério? Ainda púnhamos as nossas dúvidas, enquanto cortávamos o chumbo e carregávamos as munições. Duvidávamos ainda quando, mais tarde, procurávamos inutilmente adormecer nas macas. A pacífica expedição não acabaria sem que falassem as armas, não contra os Guaharibos, mas viradas para estes misteriosos Kaserapais, desconhecidos dos Brancos?

Ao despertar, os índios discutiam ainda, agachados em redor da fogueira. Nem sequer se haviam deitado.

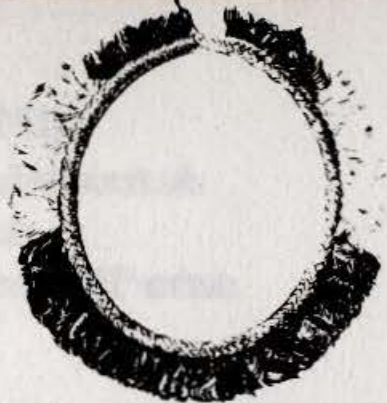
— *Kaserapai!* — repetiam. — *Kunumai, Kaserapai!*

(Kaserapai! Matar, Kaserapai!)

Embarcámos. O Sr. Não colocou a espingarda carregada a meus pés, desfazendo de seguida os molhos de arcos e flechas da colecção, colocando-os em evidência sobre a carga. As três pirogas eriçaram-se de pontas de osso e de bambu; parecíamos três porcos espinhos.

— Estamos na terra dos Kaserapais — diz o Sr. Não —, se os vires, aponta a arma e dispara.

Calou-se, cada um fixando a margem, enquanto a flotilha atingia o meio do rio. Os índios mostravam agora os rostos serenos; não estavam já nem inquietos nem nervosos, o



Coroa de plumas maquiritare.

que não deixava de nos intrigar: contra o perigo que ali se vivia, verdadeiro, que poderiam as duas espingardas, incapazes de disparar mais de um tiro em cada quinze minutos? Não passaria de simulacro defensivo, e os nossos companheiros sabiam-no bem.

Uma hora decorreu, começando nós a ficar persuadidos de tudo isto não passar afinal de histórias, quando todos se levantaram à uma nas pirogas, apontando para a margem:

— *Hem'ma kaserapai!*

(Um caminho kaserapai!)

Com efeito, um carreiro limpo, desempachado, desembocava no rio. Não era guaharibo, pois tinha demasiada largura e estava muito bem talhado. Também não podia ser maquiritare, visto estes terem abandonado o Uraricoera há mais de vinte anos. O caminho era amplo, francamente aberto.

A curiosidade duplicou; deveríamos ser, contudo, prudentes; continuámos a pagaiar em silêncio. A floresta, ao longe, fechava-se sobre a alameda avistada, quando gritos se elevaram por detrás do muro opaco de vegetação, reboando ao longo do rio. Pretendi manobrar a piroga rumo ao meio da corrente, fora do alcance das flechas: os homens viraram-se à uma na minha direcção, de rosto enfurecido:

— Não! — disseram —, por aí não, vira para o outro lado. Teriam perdido a cabeça? Procurei as outras canoas: guinavam direitas à margem dos Kaserapais... «Que manobra será esta?», pensei, aproando então, também, ao inimigo invisível.

O silêncio quebrou-se. O ar encheu-se de vociferações. Os índios largaram as pagaias e, em pé nas pirogas, brandiam punhados de flechas, gritando; vozes responderam-lhes pouco depois, calando-se logo. Nada se mexera. Os nossos gritavam ainda, cada vez com mais violência. Pouco a pouco, a cólera desaparecia-lhes das faces, dando lugar a qualquer coisa como o sorriso do triunfo. Do amontoado

de palavras que lhes saía da boca, reconhecíamos todo o repertório de injúrias dos respectivos dialectos:

— Malditos porcos Kaserapais — gritavam —, vocês matam toda a gente, hem! Apareçam, para que vos vejamos. Ah! Mataram os nossos primos, os nossos pais, os nossos avós! Saiam da floresta, para ver quem é morto hoje! Estamos com os grandes brancos e as suas escopetas, temos centenas de arcos e flechas!

Seguia-se laboriosa explicação em língua índia do que é uma escopeta e das razias que é capaz de infligir aos índios maus.

A «artimanha táctica» da dissuasão resultou. Os Kaserapais, aterrorizados, retiraram para o fundo da floresta não voltando a ser ouvidos até ao dia seguinte, altura em que os guademas anunciaram ter acabado o seu território. Ficámos divididos entre o alívio e o desgosto de termos talvez perdido a ocasião para novo e apaixonante estudo...

Os primeiros rápidos do Uraricoera surgiram nesse dia.

— Aproximamo-nos de Maracá — disseram os guademas —, há muitos rápidos, muito maus, mas poderemos passar pelo lado norte; chegamos depois a uma grande queda, duas vezes mais alta que a floresta; descemos por terra e, em baixo, o rio é bom e começa a terra dos Brancos. Aludiam ao braço de Santa Rosa, graças ao qual parte das águas do Uraricoera contorna a ilha de Maracá pelo norte. Era o caminho, em sentido inverso, seguido por Kock-Grünberg, quarenta anos antes de nós, no início da sua viagem... Sabíamos ser cortado por alta catarata, mas sabíamos também que o outro braço, contornando Maracá pelo Sul, nunca fora seguido por ninguém, devendo logicamente ter uma ou várias quedas.

Era preciso não nos enganarmos:

— Conheces bem o caminho? — pergunto ao chefe guadema.

— Sei onde fica — responde.

— Já alguma vez viste o país dos Brancos?

— Não — responde —, nunca.

A jusante da ilha, a floresta, de acordo com as cartas, cedia lugar à grande savana do rio Branco, por onde progride em direcção a norte e a oeste a colonização brasileira. Este facto, pelo menos, tornava-se fácil de reconhecer.

A navegação continuou. Apareceram pequenas ilhotas, dividindo o rio em centenas de estreitos braços, por onde se engolfava a água, com violência. Os rápidos multiplicavam-se, e a rota neste dédalo complicava-se hora a hora. Era difícil, e tornou-se perigosa. Cardumes de piranhas sulcavam as águas, rodeando-nos, tão numerosas que podíamos abatê-las a varapau, fora da borda. Vi-as, três ou quatro vezes, saltar da água perseguindo as pagaias dos índios à minha frente: quando a parte chata da pagaia saía da água, esses terríveis predadores mordiam a madeira rija, aí deixando entalhes com um centímetro de fundo. Tivemos de tomar cuidado com as mãos. Noutra piroga pendia um farrapo de lona de uma caixa, dez centímetros acima da água. Dois peixes saltaram, despedaçando-o.

Aguardávamos a qualquer momento o braço de água calma prometido pelo guadema, mas o labirinto de rápidos, pelo contrário, aumentava constantemente. O rosto dos indígenas ensombrou-se. Os Maquiritares haviam retomado os lugares de patrões das pirogas, enquanto nos juntávamos aos outros homens, perto da proa. A cada minuto necessitavam de fazer gala de toda a ciência de barqueiros consumados, para evitar o afundamento das canoas naquelas águas revoltas. Se os Guademas não tivessem vindo, fornecendo o apoio de mais quatro braços à caravana, creio que não teríamos podido continuar. Apesar da experiência adquirida nos inúmeros rápidos enfrentados desde o começo da expedição, começámos a ter medo. Medo de perder o filme, medo do afogamento. Pior ainda, o medo de sermos devorados vivos pelos peixes. Qualquer de nós sabia que, se a piroga da frente se virasse no meio das piranhas, nada poderíamos fazer pelos seus ocupantes.

A embarcação mais ligeira seguia adiante, conduzida por Saenz, Pancho e o seu escravo. A minha seguia-lhe na esteira. Ouvei gritar do outro lado do remoinho onde se haviam engolfado: era o segundo a contar da proa. De trás de mim veio a voz do patrão maquiritare:

— *Luís neemai, Luís neemai!*

(Luís morreu, Luís morreu!)

A piroga saltou em frente. Sobre um rochedo, vislumbrei Pancho, depois, um pouco mais longe, ouvi gritos vindos da folhagem. Descobri Luís na margem de uma ilhota, de pé, vivo, inteiro. Tinham naufragado num dos raros locais sem piranhas, conseguindo sair da água antes de os peixes chegarem. Passei qual flecha em frente de Luís, sem poder parar a almadia. Ouvei-o gritar:

— Salvei a 7!

Significava que, das três caixas transportadas na sua canoa, duas se haviam perdido, mas salvara-se a mais importante, a n.º 7, contendo parte dos filmes.

— Bravo! — gritou Pierre, cruzando-me pelo través nesse momento.

Avistámos ao mesmo tempo uma das caixas perdidas, descendo a corrente à nossa proa, emergindo ligeiramente da espuma. Forçámos as pagaias, apesar dos gritos dos índios. Pouco antes de a alcançarmos, enfiou por pequeno braço lateral. Quisemos segui-la, mas os clamores dos indígenas redobraram e rumando à margem, agarraram-se com todas as forças aos ramos e lianas pendentes sobre a água. Pararam a canoa, as mãos sangrando: a menos de quatro metros à frente a água mergulhava trovejando em escuro funil, fundo de muitos metros. A caixa caíra nele, desaparecendo. Quanto à terceira, nem sinal.

Entretanto, Pancho salvara a embarcação, repondo-a a flutuar. Apanhou Luís na passagem ocupando a piroga a posição relativa anterior, à testa da coluna. A paisagem não se alterou até à tarde. Conseguimos, pelo preço de perigosa manobra, abordar uma ilhota, onde os índios

construíram o habitual abrigo, enquanto fazíamos o balanço do naufrágio.

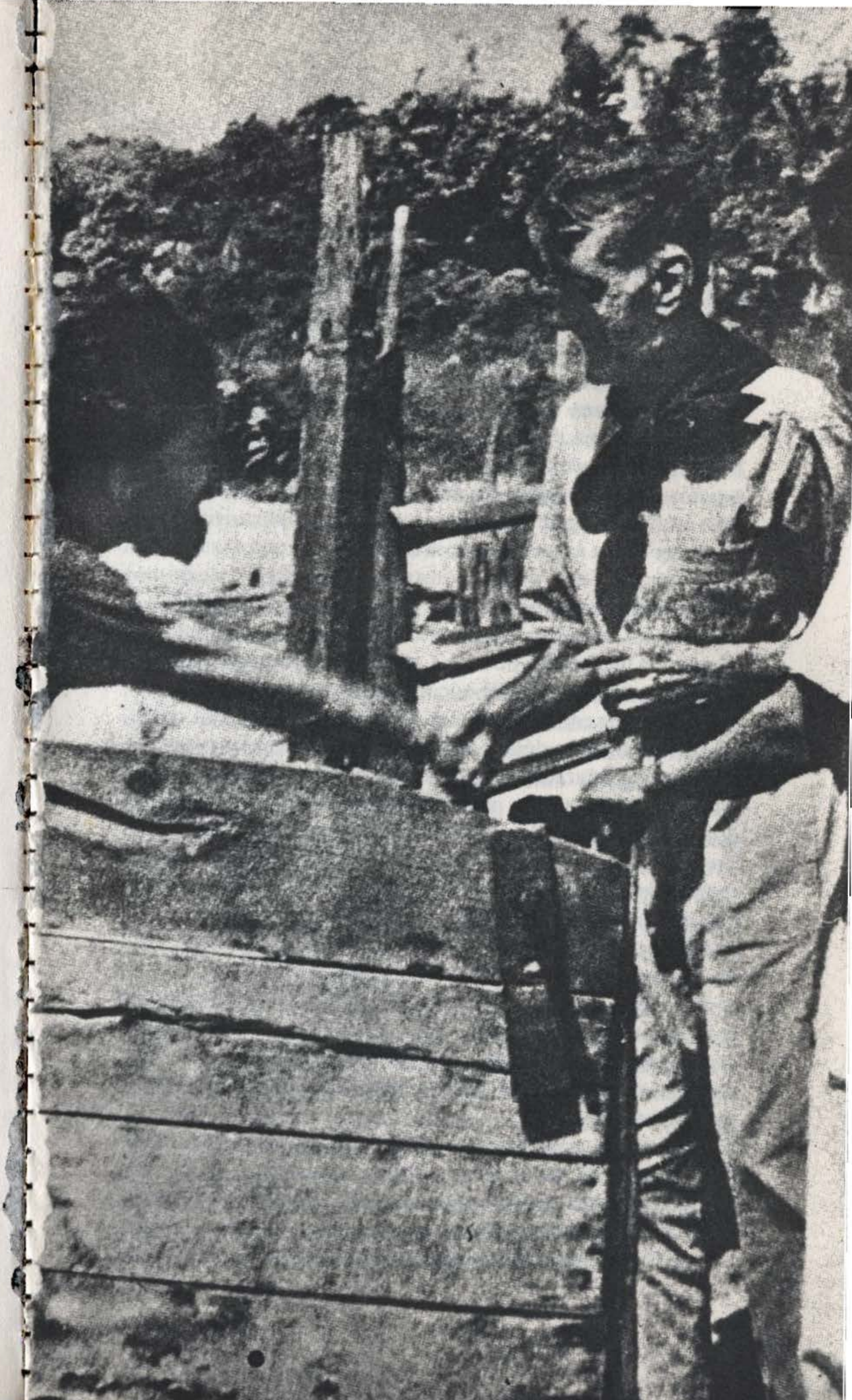
Uma das caixas perdidas continha colecções de objectos indígenas, além dos mosquiteiros, a outra, o gravador de discos, material eléctrico e sobretudo os discos gravados desde a última largada do Orenoco, uns cinquenta no total. Pancho escolheu este momento para nos anunciar que já não havia esperança de encontrar o braço de Santa Rosa, estando além disso a expedição enfiada em tal labirinto que ninguém conhecia a saída. Esta última novidade completou o nosso desespero. Dava a impressão de que a sorte nos escarnecia. Maldisse a carta, por nos ter prometido estar próxima a civilização. Maldisse o entusiasmo de dias passados, em que ousáramos afirmar: «A expedição terminou!» Era noite. Caímos pesadamente nas macas.

— Está tudo perdido! — queixou-se Pierre; e adormecemos todos.

A viagem fantasmagórica recomeçou ao clarear. Com pedaços de liana, cada um tinha amarrado ao corpo qualquer objecto precioso, prevendo novos naufrágios. Despejei no rio o conteúdo de um frasco, último vestígio da farmácia, para aí guardar um bem infinitamente mais precioso: Luís encheu-o de fósforos, amarrando-o ao pescoço. Por meu lado, coloquei em bandoleira pequena sacola índia, contendo todos os cadernos de apontamentos, duas mil páginas onde registara, dia após dia, a história da expedição.

Evitávamos falar uns com os outros. Os corações encerravam piores pressentimentos, calando-se para não se desencorajarem mutuamente.

As pirogas galgaram o meio da torrente. Já não era navegar, tratava-se de corrida de obstáculos: descíamos, como em *tobogan*, declives de dois, três metros, as canoas embarcando água até à borda em cada reviravolta, mas safando-se sempre. Antes de atingir o próximo salto, o indispensável era esgotar rapidamente a água.



A meio da tarde, a minha almadia desapareceu sob enorme golfão de água. Agarrei uma caixa em cada mão, segurando-as pelas lianas com que tivéramos o cuidado de as amarrar, e tive a sorte de encontrar pé a poucos metros dali. Os homens salvaram a embarcação e quase todo o resto da carga. Perdemos apenas as colecções de arcos e flechas e uma das espingardas. O ferimento do pé reabriu-se durante o naufrágio, reacendendo a dor e tingindo a água de sangue: um dos índios carregou-me às costas como um saco, levando-me para a margem. Não havia palmeiras, bananeiras nem qualquer outra árvore frondosa na ilha em que acampámos nessa noite. Sem poder construir o *rancho*, amarrámos as tarimbas aos troncos. Claro que a chuva, sem cair havia alguns dias, regressou nessa altura. Choveu a cântaros toda a noite. Ainda tínhamos uma cobertura. Pusemo-la sobre as cabeças, adormecendo de cócoras encostados a uma árvore-apertados uns contra os outros. Os dois dias seguintes passaram-se ainda nesse dédalo sinistro, a que já só chamávamos o «inferno de Maracá». As últimas bananas dos Guademas, racionadas como as migalhas de mandioca maquiritare quinze dias antes, desapareceram por sua vez nos rápidos. Todas as noites, riscava a data no pequeno calendário rabiscado num dos cadernos. Era o único meio de sabermos em que dia estávamos, desde há meses. Chegou assim a manhã que deveria ser a do dia 1 de Julho. Não sei por que razão me chocou esta data. Pensava nela ao embarcar na canoa, continuando a vê-la durante bom bocado, quando os índios começaram a gritar. «A morte! A morte!» e de repente vislumbrei brancas cataratas abrindo-se mesmo por baixo de mim, desabando-me simultaneamente catadupas de água sobre a cabeça.

Fui arrastado pela torrente. Quase sinistivamente, prendera a liana da caixa mais próxima, mais para me agarrar a qualquer coisa do que para a salvar. Consegui finalmente subir a um rochedo aflorando a superfície. A margem não estava longe, mas, além dos dois ou três metros de água,

separava-me dela também espessa vegetação, eriçada de longos espinhos. Quatro metros abaixo, o rio afundava-se em nova queda, cujo fundo nem sequer se via. Num relâmpago, vislumbrei os dois índios agarrados a uma rocha, à beira do abismo. Estendiam inutilmente a mão para a proa da piroga que, inclinada fora da água, qual negro monstro prestes a saltar, iria desaparecer no vácuo.

— *Kudiera neemai! Kudiera neemai!* (A piroga morreu! A piroga morreu!) — gritavam os homens, a corrente ameaçando arrastá-los a qualquer momento. Respondi:

— *Caja! Caja!*

(A caixa! A caixa!)

Da margem, chegou a voz de Pierre, gritando também desesperado:

— *Caja, caja!*

Enganara-se na embalagem. Salvara as macas, os documentos de identidade e não sei que mais, deixando perder-se todas as fotografias tiradas na Parima, metade do filme... Tudo soçobrara. Nada mais havia a fazer. Progredindo de liana em liana, ao longo da borda, Pancho aproximou-se com a pequena canoa, içando a caixa safe para bordo. Era tempo, não podia mais. Ia largá-la, ou ser arrastado também. Abracei desesperadamente o rochedo. O equilíbrio de Pancho era tão precário que recuou sem tentar meter-me a bordo. Gaisseau continuava a gritar perdidamente: «*Caja, caja!*», invisível atrás das espinheiras. A sacola dos apontamentos flutuava a meu lado, continuando presa ao pescoço. Tentei consolar-me com a ideia de que qualquer coisa se salvara e, caso estivesse escrito que nenhuma prova da aventura seria poupada, ao menos aquela subsistiria. A chuva começou a fustigar a floresta, martelando-me o corpo, o ar e a água circundante. A ligadura desfez-se novamente, tingindo mais uma vez a água de vermelho.

Sonhava. A voz de Gaisseau acordou-me. Já não gritava, falava-me suave, calmamente, em francês:

— Vem, vem até à margem, depressa — dizia.

Respondi embaraçado:

— É impossível, a corrente é muito forte, não poderei agarrar-me a esses ramos cheios de espinhos, e se mergulhar serei arrastado para a queda antes de chegar a terra.

Mas Gaisseau insistiu com a mesma suavidade:

— Vem, vem depressa para a margem.

Olhei à volta. Vi grande estardalhaço chicoteando a superfície da água. Subitamente compreendi: as piranhas chegavam, atraídas pelo sangue da ferida. Ele vira-as, mas não quisera assustar-me. Fora isso que o acalmara e o levava a falar numa voz tão controlada, após o violento desespero anterior...

Mal calculei o perigo, o instinto de sobrevivência fez-me esquecer os receios. Mergulhei, nadando a toda a força. Atingi um amontoado de raízes em águas obscuras. Subi, sentindo enorme declive escorregadio sob as mãos. Era o talude. Saí da água, agarrado por mão que me atirou para terra, onde caí extenuado. A água estralejava atrás de mim: chegaram tarde, as piranhas.

Quando me recompus, fui rodeado por Luís, Pierre e Jean. Soube que a piroga grande evitara por pouco o terrível braço onde nos voltáramos, descobrindo uma passagem mais calma, pela qual tinham conseguido abicar no outro lado da ilha. O resto do material estava salvo.

A ilhota desenhava-se em forma de pequeno quadrado de arbustos retorcidos, com cerca de cinquenta metros de lado. Exceptuando a calheta onde flutuavam as duas pirogas, rodeavam-na remoinhos, quedas e espuma trovejante.

Os dois guademas estavam de pé, à chuva, um atrás do outro, mudos e quedos. Tremiam como cavalos desvairados, grossos fios de água ao longo do corpo, sob a folhita de bananeira colocada em cima da cabeça. Gritámos:

— Guadema!

Voltaram-se lançando-nos triste olhar perdido, um olhar de animal encurralado pela morte e resignado ao que considera ser o seu destino. Os três maquiritares surgiram dos

arbustos, as fisionomias rudemente abaladas. Sob o céu escuro, como que recortado de facadas pelos riscos da chuva, entre a ramaria verde e azul da floresta e as bâtegas de água caindo ao redor, tinham o ar de espectros:

— A piroga morreu — disse Pancho —, não podemos ir a qualquer lado. Já dei a volta à ilha: só há rápidos; portanto vamos carregar tudo nas duas canoas e tentar passar, andando depressa!

O mesmo seria dizer:

— Venham daí morrer connosco.

Respondemos:

— Alto! Ponham a bagagem em terra. Construam um abrigo. Descansaremos até amanhã.

Concordou, com um «está bem», sem discutir, gritou algumas ordens aos guademas e meteram ombros ao trabalho. A borda das pirogas subia escassos dez centímetros acima da água. Se partíssemos daqui, essa altura reduzir-se-ia a metade. Mesmo em calma ribeira, a tentativa teria sido pouco segura. Que podíamos fazer? Pensámos em primeiro lugar em construir nova almadia. Mas, admitindo mesmo haver na ilhota árvore de porte suficiente, seriam precisos oito dias para a talhar. Morreríamos de fome muito antes. Chegámos por isso à solução aparentemente mais penosa, mas elegida como a única razoável: sacrificar metade da pouca carga que nos restava e embarcar nas duas canoas.

A escolha começou. Os poucos objectos guardados com tanta dificuldade tinham adquirido tal valor sentimental aos nossos olhos que era horrivelmente confrangedor ter de os separar numa série negra e noutra branca. Parecia que qualquer deles, por ter participado dos nossos sofrimentos, adquirira liberdade individual, um direito à vida, como se de ser humano se tratasse.

Estendemos a lona no chão, aí espalhando o conteúdo das seis caixas. Com receio de ver os índios guardar os objectos abandonados, atirámo-los um após outro à água. Foi um

sacrifício organizado, executado metodicamente durante horas.

Parecia-me estar na ilha do Minotauro. O monstro era o destino, pedindo-nos o nosso próprio sacrifício. Os dois ou três livros de etnografia que ainda tínhamos tomaram em primeiro lugar o caminho da água, seguidos por caixinhas, sacolas, coroas, cestaria, adornos sumptuosos, pontas de setas, cabaças de curare ornadas com esotéricos desenhos...

A sorte de cada objecto foi rigorosamente discutida de acordo com o respectivo volume e peso, bem como da sua importância para o regresso. Não tivemos coragem de tirar a última espingarda ao Sr. Não, a quem a prometêramos há muito tempo, mas os poucos gramas de pólvora e chumbo que restavam foram lançados ao rio. Cinco caixas de pes-sima madeira alcatroada provinham de Bogotá. A sexta era a mais bonita e sólida de todas. Trazia ainda etiquetas da S.N.C.F.¹ e de diversas companhias de navegação e aviação. Era a embalagem do equipamento de som de Pierre Gaisseau, construída em Paris conforme os seus planos, em madeira das ilhas, imputrescível. Continha oitenta quilos de material de alto preço, especialmente preparado para a expedição nos melhores laboratórios parisienses. Tudo ainda funcionava, apesar da floresta equatorial, das chuvas, dos naufrágios. Mas o peso condenava-a.

Gaisseau e Fichter levantaram-na, um de cada lado, pelas pegas cromadas. Mantiveram-na um instante imóvel, a um metro do solo, sobre o rio, faltando-lhes então a coragem, pelo que a depositaram no chão docemente, com mil precauções, não se fôssemos estragar qualquer válvula no interior. Levantaram-na novamente, recuando três metros, para o meio das plantas da floresta equatorial: três metros simbólicos. Aí deve estar ainda, com grandes letras pintadas na chapa de identificação: «Expedição Orenoco-Amazonas»,

¹ S.N.C.F. — Societé Nationale des Chemins de Fer, companhia estatizada de caminhos de ferro em França. (N. do T.)

e de cada lado as cores nacionais da França e da Colômbia. Se qualquer expedição atravessar algum dia o inferno de Maracá...

Finalmente, ficámos reduzidos a três caixas, atirando-nos então para as macas: os índios tinham construído um enorme *rancho*. Acenderam o lume, sobre o qual secámos tudo o que decidíramos associar até ao fim do nosso destino.

Generosa ideia teve uma tartaruga em se aventurar na ilhota, entretanto. Foi morta a golpes de cajado pelos índios, e cozida logo de pronto. Noite feita, trouxeram-nos insípida escudela de cozido, no qual flutuavam alguns restos de osso e carne. Uma tartaruga de trinta centímetros de comprimento dividida por dez homens não dá muita carne a cada um, mas a primeira golada de sopa conseguiu contudo aquecer-nos, se bem que a falta de sal e pimenta a tornassem horrorosamente desenxabida.

— Ainda não comeram tudo! — disse uma voz.

Cada um de nós estendeu a mão com a tijela. Era verdade. No cozido ainda estava o aparelho digestivo da tartaruga, a panela cheia.

Que importa! Era imundo, mas estava quente.

A noite fez-se mais negra, tornando-se silenciosa. Adormeci a pensar que os índios tinham razão: a morte espreitava-nos, pronta a atacar.

Quando acordámos, no dia seguinte, o ar estava fresco e o céu azul, sem nuvens. Levantei-me com inexplicável mas firme confiança no futuro. Debrucei-me na maca, olhando para os camaradas. Tinham, como eu, o rosto branco, terroso e deslavado, esse branco fantasmagórico provocado pela fome prolongada, pela humidade e penumbra da floresta, mas dançava-lhes no olhar pequena chama animadora: também para eles o sono tinha sido benfazejo.

Os indígenas carregaram as pirogas e embarcámos. Recomeçaram saltos e rápidos. Mas a confiança irracional continuava e, hora após hora, passávamos sem acidentes todos

os obstáculos. Formidável força nos guiava após o último sacrifício. Estávamos tão persuadidos disso que a ideia se tornou realidade.

Menos de quarenta e oito horas depois, o rio alargava-se, recomeçando a navegação no meio de amplas águas, sob um céu azul permanente. Apareceram ainda várias barreiras de rápidos e majestosas escadarias de quedas-d'água, de um ou dois metros de altura.

As canoas saltaram-nas brincando, deslizando sobre a água, ligeiras e firmes como patinadoras.

Pancho levantou-se na embarcação e gritou:

— *Shodi neemai! A'aké Maracá!*

(Acabaram os rápidos! Morreu a Maracá!)

Os indígenas só nos falavam agora de vacas e bois, dizendo:

— Se não morrermos, vamos ver BOIS e VACAS.

Era uma ideia fixa. Os bois e as vacas tornavam-se símbolo da civilização, do seu poder e mistério. Nunca haviam visto esses animais, mas sabiam possuírem os Brancos nas suas terras, grandes bichos, maiores que tapires, que faziam o que os brancos lhes mandavam, trabalhando para eles. A ideia de ver de perto tamanha maravilha era a mais extraordinária recompensa para as semanas de pesadelo que acabavam de sofrer conosco.

A vegetação, nas margens, começou a mudar. Apareceram espécies arbustivas, de folhas lisas e espinhosas, palmeiras, altas filas de cactos, dedos apontados ao céu, todas as variedades que não se encontram nunca na floresta. Isto queria dizer savana, significava Brasil, civilização!

Pancho estacou a piroga ao pé de enorme palmeira. Estendeu a catana ao escravo, dizendo-lhe qualquer coisa. O homem chegou à base da árvore, desatando a golpeá-la. Demorou meia hora a abatê-la, pois a fibra extremamente dura e cerrada da palmeira resistia muito melhor que a madeira vulgar aos golpes da catana. Finalmente a árvore caiu.

O escravo atacou então a extremidade. Trabalhou ainda uma hora, fendendo a casca na extensão aproximada de um metro. Voltou para bordo com reluzente fatia de madeira branca. Era o coração da palmeira; comêmo-lo todos, gulosamente, durante quinze minutos, partindo a seguir, os estômagos recompostos.

As curvas do rio alongavam-se de uma para outra, estiravam-se cada vez mais preguiçosamente na planície. A vegetação bordejante não passava de um corredor, furado aqui e ali por grandes fatias de céu, sob o qual se estendia a savana, de cor amarelenta, até ao horizonte mais largo, mais longínquo, que víamos desde há um longo ano.

Navegámos ainda vinte e quatro horas, em monotonia cada vez maior, mais completa. O desencorajamento conquistava-nos, parecia não avançarmos nada.

No dia seguinte, pouco antes de o Sol atingir o horizonte, no meio de pequena abertura na vegetação, avistámos grande poste plantado no solo. No topo havia uma tábua, sustida por dois pregos ferrugentos.

As pirogas rumaram à margem. Letras azuis, semiapagadas, estavam pintadas na tabuleta identificadora. Lemos em voz alta, em coro:

«FAZENDA FUTURO»

Português! Estávamos no Brasil. Por detrás do poste começava um caminho sulcado por pegadas que os índios olharam com estupefacção. Não as conheciam. Nós, sim. Dissemos-lhes:

— São as pegadas dos bois e das vacas.

Fez-se grande silêncio.

O caminho entrava pela savana, perdendo-se na distância. Estava riscado nos lados por outra coisa desconhecida dos índios: rodados de carro de bois. Era uma picada encovada, no meio de imenso mar de caules dourados ondulando ao vento, muito parecido com os caminhos da nossa infância.

Metemo-nos por ele, em fila indiana. As ervas da savana tremiam a meu lado, e eu comecei a tremer também. Seguia em último lugar, penosamente. A ligadura desfeita enrodi-lhava-se-me sob o pé. Em breve eu respirava ar demais, os ouvidos começaram-me a zumbir. Estava encandeado. Havia demasiado vento, demasiada luz. Luís estava perto, caminhando à minha frente, os outros eram já pontos negros rumo ao horizonte.

Marchámos uma hora em silêncio, sem nada ver excepto as pegadas das vacas e dos bois, que nos guiavam. Era o único fio de esperança que nos prometia ligação com o mundo dos brancos.

Mesmo assim ainda duvidava, dizendo de mim para mim: «Uma pegada de vaca nada significa. Estas marcas estão secas. São velhas.»

Pensava nos *llanos* da Colômbia, onde vivem manadas em completa liberdade, por vezes a vários dias de distância dum lugar habitado.

Luís voltou-se, gritando:

— Ouvi um cão!

Continuámos a avançar. Já não suportava mais. O sangue recomeçou a correr do pé, misturando-se com a poeira do caminho. Finalmente, algo dançou à minha frente, no meio do capim. Era longa fila de estacas retorcidas, barrando o espaço duma ponta à outra. Entre as estacas corriam três linhas de arame: uma cerca.

Vi seguidamente dois tectos de colmo, fumegando, mesmo em frente, no sopé de uma colina, como na palma da mão. Passei a barreira. Um porco chocou com as minhas pernas, e achei-me em frente da casa. Surgiu um homem, que nunca mais poderei esquecer, alto, magro, de *sombrero* na cabeça e vestindo um pijama azul, reluzente de asseio. Seguia-o uma rapariga, que me estendeu, sem nada dizer, uma salva de prata com uma chávena de café e pequena jarra de porcelana com flores, sobre minúsculo *napperon* axadrezado.

Apertei-lhes a mão. Subi à varanda, onde os meus companheiros se balançavam em cadeiras de recosto, acompanhados pelo dono da casa. Tudo terminara.

— Em que dia estamos? — perguntei ao anfitrião.

— A 2 de Julho.

Num ano, o meu calendário atrasara-se vinte e quatro horas. Acertei-o.

Sentei-me também numa cadeira de balanço. Criados surgiram, trazendo toalhas brancas, sabão, algodão, ligaduras de gaze e bacias com água morna. O patrão não fumava, mas um *péon* emprestou-nos a bolsa de tabaco e *papel por cigarillo*. Pancho inclinou-se suavemente para o homem, estendendo a mão:

— *Kawai' néke!*

(Dá-me tabaco!)

Servimos-lhe de intérpretes. A nossa aventura acabara. A dos índios começava agora.

1 de Outubro de 1973

12 13 14 15 16 17
18 19 20 21 22 23 24 25
26 27 28 29 30 31

MARS
1950

ORAM III - ①

AYACUCHO - SANARIEPO - SAN FERNANDO
LANTA BARIWA - VENTUARI : CUMELITAS -
MARISTAS - TANGUA - OSO - MONO - CHUPUR
TA PRIMO JAJÉ - KALO - VENTUARI - C. MAYETA -
C. ANTIBATA - CEJOYUMA

D L M M J V S
1 2 3 4 5 6 7 8
9 10 11 12 13 14 15
16 17 18 19 20 21 22
23 24 25 26 27 28 29
30

AVRIL

Tencua, Oso, Mono: três degraus do alto Ventuari pelos quais se passa de um mundo a outro mundo, que acabo, agora, de atravessar novamente, não a pé, na leve humidade obscura da floresta, mas em plena luz, o corpo inclinado no vazio da porta aberta do helicóptero, descobrindo de um só golpe de vista, pela primeira vez, essa formidável sucessão de cataratas cuja grandeza não imaginara quando, na dimensão de formiga, as contornava, obrigado a tantos dias de esforço, em marcha penosa pelo meio da vegetação rasteira.

Mais longe, numa clareira da savana, ao nível do curso superior do Erebató, perto do local onde encontrara Kalomera da primeira vez, pousámos à entrada de uma nova aldeia, na qual se reagruparam maquiritares yekuanas. Encontrei entre eles um antigo companheiro da expedição Orenoco-Amazonas. Kalomera e José Catire, disse-me ele, morreram atacados pela epidemia de sarampo que dizimou as tribos, há uns dez anos. O velho Cehoyuma morreu

também, atacado por um jaguar que lhe esmagou o crânio. Até Frenario, o grande chefe cujo nome se manteve lendário, já não existe. Os Yekuanas estão tristes, parecendo no entanto mais fortes, porventura mais ricos que antigamente. Ajudados por dois franceses, um missionário da Ordem dos Irmãozinhos de Foucauld e um agrónomo, tornaram-se, nesta aldeia, colonos plantadores de café. Todos os anos, uma flotilha de soberbas pirogas, dotadas de motores fora-de-borda, desce o rio até ao país dos Brancos, para comerciar o produto da colheita. E, como se revelaram extraordinariamente dotados para a mecânica, reparam, no decurso dessas viagens, os motores dos comerciantes venezuelanos. Viviam ali vários guaharibos, ou, como hoje lhes chamam, empregando aliás o seu verdadeiro nome, Yanomanis.

A paz parece reinar, de facto, entre eles e os Yekuanas. A quase totalidade deste grande povo continua fielmente entrincheirada na floresta, evitando contactos com os Brancos. Porventura sabem que alguns pequenos grupos de irmãos «aprisionados» pelos missionários baptistas americanos vão morrendo, nos dias que correm, em missões demasiado limpas, onde lhes está proibido até o uso do tabaco de mascar...

Junto de outros missionários baptistas encontrei também os meus amigos Piaroas. Gabaram-me a sua assiduidade aos ofícios religiosos, o «bom comportamento», a sobriedade. Um pouco «crianças-modelos». Parti então num passeio de piroga com aquele a quem o missionário chamava «chefe» e que tinha a reputação de ser grande cantor. A uma hora de caminho abicávamos ao porto da aldeia. De chofre, o odor forte, acordando recordações, entrou-me em golfadas pelas narinas; estremeci àquele cheiro agridoce da mandioca, inseparável do *caño* Fruta, da orquestra sagrada, do rito da puberdade. Estes índios continuavam pois a preparar o *yaraké*, a bebida tradicional. Já uma mulher se aproximava, a discreto sinal do «chefe», esten-

dendo-me a cabaça a transbordar do líquido cor de café com leite:

— Continuas a gostar da nossa bebida? — perguntou o homem, sorrindo.

Era como se ele tivesse mudado de rosto. Começámos a falar.

— A festa dos jovens — perguntei —, ainda a fazem?

Apontou o queixo em direcção à nascente do rio, gesto típico dos Índios para indicar um lugar:

— Lá em cima, os rapazes portaram-se muito bem com as formigas, no ano passado — disse-me, como se falasse da coisa mais natural do mundo —, são verdadeiros homens.

No coração da floresta os Venezuelanos abriram enorme clareira, onde aterram grandes aviões. Aí se encontra, também, uma base de helicópteros, graças aos quais pude fazer o actual reconhecimento. Todos os dias transportam nessa região, do tamanho de metade da França, equipas de geólogos encarregados de elaborar as cartas de solos, ao que se revela, de uma riqueza insuspeitada. Foi aí que pude sentir, mais nítido, o choque dos dois mundos, do qual se diz ser o Índio, inelutavelmente, o único vencido, isto, se conseguir escapar com vida. O pessimismo cheira a humor negro, hipócrita: na verdade, aquele que detém os instrumentos da morte é o primeiro a invocar a desculpa da fatalidade. E pretende sempre conhecer os outros. Será que se conhecem os Índios? Outro dia, dois geólogos, procurando amostras de terreno, inopinadamente deram de caras com uma nova tribo. A Terra é mensurável. Mas haverá sempre no homem algo de incomensurável. Se assim não fosse, que sucederia à Aventura?

Tamanduá: o focinho estreito deixa passar
a língua viscosa e filiforme,
com a qual captura as formigas.



193

Vocabulário

AGUTI — Pequeno roedor sul-americano, do tamanho de um porquinho-da-índia.

CAÑO — Curso de água, pequeno rio.

CASABE — Biscoito de mandioca, seco ao lume.

CEDRO — Uma das mais procuradas árvores da floresta americana. Atinge dimensões colossais.

CHICLE — Goma natural da floresta amazónica. O *chicle* é celebre em todo o Mundo, desde que os Norte-Americanos o espalharam, purificado e perfumado, sob a designação de *chewing-gum* (pastilha elástica). Os Índios utilizavam-no não para mascar, mas sim para calafetar as pirogas, como o vulgar betume.

CONUCO — Plantação índia, aberta na floresta pelo método da queimada.

GUAYUCO — Tapa-sexo índio, feito de tecido de algodão ou de casca batida, passado entre pernas e seguro à cintura. Por extensão, numerosos grupos índios chamam hoje *guayuco* ao tecido de algodão que comerceiam com os brancos para confeccionarem os tapa-sexos.

LLANO — Nome de origem espanhola dado às savanas equatoriais que da América latina se estendem por várias centenas de quilómetros quadrados entre a Venezuela e a Colômbia. Tal como as pampas da Argentina, os *llanos* são zonas de pecuária.

CATANA — Faca comprida, que é, simultaneamente, a arma e o utensílio mais precioso de qualquer viajante das florestas equatoriais.

MANDIOCA — Raiz comestível equatorial, de origem americana. Os Portugueses introduziram a mandioca em África no século XVII.

MARACÁ — A maracá, instrumento sagrado dos oficiantes e feiticeiros índios, é uma espécie de guizo dos bebês. Os antigos escravos negros da América introduziram este instrumento na sua música e dança, sendo visto hoje em dia em todos os conjuntos de música dita «típica».

ONOTO — Um dos muitos nomes indígenas da *Bixa orellana*: pequena planta de bagas encarnadas donde os Índios extraem o corante utilizado nas pinturas do corpo.

PAUJIL — Grande ave galinácea selvagem das florestas tropicais da América. O paujil, providencial para os viajantes, é do tamanho de um peru.

RANCHO — Abrigo de folhagem construído pelos índios em viagem, como se fosse uma tenda montada sobre paus.

UANAS — Termo maquiritare designando os instrumentos de música sagrada deste grupo. São grandes clarinetes talhados numa espécie de bambu.

XAMÃ — Esta palavra designa, na origem, os padres-mágicos-cura-deiros de certas tribos da Ásia Central. A etnografia comparada e a história das religiões permitiram observar, há cinquenta anos, que os métodos de êxtase denominados «xamânicos» da Sibéria se observam entre numerosos outros povos, tais como os Esquimós e numerosos grupos índios da América do Norte e do Sul; daí o emprego dos termos «xamã» e «xamanismo» para designar os feiticeiros e as religiões de todos esses povos.

Índice

A caminho do Orenoco. Os últimos brancos e os primeiros índios. A vida secreta dos Piaroas	9
Primeira penetração na serra Parima. Fome. Regresso	55
A travessia da serra Parima	123
1 de Outubro de 1973	189
Vocabulário	193

COLECCÃO GIGANTES DA AVENTURA

Próximo título:

7. OS GALEÕES DO OURO

Pensa-se, em geral, que as histórias de tesouros perdidos não passam de lendas. Mas algumas pessoas acreditam nelas, e têm excelentes razões para isso. É o caso de Robert Sténuit, o autor deste livro, que se documentou rigorosamente com dados históricos e científicos antes de se lançar na busca dos galeões espanhóis afundados por uma esquadra inglesa à entrada da ria de Vigo. Estes navios traziam da América (o que está bem documentado) a maior fortuna que alguma vez viajou sobre os mares. É o relato dos estudos preliminares, dos preparativos, das pesquisas submarinas, das aventuras em terra, do companheirismo entre os mergulhadores que constitui o conteúdo desta obra inesquecível.

VERBO & SABER

NOVA SÉRIE

Continuação de uma colecção prestigiosa, de feição enciclopédica, em que os temas são abordados com clareza, simplicidade e rigor científico, sob a orientação de especialistas das várias disciplinas.

Ilustrações a cores de excepcional qualidade

A publicar:

- RÉPTEIS PRÉ-HISTÓRICOS (Abril)
- A VIDA DAS ABELHAS (Abril)
- O EGÍPTO ANTIGO (Julho)
- OS GRANDES FELINOS (Agosto)

Em preparação:

As Plantas — As Aves — Os Símios — A China Antiga — Os Elefantes — Os Índios da Planície — Ursos e Pandas — Os Cães — As Terras Árticas — Os Oceanos — Os Esquimós — Os Cavalos — etc...

VERBO

GIGANTES DA AVENTURA

Volumes publicados:

1. NO CABO HORN
AOS VINTE ANOS
de Jean-Michel Barrault
2. A EPOPEIA DO
CAVALO DE FERRO
de Jean-Louis Rieupeyrou
3. OS CONQUISTADORES
DO INÚTIL/1
de Lionel Terray
4. SOBREVIVER NO MAR
CRUEL
de Dougal Robertson
5. OS CONQUISTADORES
DO INÚTIL/2
de Lionel Terray
6. NOS CONFINS DA
AMAZÔNIA
de Alain Gheerbrant

A publicar:

- OS GALEÕES DO OURO
de Robert Sténuit
- FUGIU UM CONDENADO
À MORTE
de André Devigny
- O ASSALTO AO PÓLO
NORTE
de Paul-Émile Victor